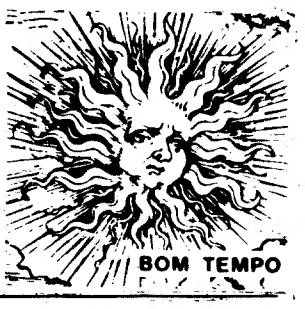
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 1974 N.º 18480 — ANO 54.º — PREÇO 2$50



Amanhã em Londres

RECOMEÇA O DIÁLOGO

Amanhã em Londres serão reiniciadas as conversações entre Portugal e a Guiné-Bissau À mesa de um luxuoso hotel londrino sentar-se-ão Mário Soares e a sua comitiva, representantes do novo Governo português, nascido do pronunciamento militar do 25 de Abril, e representantes da República da Guiné-Bissau surgido da luta armada popular desencadeada naquele território africano

O P.A.I.G.C. (Partido para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde) foi fundado por Amilcar Cabral em 1956. Na sua primeira fase, tentou a obtenção de modificações do sistema colonial português através de movimento não armados. As greves, as manifestações de rua, e outras formas de luta reivindicativa foram utilizados pelos militantes daquele partido. A isso respondeu o governo salazarista com a repressão e a violência.

No dia 3 de Agosto de 1959 encontravam-se em greve os operários do Cais do Pidjiguiti, na cidade de Bissau. O exercito e a polícia reprimiram severamente os grevistas. O acontecimento vinha ilustrar inequivocamente o carácter repressivo do regime colonial. Não era porém ainda a altura de desencadear a luta armada, como o reconheceria o próprio Amilcar Cabral. Apesar de em 1960/1961 (citamos um artido de Basil Davidson, publicado em «Le Monde Diplomatique» de Fev. de 1973), Frantz Fanon e

Continua na pág. 13

Mário Soares e Samora Machel, «companheiros de armas», abraçam-se antes do início das conversações de Lusaka, de que não resultou ainda o cessar-fogo em Moçambique (Telefoto UPI-Telimprensa-«DL»)

MOÇAMBIQUE-LUSAKA

O CESSAR-FOGO DEPENDE DE ACORDO POLÍTICO GLOBAL

Sem que o cessar-fogo se tenha estabelecido, Mário Soares regressou a Lisboa ao princípio da tarde, vindo de Lusaka, onde as delegações do Governo Provisório e da Frelimo conferenciaram.

As conversações preliminares entre o Governo português e a Frente de Libertação de Moçambique terminaram com ambas as partes na disposição de prosseguirem mais tarde o diálogo destinado a pôr fim à luta de guerrilhas que se arrasta há dez anos naquele território africano administrado por Portugal.

O ministro socialista dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares, partiu ontem à noite de regresso a Lisboa a fim de apresentar ao seu Governo um relatório sobra a forma como decorreram aqui as conversações com Samora Machel o presidente da Frelimo.

Com aspecto muito cansado, o ministro português disse aos jornalistas antes de partir: «O Governo português estava disposto a negociar o cessar-fogo, mas a Frelimo considera que o cessar-fogo depende de um acordo político global».

Falando através de um intérprete, Mário Soares explicou que o «acordo global» se referia apenas aos aspectos relacionados com o futuro de Moçambique e não significava, ao contrário do que alguns observadores pensaram, que a Frelimo só chegará a acordo com o Governo de Lisboa com a condição deste se comprometer desde já a dar a independência à Guiné e a Angola.

A frase utilizada no comunicado conjunto distribuído após as conversações entre Soares e Machel dizia: «As duas delegações reconheceram que o estabelecimento de um cessar-fogo depende de um acordo global prévio sobre princípios de fundo».

De resto, ao chegar aqui no domingo vindo de Dar-Es-Salaam, o dirigente da Frelimo manifestou claramente a sua posição ao dizer: «Não viemos para discutir a questão da independência com os portugueses. A independência é um direito nosso, inalianável». Anteriormente, ao aceitar as negociações de paz com o novo Governo de Lisboa, Samora Machel dissera: «A paz é inseparável da independência».

As conversações agora interrompidas deverão prosseguir na capital zambiana em Julho, devendo-se a demora ao facto de o ministro português estar ocupado com as negociações em Londres com o P.A.I.G.C. e depois com a conferência de ministros de Negócios Estrangeiros em Ottawa. R/DL).

Maior protecção em França aos imigrantes portugueses

PARIS, 7 Do nosso correspondente José Gabriel Viegas) — A criação de um secretariado de Estado encarregado dos imigrantes, anunciada pelo primeiro-ministro Jacques Chirac, é de modo geral bem acolhida nos meios trabalhadores estrangeiros. Tanto mais que a necessidade da existência de um organismo ou entidade susceptível de centralizar os diversos problemas que se põem aos imigrantes, dependentes de diversas direcções, subdirecções e repartições de pelo menos quatro ministérios — Interior, População, Trabalho, Assuntos Sociais — era há muito apontada.

Por si só, a criação de um secretariado capaz de tomar um certo número de decisões e iniciativas cuja aplicação prática não põe em geral dificuldades de maior, mas que até agora era demorada ou paralisada por essa dispersão das responsabilidades e dependências, constiui um elemento positivo.

Todavia, resta saber quais serão as atribuições do novo secretariado, e sobretudo os meios de que disporá. Meios administrativos — quais as relações de dependência ou independência com o Ministério do Interior —, mas também meios materiais, técnicos e económicos.

A presença de pelo menos quatro milhões de estrangeiros em França, põe problemas cuja importância ou gravidade ninguém nega, mas que nunca

Continua na pág. 24

A PARTIR DE 1 DE JULHO

Aumenta mais de 20 % o preço do papel de jornal

Segundo comunicações da firma importadora de papel de jornal, na prática a fornecedora quase exclusiva de todos os jornais portugueses desde há anos, e a exemplo do que se passa no resto da Europa, o preço do papel de jornal aumentará, a partir do próximo 1 de Julho, cerca de 21 por cento em relação ao último preço praticado, ficando agora ó papel a um preço de cerca de 95 por cento mais alto que o do ano findo.

Este aumento de preço, que agrava logicamente de uma forma extraordinária as já deficitárias condições de exploração da Imprensa portuguesa, provocou já na Europa ajustamentos de preços de venda ao público dos jornais diários dos quais o último, anunciado há dias, se verificou na Itália, onde os jornais passaram a custar 6$00.

Em Portugal, congelados como estão os preços de todos os bens e serviços e por isso já o semanário «Expresso» informou a suspensão do seu anunciado e necessário aumento para 7$50), os jornais diários vêem com apreensão o seu futuro, prevendo-se que terão de ser feitas novas e grandes restrições, extremamente inconvenientes num momento em que a necessidade de informação através de Imprensa é maior do que nunca.

No final da interpretação de «Romeu e Julieta», o Ballet du XXème Siecle e Maurice Béjart (ao centro) agradecem a extraordinária ovação dos milhares de pessoas que encheram, ontem à noite, a sala do Coliseu dos Recreios O espectáculo repete-se hoje e amanhã

28 PÁGINAS INCLUINDO "MESA REDONDA"

DL/NACIONAL

DO PRIMEIRO ENCONTRO DE DONAS DE CASA NASCE UMA ASSOCIAÇÃO

A dona de casa é uma escrava do marido e por reflexo da sociedade? À volta desta questão passou grande parte do tempo da reunião ontem à tarde realizada no Teatro Vasco Santana, por iniciativa do Movimento de Libertação das Mulheres, e da qual parecem ter saído as bases para a criação de uma associação das donas de casa.

Tudo começou quando, de entre as trezentas mulheres que enchiam a plateia, uma voz se levantou para dizer: *«Eu penso que no nosso País a dona de casa é uma espécie de escrava, ou pouco menos»*.

Palmas e gritos de «apoiado» interromperam. Mas também se ouviram, vindas do fundo da sala, exclamações de protesto, entre os quais alguém vincava: *«Eu não sou uma escrava; sou a dona da minha casa»*.

Não se pôs, então, em discussão, a origem e o significado do «slogan» masculino «cá em casa manda ela e nela mando eu». Acalmados com alguma dificuldade os ânimos pela mesa Isabel Barreno, escritora, Célia Metrass, técnica de Relações Públicas, Lia Viegas, advogada, Madalena Barbosa, dona de casa, e Maria Horta, jornalista), a primeira interveniente pôde justificar a sua afirmação:

— *Não sou uma dona de casa «revolucionária»; sou mulher e mais nada. E sinto que o meu trabalho em casa é menosprezado, se não desprezado. No entanto, todos assentamos em que a mulher no lar é o fulcro da sociedade, como pretendem. Sendo assim, tem direito às suas reivindicações, como todas as profissões que existem embora eu nem lhe chame profissão, que profissão é uma coisa mais acima...). Tudo o que eu peço e que à dona de casa seja atribuída uma retribuição, ainda que pequena: o equivalente ao pré das Forças Armadas. Uma importância que lhe permita dizer: «Isto é meu; faço deste dinheiro o que quiser»*.

Toda a espécie de problemas foi «caír» na reunião das donas de casa. Nem as mulheres do Movimento de Libertação, ao convocarem o encontro, marcando-lhe uma ordem de trabalhos que não foi possível cumprir no controlo da natalidade nem se tocou), nem elas imaginavam que tantas vozes, portadoras de tantas preocupações, iriam levantar-se na sala do Vasco Santana.

Ninguém pôs em causa os fundamentos do lar ou da família como base económica da sociedade. Reconhecendo que têm deveres, as mulheres exigem direitos. Alguém falou sobre os poderes paternal e marital, salientando que eles representam para a mulher uma opressão a que é preciso pôr termo. Outras vozes levantaram-se para protestar contra a falta de acesso à cultura. Precisamente, muitas das donas de casa começavam as suas intervenções dizendo: «E a primeira vez que falo em público e não sei dizer nada». Protestou-se contra a violência que representa a acumulação do trabalho profissional com o serviço doméstico. Falou-se da necessidade de creches. Pôs-se em causa quem devia efectivamente cuidar das crianças. Mas o sentimento de frustração das mulheres donas de casa, denunciado de várias maneiras, foi a nota dominante. Uma mulher afirmou:

— *Muitas vezes, tenho a impressão de que sou um objecto. O marido pensa que não passo de uma máquina que tem em casa para fazer o comer, ter os meninos, levá-los à escola... À noite, quando o trabalho acaba, diz-me «Boa noite, que vou conversar com os meus amigos». Os próprios filhos acabam também por considerar-me um objecto»*.

Outra mulher contou o seu caso:

«Sou dona de casa, não trabalho, não faço nada. Tenho a 4.ª classe. Faço tudo com muito amor... Verdadeiramente só sei lavar roupa. E acreditem que o faço com muito amor... Tenho um marido que é um homem excepcional; até me leva ao teatro. Mas eu gosto de teatro sério e ele só aprecia revista; então, como é feio uma mulher saír sozinha, acabo por ir à revista com ele. Vamos ao cinema; eu gosto de bons filmes, ele só gosta de «cowboys». A ele é que cabe escolher: só se vêem filmes de «cowboys». Como é que hei-de saber mais alguma coisa além de lavar a roupa? Como é que eu hei-de saber alguma coisa de política? Eu nem sabia que isso existia. Via a televisão e pensava que só havia problemas lá fora...

..Depois de intervenções da «doméstica» que, apesar de «viver bem», se sente como que «uma criada para todo o serviço»; da operária da Brandoa que não sabe onde deixar os sete filhos quando vai para o emprego;da mãe de deficientes de quem mais ninguém se encarrega; da que durante anos a fio leu em voz alta as «sebentas» da Universidade para que os filhos cegos tirassem cursos e ouve o marido acusá-la de «não prestar para nada»; da que nunca conseguiu obter o divórcio e, abandonada pelo «chefe de família», teve que enfrentar sozinha a educação dos filhos; da professora de Línguas a quem o marido não autoriza ir aperfeiçoar-se para o estrangeiro; da que enviuvou e não tem qualquer assistência; da habitante de uma barraca onde os ratos roem os pés das crianças, que dormem no «quarto» dos pais; de uma mulher espancada pelo marido que o «115» se recusou a levar ao hospital por não querer intervir em questões familiares; e de tantos e tantos outros depoimentos, denunciando a condição quer do trabalhador, quer da mulher em geral e da dona de casa em particular, acordou-se definitivamente numa coisa: de momento, impõe-se a criação de uma associação de donas de casa.

O que iria ser esta associação? Foi uma representante do Movimento de Libertação das Mulheres quem deu a possível resposta: uma organização que, num primeiro passo, apresentasse soluções concretas ao Governo, no sentido de alterar o estatuto da mulher dentro da família. O que é que se pretende? Foram as próprias donas de casa participantes na reunião que o definiram: ordenado, assistência médica independente da do marido incluindo assistência gratuíta na maternidade, protecção social a sua reforma própria), creches, infantários e escolas gratuitas, cursos de reciclagem para as mulheres que interrompem a actividade profissional para cuidar dos filhos nos primeiros tempos...

Cerca de cem nomes de mulheres dispostas a colaborar na criação da associação das donas de casa ficam na mesa. A associação vai arrancar. A mulher quer crescer.

R.L.

LANZAROTE e LAS PALMAS
2 750$00

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa:** B.º de Caselas e imediações. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av.ª Fontes Pereira de Melo 39 a 45. (Das 8 às 12 horas). Rua Veloso Salgado 16 a 56-A (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras — OEIRAS:** B.º da Medrosa. Urbanização do Alto da Barca. Rua Infante D. Henrique, Rua Alexandre Herculano e imediações. D(as 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais — ESTORIL:** Av.ª de Portugal e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra — CACÉM:** Estrada de Paço de Arcos, Alto da Bela Vista. (Das 8 às 14 horas). Negrais. (Das 8 às 14 horas). Pendão, Idanha, Venda Seca, Chutaria (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra — MALVEIRA OESTE:** Rua Heróis Dadrá, Alameda Professor Leite Pinto, Rua da Lagoa, Av.ª Dr. Oliveira Salazar e imediações. (Das 7 às 15 horas). Fonte Boa da Brincosa, Casalinho das Oliveiras, Lapa da Serra. (Das 7 às 15 horas). Rogel, Montemuro. (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca**: Verdelha do Ruivo, Morgado, Granja, Alpriate, Vialonga, Santa Eulália, (Das 8 às 14 horas).

VERDELHA e ALVERCA: Rua de Cumeira, Trav. Cumeira, Calçadinha da Cumeira, Rua do Moinho, Alto do Moinho, Rua do Outeiro, L. do Terreirinho, Cd.ª do Terreirinho, Rua do Castelo. L. do Castelo, Rua José António do Carmo, Rua de Damão, Praceta de Goa. Rua de Diu, Rua Almirante Cândido dos Reis. Rua Miguel Bombarda, Av. 5 de Outubro e imediações. (Das 8 às 14 horas).

VILA FRANCA: Rua Joaquim Pedro Monteiro, Rua do Curado, Rua Sacadura Cabral Rua Serpa Pinto, L. Marquês de Pombal e imediações. (Das 6 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Estrada Nacional, Guisanderia e Telhadas. (Das 8 às 14 horas).

CTT

ATENÇÃO ATENÇÃO
S. TIAGO DO CACÉM

Assinantes das redes de:
Abela. Alvalade. Azinheira de Barros. Cercal do Alentejo. Cruz de João Mendes. Ermidas Sado. Grândola. Melides. Porto Covo. Santiago do Cacém. São Domingos. Sines.

LIGAÇÕES AUTOMÁTICAS

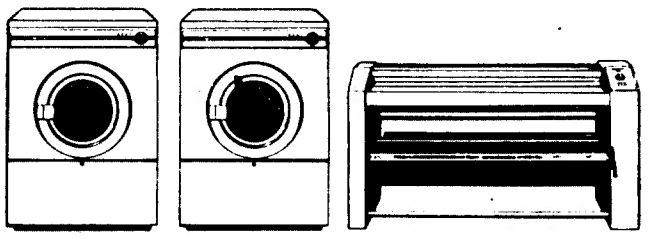
A partir das 0 horas do dia 8/6 já podem estabelecer ligações automáticas para os seguintes grupos de redes. com os seguintes indicativos:

Aveiro	034	Pombal	036
Águeda	035	Portimão	082
Beja	079	Porto	029
Braga	023	Portalegre	045
Castelo Branco	052	Santarém	043
Caldas da Rainha	012	S. João da Madeira	026
Castro Verde	073	Seia	037
Coimbra	039	Setúbal	015
Covilhã	059	Torres Novas	049
Évora	069	Torres Vedras	011
Faro	089	Tavira	081
Figueira da Foz	033	Valença	021
Guarda	051	Viana do Castelo	028
Leiria	044	Vila Franca de Xira	013
Lisboa	3	Vila Nova de Famalicão	022
Mealhada	031	Vila Real	099
Penafiel	025	Viseu	032
Peso da Régua	095		

SERVIÇOS TELEFÓNICOS ESPECIAIS

Avarias	13	Informações	12
Despertar	19	Inf. Serv. Interurbano ..	16
Horas	10	Telegramas	15

Novas máquinas para lavandaria de construção compacta



economia de espaço de 50%

É o que oferecem as novas máquinas MIELE de construção compacta. Elas adaptam-se fàcilmente às necessidades dos hotéis, pensões, clínicas e lavandarias colectivas em blocos habitacionais.

Miele

Agente Oficial:

M. L. FERREIRA

Dep. Industrial
Rua D. Estefânia, 32 B
Telef.: 560213 - 588886
LISBOA

JOSE AUGUSTO FRANÇA

PARIS DEPOIS DO 25 DE ABRIL

Para muita gente Paris foi, durante anos e anos, terra de exílio. Uns por obrigação de segurança pessoal, outros para sobreviverem profissionalmente, aqui sobretudo se instalaram ou passavam largos períodos da sua vida. E muitos deles, escritores e professores, operários e artistas, jovens que recusavam a guerra colonial e vinham estudar disciplinas impossíveis em Portugal, aqui comeram um pão amargo e sacrificado.

O Portugal do «Estado Novo» exportava gente, à míngua de outra mercadoria e assim garantia o seu próprio silêncio interior que a Imprensa fiel, a Rádio e a fiel Televisão cortavam de aplausos oficiosos... Mas era um silêncio como o do mar, que Vercors descreveu, a propósito de uma «ocupação» a vários títulos semelhante — e que cobria ora recusas e desprezos, ora esperanças e trabalhos de um real viver português. Viver que agora bem se realizou, com o súbito deflagrar das ondas, o repentino encapelar da silenciosa superfície das águas..

Este Paris, eterno refúgio e garantia de uma liberdade que sobretudo 1789 continua a definir, com o romantismo necessário à respiração, era assim «rendez-vous» de amigos de passagem, em longas conversas de esperança e não. «Contactos», como dizia a Pide, atenta pelos cafés do Boulevard Saint-Michel... Os portugueses iam sendo aqui imigrantes de um país-vítima e pouco interessante. Sucesso nacional, creio que só o tiveram uma vez, quando do caso «Santa Maria», em grandes títulos de jornal, na divertida alegria que provocou a toda a gente... O resto era a guerra colonial que nos envergonhava a todos — facto anacrónico e por isto ridículo, facto paranóico na sua tragédia contra toda a evidência histórica da solução política necessária e talvez suficiente em 1961. E bem difícil em 1974. ... Mas agora Paris é outro, e «outros» os portugueses que aqui se vêem: prontos a regressar a uma pátria reencontrada. E as conversas são diferentes, dirigidas a um diferente futuro, com uma política aberta à realidade do mundo e à sua evolução temporal — depois de meio século de atemporalidade bisonha ou calculista a curto prazo, de solidão que se supunha «orgulhosa» e era apenas doentia. Um futuro diferente, com uma cultura que entretanto deu um salto mortal no Ocidente — e à qual estruturas novas têm de responder para refazer as exigências da vida e do tempo reencontrado, neste último quartel de um século XX a que não tivemos até agora direito. Ou que só no estrangeiro pudemos viver, exilados d'além e d'aquém fronteiras.

Outro Paris, então — com estas notícias que nos chegam de Portugal e são graves

Devemos, porém, reflectir sobre elas, e entender que a sua gravidade é apenas conjuntural, e talvez necessária no jogo dos elementos em presença. Ninguém podia ignorar que as «direitas», camuflando-se, haviam de sabotar a acção revolucionadora das estruturas que se esboçam e afirmam. E que o fariam procurando desorganizar a economia, fomentando-lhe as dificuldades, acelerando o processo contestatário da mão-de-obra — provocando, em suma, a desordem. Trata-se de uma estratégia consumada — que o Chile ainda há pouco conheceu...

A excitaçãodas reclamações dos assalariados, exigindo salários mínimos superiores aos da França, onde o custo da vida é muito mais elevado, espanta, aqui, os nossos amigos franceses. Maturidade, decerto, por razões de euforia — mas há que aprender, rapidamente, a lição da realidade que é, ao nível da economia, de uma fragilidade que o «Estado Novo» escondia, e, ao nível da história, de um processo reaccionário tradicional. Não podem os sindicatos, não podem os dirigentes polí-

Continua na pág. 10

MARIA JUDITE DE CARVALHO

FIM DE TARDE

Com o Sol ou, pelo menos, à luz da manhã, tudo era diferente, ele sabia-o, todos o sabem, é dos livros. A luz dava às coisas uma nitidez agradável, rosada, ou talvez fosse diferente, talvez ela lhes retirasse, muito simplesmente, uma parte do negrume nocturno que as embaciava, as sujava. De manhã tudo parecia pois mais solucionável. Difícil, sem dúvida, mas há tantas coisas difíceis neste mundo, tantas coisas aparentemente impossíveis de resolver e, apesar disso, resolúveis. Tudo é resolúvel, tudo, tudo, mais que não seja porque as pessoas chegam ao fim do caminho, tarde ou cedo ao fim do caminho para além do qual está o mistério. Mistério-nada ou mistério-tudo. Para ele era nada, portanto...

Que as coisas se compunham, veria, dizia-lhe as pessoas no emprego, naquele metal de voz indiferente, de quem fala por falar, por, por ter sido programado para falar e dizer coisas assim, vazias. Se não as dissessem sentir-seiam, uma espécie de criminosas por silêncio. Ele sorria vagamente, um gesto, um jeito. Sorria como quem não acredita mas aceita, por próprio gesto (ou jeito), judas de si próprio.

Vinha sempre para casa devagar. Aquilo a que ele chamava alma (porque havia em si, talvez, uns vestígios dos ensinamentos da infância) e era uma espécie de seu duplicado, invisível, pois claro, activo dantes, entusiasta, arrastando-o por auto-estradas e caminhos de cabras, enrolava-se agora dentro do seu corpo visível, punha os joelhos à boca, recusava-se a colaborar. Recusava-se terminantemente a colaborar. E então ele caminhava devagarinho, parava de vez em quando tinha — coisa nova — os seus vagares. Às vezes (muitas) olhava para o relógio, um bom relógio que também andava lentamente, que talvez parasse de vez em quando, para o ajudar, para o acompanhar, quem sabe?

A certa altura do percurso, ele sacudia-se, libertava-se de todos os tentáculos invisíveis, punha-se a andar depressa porque pensava — de súbito pensava — que a mulher estava muito só muito mal, e à sua espera. Ansiosa à sua espera.

Chegava então, cansado, com o coração aos pulos porque a escada era alta e ele subia-a a correr. Quando abria a porta e lhe chegava às narinas aquele cheiro tão intenso a medicamentos e a quarto fechado, e aos ouvidos a voz dela, tão fraca, plangente: «Es tu?», o homem dava entrada na noite e no irresolúvel. Entregava-se, por assim dizer.

AFONSO CAUTELA

UM DOMINGO NA AZAMBUJA

O mito de que as esperas de touros são uma tradição muito arreigada no espírito do povo ribatejano e de que, por natureza, o homem da lezíria é amigo de sangue e de morte — parece começar a ter também quem venha contestá-lo.

Vivemos a hora das justas críticas e reivindicações.

Azambuja esteve sempre no cartaz das terras mais aficionadas a este desporto que alguns consideram bárbaro: sem querer disputar a primazia a Vila Franca, a Santarém, ao Cartaxo ou à Moita, Azambuja justifica a «reincidência» nestas práticas um tanto sanguinolentas desculpando-se com os outros.

— «Se os outros fazem, Azambuja não pode ficar atrás, o povo gosta disto e se alguém lhe fosse tirar esta distracção, armava aí um burburinho.»

No entanto, razões mais verídicas vão vindo à tona das conversas que ouvimos:

— «Azambuja não tem outras diversões. E a Feira não valia nada sem isto. Os forasteiros só cá vêm por causa dos touros. E a Câmara até parece que perde dinheiro com o espectáculo...»

Poderia pensar-se, portanto, que o fazia por amor à arte e ao regionalismo, não fossem os que todos os anos tombam, feridos ou mortos, para glória deste toureio apeado.

Às opiniões conservadoras anteriormente registadas, veio juntar-se a de um jovem que, ao saber-nos dos jornais, contrapunha com energia uma posição contrária aos mitos em vigor da Festa e do populismo:

— «Se vamos a dizer que o povo quer tudo quanto lhe impingem, acaba por acontecer o que durante 48 anos aconteceu: ele foi vítima de tudo quanto não queria, mas que o acusavam de querer. Não houve nada que não se infligisse ao povo sob a desculpa de que ele o queria, de que ele não merecia nada melhor e de que, até ficaria muito frustado se lhe tirassem a canga, se deixassem de lhe dar chicote e circo».

«E uma grande desculpa, essa, de que o povo gosta. Façam um plebiscito e apresentem alternativas: se lhe derem à escolha, logo sabem o que ele prefere...».

Quando às 11 horas e 5 minutos da manhã trouxeram em maca dos Bombeiros da Azambuja o primeiro ferido, alguns traseuntes empilharam-se para saborear melhor e mais de perto o «espectáculo» mas outros afastaram-se, protestando, dizendo que afinal nada tinha mudado na mentalidade desta gente, um mês após ter mudado tanta coisa no País e no Mundo (por causa do nosso País).

Alguns, repugnados com o sangue que jorrava das têmporas da vítima, afastavam-se, abafando a sua indignação o melhor que sabiam. Também eu, observador com a obrigação de se manter neutral ocultava os meus sentimentos o melhor que podia sobre esta festa sado-masoquista. Tentei ser neutral perante a morte, «acima de paixões e posições sectárias», como soe dizer-se, e como se fosse possível não ser pró nem contra este espectáculo que, para lá da sua intrínseca e absurda violência, é uma técnica de manipulação popular.

Segundo ferido, minutos depois, às 11.20:

— «Vai morto, o pobrezinho» — comentou uma senhora de idade, como se estivesse a assistir a um programa previamente ensaiado e tudo estivesse a sair de acordo com o previsto, sem anomalias, sem alterações... A senhora de idade comentava o inevitável, o irremediável, não lamentava. Mas também não acredito que se regozijasse. Era mais um número «previsto» no programa e chegara a sua altura de ser representado. Só por acaso não houve aplausos.

TOURO «EMBOLADO» CORTA A EMOÇÃO

Agora que os ditos primeiros feridos já tinham dado a todos a certeza de que o programa não fora alterado, unânime era o consenso de que, sim senhor, a «espera» fora um êxito nos anais da feira azambujana.

O ano passado, com um morto, o espectáculo atingira igualmente o satisfatório, mas nem todos os anos se pode chegar aos cumes da glória.

Os dois rapazes colhidos são empregados na firma mais conhecida da terra. Por coincidência, a mesma casa senhorial que empresta de boa vontade os touros para serem lidados. Com uma condição porém: nada de os «embolar». O corno «embolado» não só retira emoção (e sangue) à Festa, que se quer de arestas cortantes, como — diz-se — permite que o povo «maltrate» os reais bicharocos da casa senhorial e os deixe magoados.

Não falatava mais nada, que bichos tão bem alimentados, brinquedos tão caros, fossem dali amachucados pelas sevícias do público brincalhão.

Boa ideia portanto, é que venham desenbolados e que possam, assim, furar perna, têmpora, braço, carótida ou coração muito mais a contento.

Festa de sangue sem mortos, sem ao menos um ferido, que piada tem?

Na igreja, mesmo ao lado do terreno onde homens e bichos exibem a sua «luta», cartazes escritos por mão meiga não esquecem o dia da Mãe, e palavras de suave ternura acompanham fotografias alusivas ao dia que oficialmente era consagrado à personificação da ternura: a Mãe.

Enquanto o sacerdote oficiava a missa, os «urros» da multidão excitada por essa desigual exibição de forças iam quebrar-se contra as paredes do templo, como ondas raivosas.

Latifundiários da região, com suas famílias endomingadas, recebiam a unção do ofício religioso. Mas o povo cá fora, continuava a ser manipulado, não pelas forças de Ternura e da Bemaventurança, mas por forças que o «transcendem» e cujas raízes talvez não estejam longe desse histórico pelourinho que, no centro da vila, no coração da civitas, ali ergue os seus buracos de tortura, ali serve ainda de evocação fantasmagórica às cerimónias de enforcamento medievais.

Também se dizia, nas medievais idades, que o povo «gostava» dessas cerimónias e, por isso os inquisidores de então, igualmente prestáveis como os de anteontem, as faziam públicas.

Em nome de quê, e de quem, ó povo desatento, te manipulam os inquisidores de todos os tempos?

Agora que todo o tempo é pouco para as pessoas se organizarem em seu proveito colectivo e trabalharem em comum na tarefa de reconstrução do País, na «salvação nacional» em que todos nos encontramos finalmente empenhados, os tempos vazios começam a ficar também em questão e os mais avisados perguntam se deveremos continuar a gastar-nos em frivolidades marialvo-fadistas, ou se, pelo contrário, a época do «pão e circo» já lá vai e se há que proceder definitivamente ao seu enterro.

De contrário, quantos hospitais se terão de continuar ocupando destes feridos nas tardes heróicas das touradas à portuguesa?

O mito da Festa é um dos que as ideologias repressivas e reaccionárias mais interesse têm em alimentar, como facilmente se compreende.

Em contraponto com o Trabalho e o seu panegírico, vem a Festa, vem a folgaça, a feira, a romaria, vem o foguete e o fogo de artifício, vem o folclore e o mercado da Primavera, na tentativa de especular com outra mitologia conformista, traduzida em consabida terminologia: o povo diverte-se — diz-se — e por isso a Festa é aparentemente o domínio puro do popular. Pela festa — alega-se — dá-se ao povo (oprimido pelo trabalho) um dia no ano para se aliviar de escravidões e alienações. E a função catárctica que Aristóteles já atribuía à tragédia grega...

A espera de touros, nas vilas ribatejanas não tem outro significado e o Regime de opressão enterrado em 25 de Abril, sabia-o bem. Fomentando essas e outras festas, dizia-se popular quando estava pura e simplesmente a manipular o povo e a servir-se dele, iludindo-o. O florescimento que os cartazes e festivais regionais folclóricos tiveram no reinado fascista

Continua na pág. 7

DL/NACIONAL

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Para breve uma reunião geral de trabalhadores

..Uma reunião plenária dos trabalhadores da Administração Pública é um dos objectivos fundamentais do Secretariado entretanto criado que, em comunicado ontem divulgado, estabelece algumas indicações relativas à actuação imediata dos trabalhadores.

Tais indicações surgiram após o desenvolvimento de um trabalho que teve por temas: formular a unidade da classe trabalhadora; evitar as manobras das hierarquias fascistas que se arroguem em defensores dos interesses dos trabalhadores, e o reconhecer, na prática, de quem está ao lado dos trabalhadores e pode representá-los é, no entender do Secretariado, o meio para que, em breve, se possa avançar para uma reunião plenária dos trabalhadores da Administração Pública, para discussão e votação do caderno de reivindicações imediatas.

«Neste momento — diz-se no comunicado — parece-nos que a única forma de o fazer é generalizar a discussão em todos os locais de trabalho, em volta dos problemas comuns os 10 pontos do Caderno de Reivindicações Imediatas:

1 — Regulamentação uniforme das relações de trabalho: a trabalho igual, salário igual; único vínculo para os trabalhadores; igualdade de direitos sociais; eliminação das práticas discriminatórias; direito à greve.

2 — Estabelecimento de um vencimento mínimo obrigatório de acordo com as necessidades actuais.

3 — Redução das disparidades entre os vencimentos.

O 25 de Abril em debate

Um encontro de reflexão sobre o 25 de Abril e a nova dinâmica em Portugal promovido pela Juventude Universitária Católica decorrerá no próximo sábado às 21 e 30 no Colégio do Sagrado Coração de Maria (Avenida Manuel da Maia).

Participam: p. Luís de França teólogo dominicano), p. António Correia prior de Palmela), Fernando Abreu dirigente do Centro de Cultura Operária), e um estudante.

Lavradores pretendem aumentar para 5 escudos o preço do leite

Cerca de um milhar de lavradores estiveram presentes na assembleia geral extraordinária da Cooperativa de Ílhavo que se efectuou no pavilhão daquela vila e em que foram discutidos problemas do maior interesse para a vida associativa e dos que no organismo confiam, sobretudo quanto ao preço do leite. Desde já importa salientar que naquela cooperativa estão inscritos cerca de 2200 agricultores e 1900 produtores de leite e que em Janeiro de 1973 possuía 27 salas de ordenha com uma produção mensal de 400.000 litros de leite e que em Maio corrente há 76 salas onde se extraiem 1.200.000 litros.

Depois de saudar as Forças Armadas o rev.º padre Manuel da Rocha Creoulo, presidente da assembleia geral da Cooperativa, apelou para a união de todos os lavradores aconselhando a que todos pusessem de parte o seu egoísmo, criando-se uma agricultura de grupo porque «a agricultura minifundiária só unindo-se em todos os campos se poderá defender». Continuando a dissertar, aquele sacerdote acrescentou que se deve partir quanto antes para uma agricultura mecanizada, racional e intensiva. Sobre o «não-te-rales» dos nossos lavradores o padre Creoulo salientou de que «chegou o momento de deixarmos de ser uns amorfos que vivemos no meio da sociedade, para nos inserirmos nela como parte integrante. Ou o facto de sermos lavradores irradia-nos da sociedade?».

Falando depois do preço do leite e da «arbitrária oscilação de preços de tudo o que o lavrador vende, em contraste flagrante com os preços elevados de tudo o que se compra e atendendo ao trabalho que o leite dá e à despesa que acarreta, é queixa comum que a exploração agro-pecuária não é rentável e que o aumento irrisório de há pouco tempo, em vez de estimular os lavradores veio a acicatá-los ainda mais, pois olhando à subida de tudo o aumento de $25 dado ao leite não pode contentar ninguém. Queremos vincar que não é uma esmola que o lavrador pede: é uma exigência que o condicionalismo da vida actual impõe. Em face da carestia de todos os produtos não será reevindicar algo de injusto pedindo a quem de direito, para já, 5$00 por litro bem como a paragem na subida de preços do que o lavrador compra».

E, antes de terminar a sua intervenção o padre Creoulo pôs ainda este problema:

«Qual será mais útil à alimentação do povo: um litro de leite ou uma laranjada? Parece-nos, pois, que pedir 5$00 por um litro de leite não é lesar a justiça. O que se está a fazer é que será lesar a justiça, abusando daqueles que na humildade e no silêncio têm vivido na escuridão sem deixarem de ser pedras base na construção de Portugal».

O técnico gerente Gamelas Souto começou, na sua intervenção, por referir que «o Governo fascista só prestava a devida atenção à Lavoura na altura das eleições, em deslocações constantes ao seio dos agricultores acompanhados dos seus acólitos que com sorrisos e palmadinhas prometiam tudo só para obterem votos. Mas com esta limpeza geral que se está a proceder nas entranhas da lavoura a fim de repelir todos os vermes sugadores que encabeça os vários organismos, o lavrador poderá finalmente respirar e livremente se agrupar. A organização da cooperativa vai por água abaixo se os seus membros não pensarem no que lhes interessa nem souberem o que dizem, porque a lavoura é, neste momento, uma força enorme que é preciso pôr ao serviço da liberdade, do progresso e da dignificação de todos nós».

Foi pedida ainda autorização para que a Cooperativa possa ocupar as instalações do Grémio de Vagos para aí ter a sua como sede. Neste sentido, foi aprovada uma moção a enviar à Junta de Salvação Nacional. Também a falta de colaboração da Câmara Municipal de Vagos foi focada, pois aquele organismo concelhio indeferia sistematicamente todos os pedidos para instalação de mais salas de ordenha.

Ponto assente naquela assembleia: pedido de aumento do preço do leite para 5$00 o litro, até Setembro deste ano e para 5$50 daí em diante.

Exigido em Alpiarça o julgamento dos assassinos de um trabalhador

..Durante o comício realizado em Alpiarça, por iniciativa do P.C.P., e após a transladação dos restos mortais de Alfredo Lima, trabalhador abatido a tiro por elementos da G.N.R., foi enviado ao Governo Provisório um telegrama reivindicando que seja imediatamente aberto um processo contra o sargento Francisco Pires e contra o soldado da G.N.R. Armando de Sousa, considerados responsáveis pelo sucedido.

O comício teve lugar no Estádio Municipal da vila, e registou a presença de militantes do P.C.P., do P.S.P., do P.P.D., e do C.D.E.. Assinale-se que Alfredo Lima não pertencia ao P.C.P.

Carlos Pinhão Correia, membro da direcção regional de Oeste do Ribatejo do P.C.P., usou da palavra para dizer a este propósito:

«Há quem pense e não ponha em dúvida a honestidade com que o faça, que pelo facto de Alfredo Lima não ter sido militante do Partido Comunista, o Partido não se devia arrogar o direito de o homenagear, pois não lhe competia assinalar o dia do seu assassínio».

No entanto, acrescentou: «Não esqueçamos os mortos, e porque queremos defender os vivos, o Partido Comunista Português não é um Partido para destruir, é um Partido para construir».

NOVA REUNIÃO PRO-DIVÓRCIO

O Movimento Nacional Pró-Divórcio realiza no próximo dia 21, às 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, uma sessão de esclarecimento sobre os problemas do divórcio em Portugal e o trabalho que o grupo tem vindo a realizar.

A decisão de efectuar este encontro foi tomada na última reunião da comissão do movimento, realizada num sindicato de Lisboa. Aí foi também decidido nomear delegados do movimento por todo o País.

Entretanto, informa-se que o Movimento Nacional Pró-Divórcio tem sede na Avenida Rovisco Pais, 24-1.º, em Lisboa.

Exposição canina

Mais de trezentos cães de sessenta raças vão ser expostos no Jardim Zoológico, amanhã e depois, por iniciativa do Clube Português de Canicultura.

Além dos exemplares da casa, muitos bichos vêm directamente do estrangeiro, para participar neste certâme multirracial. Entre os concorrentes, vários têm já medalhas de campeões.

AMANHÃ

Basta saber ler para encontrar no S. F. horas de agradável companhia. Voltado, na sua nova fase, para a informação geral e política, o S. F. nada perdeu da sua antiga agressividade — embora a pratique em moldes mais adaptados aos tempos que correm e aos desejos do homem de hoje. Nota importante: basta saber ler para verificar que o S. F. é um semanário INDEPENDENTE

sempre fixe

AMÁLIA canta

nos Casinos de

ALVOR

10 de Junho

e

VILAMOURA

11 de Junho

Sala de máquinas – acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos – diariamente das 17 h às 3 h
Alvor – telf. (0082) 23141
Vilamoura – telf. (0089) 65319/86
Maiores de 14 anos

CASINOS DO ALGARVE

TV DL/ESPECTÁCULOS

BRAVO, MEU TENENTE!

Um numeroso grupo de pintores portugueses vão participar num trabalho colectivo no próximo dia 10, num gesto de solidariedade para com as Forças Armadas que no dia 25 de Abril deram cabo do regime fascista. Participarão com aquilo que podem e com aquilo que devem: com o seu trabalho. Do seu encontro nascerá uma obra colectiva que marcará a presença dos artistas portugueses na profunda união entre as Forças Armadas e as massas populares.

Os artistas, uma vez mais, estão no caminho da História. A sua solidariedade marca a certeza de que o futuro da nossa pátria assenta nessa união, assenta na convicção de que esta união tem de ser fortalecida hora após hora e por todos os meios ao nosso alcance.

Alguns dos nomes maiores da arte portuguesa estiveram na Televisão para nos falarem desse encontro de solidariedade. Foram eles: Rogério Ribeiro, Pomar, Vespeira e Nikias. No meio deles o tenente-médico Ramiro Correia que, não sendo pintor, conseguiu ser a figura central deste encontro e já veremos porquê.

Com a maior simplicidade, desterrando todas as convenções e protocolos aqueles artistas falaram-nos da sua tarefa do dia 10: levantarão um painel colectivo, ali a Belém, e haverá música de Lopes-Graça, a presença do Coro da Academia de Amadores de Música e mais o coro dirigido por Francisco d'Orey e mais o teatro de Campolide e uma banda da Marinha. O povo não faltará. Ele, que no dia 25, bloqueou as forças leais ao regime, cercará desta vez cerros seus artistas, passará com certeza, da realidade para a tela.

Festa popular, é isto o que vai ser. Festa da libertação. Festa da Pátria reencontrada. Pela primeira vez, de há 50 anos para cá, Camões há-de sorrir e lançar-nos a sua benção. E quem sabe, quem sabe se ele não descerá, nessa tarde, do Olimpo para, ao lado dos pintores, escrever mais uma estância dos «Lusíadas»

A ARTE É INCOMPATÍVEL COM O FASCISMO

A certa altura, o tenente-médico Ramiro Correia tomou a palavra. Sem papel, nem apontamentos, olhos nos olhos: e as palavras vieram simples, directas, necessárias.

Têm os telespectadores vivido grandes momentos na televisão portuguesa depois de Abril. Foi um momento grande aquele que vivemos ontem, com a presença de Ramiro Correia. Dessa presença ressaltou a plena certeza de que, na companhia das Forças Armadas, a força do povo português será indestrutível.

Vou calar-me e vou convidá-los a ouvir e a meditar nesta intervenção que é, repito, das coisas mais belas que já aconteceram neste País.

Como cidadão e como militar, devo dizer que me sinto muito feliz por ser possível, neste momento, fazer coisas destas em Portugal. Os nossos amigos do Movimento Democrático dos Artistas Plásticos deram a esta festa uma designação que me parece altamente adequada: chamaram-lhe jornadas de solidariedade. É que o termo é mesmo este: solidariedade. Eu acho que não se deve falar em homenagens nem chapeladas aos homens das Forças Armadas mas sim em solidariedade.

A luta contra o fascismo processou-se durante dezenas de anos no meio do povo português. É o povo português que gera as Forças Armadas. Logo, foi no povo português que o Movimento das Forças Armadas encontrou as suas raízes quer políticas, quer mesmo físicas.

Daí não se poder pôr, de maneira nenhuma, qualquer ideia de paternalismo em relação ao povo português, da parte de quem quer que seja. Qualquer ideia de paternalismo que surja é uma ideia que começa por não ser democrática e além disso pode inserir-se em duas posições: ou ingenuidade política, ou então é uma bem marcada, ideologicamente bem determinada, como não democrática.

Eu penso que esta jornada de solidariedade é muito importante. Porque o fascismo usou sempre formas de repressão em relação ao povo português, muito variadas: umas mais ou menos visíveis, outras mais ou menos camufladas. A divisão do povo levava o povo a não poder comunicar entre si e o que se verificou durante 48 anos foi uma ausência absoluta de comunicação social do povo português.

E depois eram apresentadas coisas como estas: os trabalhadores eram indivíduos que trabalham ordeiramente... — pulverizados em centenas de sindicatos que nem sequer representavam os seus interesses, portanto tudo conduzia a uma exploração pacata do povo português; os estudantes eram representados como um bando de preguiçosos. Os dirigentes do ensino nacional falavam que «estudante é aquele que estuda» e então os estudantes, nas suas manifestações que eram na maior parte abafadas, eram uns chatos que andavam a levantar problemas de «democracia no ensino, de universidade para a nação»... Tudo isto levava a

disvincular todo um povo para já dos trabalhadores, para já dos estudantes.

E então as Forças Armadas?

Então veio muito do apoliticismo das forças armadas: o militar é um indivíduo apolítico, indivíduo neutro, politicamente.

Assistimos durante 48 anos a esta coisa: dava-se diariamente a degradação do homem português, diariamente os direitos fundamentais do homem português eram espezinhados neste país, à nossa vista, e o militar, porque era apolítico, não podia tomar posições perante esta realidade do país.

É evidente que em 25 de Abril, as Forças definiram perfeitamente que nunca mais é possível neste país ser-se apolítico, neste sentido. Evidentemente, uma coisa é apoliticismo, outra coisa isenção política. São coisas completamente diferentes.

As Forças Armadas são *altamente comprometidas politicamente com as instituições que o povo determinar e tão só responsáveis politicamente de duas maneiras que são complementares: como cidadãos inicialmente, e depois porque são aqueles que têm as armas e têm a força das armas e essa força das armas tem de estar sempre à disposição do povo. Tem de ser feita para defender os interesses do povo.*

Depois vêm os artistas criadores. Evidentemente que o fascismo é irreconciliável com a arte. A arte é apelo permanente à inteligência e sensibilidade de um povo; o fascismo fomenta a degradação, conduz à morte. Portanto há aqui logo uma oposição absoluta entre o fascismo e a arte.

Eles tinham técnicas muito subtis de psicanálise social e aproveitavam para dizer que os artistas eram uns degenerados, que eram indivíduos preguiçosos que não queriam trabalhar e não sei que mais e que tinham basófias intelectualóides... o que havia era uma tentativa de separar a criação do povo.

Depois, não há dúvida, por razões várias, os artistas, como os estudantes, assim como certas patentes militares, provinham de determinadas classes sociais e isto não se pode ignorar e portanto podiam ser mais ou menos permeáveis a esta política. Mas o que é certo é que o dia dez de Junho e toda esta organização que está a ser feita é um acto político. É um acto político de comunicação social, um acto político que derruba o fascismo naquilo que ele tinha de mais subtil que era a separação do povo português em vários extractos.

Nós não podemos ignorar que o fascismo foi apeado do poder, mas o fascismo não está eliminado da vida portuguesa. Isto é que é a realidade. Em muitos locais encontram-se estruturas fascistas que não foram seriamente abaladas ainda e que embora não se deva de maneira nenhuma fazer a caça ao homem, de maneira nenhuma, a verdade é que não se podem permitir estruturas fascistas porque isso é um perigo para a nação é um perigo para uma via democrática.

Se nós queremos entrar nas vias do futuro, se queremos encontrar processos democráticos de construção do homem português, nós não podemos ser ingénuos politicamente. Nós temos que estar unidos, temos de ser esclarecidos, temos de ser serenos, mas também temos de ser decididos. A decisão é uma força nesta altura. Temos de actuar e ser decididos. Se nós não fizermos isto, se nós nos dividirmos, se nós perdermos este espírito de união que nos tem caracterizado, estamos a possibilitar que o fascismo não seja completamente erradicado da vida portuguesa e até pode acontecer que outras formas mais ou menos disfarçadas de opressão do povo português, se instaurem entre nós.

É importante que nos unamos e daí o nosso apoio e perfeita solidariedade com todos os nossos amigos que se vão encontrar connosco na festa do dia 10 de Junho.

LOTES

Ao comprar um lote de terreno para construção de moradias, V. coloca o seu capital num investimento 100% seguro. Nesse lote, poderá construir uma casa, para sua residência ou rendimento.

Assegure o futuro.

Compre lotes aprovados.

URBANIZAÇÃO DO SOLAR DE ST.º ANTÓNIO

Alvará N.º 7 da C. M. C.

Rua Combatentes Ultramar — PAREDE

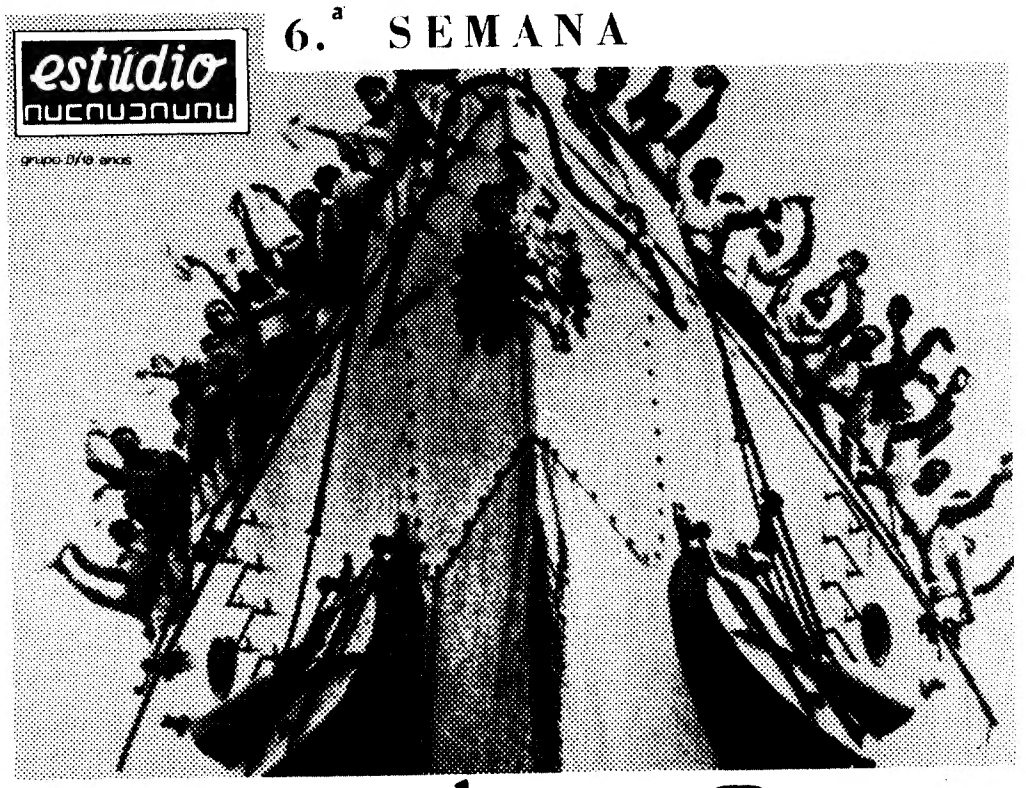
INFORMAÇÕES: Sábados e Domingos, das 14 às 19 h

6.ª SEMANA no SATÉLITE

O MAL AMADO

GRUPO D 18 ANOS

6.ª SEMANA



agora podemos ver O COURAÇADO POTEMKINE de sergei eisenstein

(VERSÃO INTEGRAL DO NEGATIVO ORIGINAL) animatógrafo

EM COMPLEMENTO : O FILME « J A I M E » DE ANTÓNIO REIS

SINDICATO NACIONAL DOS CAPITÃES, OFICIAIS NÁUTICOS E COMISSÁRIOS DA MARINHA MERCANTE

CONVOCAÇÃO

A Mesa da Assembleia Geral deste Sindicato convoca todos os seus associados a comparecerem à Assembleia Geral Extraordinária que se realizará na sede deste Sindicato no dia 12 pelas 21,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos :

1.º — Informações;

2.º — Apreciação do trabalho efectuado pela Comissão Directiva Provisória;

3.º — Apresentação de Listas de Candidatos para os Corpos Gerentes deste Sindicato.

Lisboa, 6 de Junho de 1974

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL PROVISÓRIA

Júlio Quintela Paixão de Almeida Dias

DL/ESPECTÁCULOS

Concertos em Albufeira

ALBUFEIRA — Abre amanhã, às 21 e 45, a série de concertos do Hotel da Balaia para esta temporada. O Coral Phydellius, dirigido por José Robert, interpretará obras de Monteverdi, Poulenc, Gallus, autores anónimos do séc. XVI e música portuguesa, sobretudo de Fernando Lopes Graça. As entradas são gratuitas.

No domingo, o coral actuará em exclusivo, às 17 horas, para o pessoal do hotel.

SNACK-BAR FLÓRIDA

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL

Reabre, remodelado, princípio de Junho

Entretanto, porque não utilizar o RESTAURANTE e GRILL no 1.º andar do HOTEL FLÓRIDA?

Entrada também pela Rua Duque de Palmela

CINEMA-ESTREIAS — LAURO ANTÓNIO

A virgem e o sortilégio

Título original: AU RENDEZ-VOUS DE LA MORT JOYEUSE
Realização: Juan Buñuel, 1973 (França)
Intérpretes: Jean-Marc Bory, Françoise Fabian, Renato Salvatore, Yashmine Dahm, etc.
Distribuição: Rank Filmes
Estreia: Estúdio 444 (28.5.1974)

Estes casos aconteciam muito no século XVI, particularmente nas casas onde havia raparigas ainda virgens. E um padre que o diz ao verificar pelos seus próprios olhos os estranhos acontecimentos que se desenrolam perante o espanto e o terror (aliás plenamente justificados...) de quantos se vêem envolvidos nesta história. Ora perante este depoimento, parece-nos o caso de solução bastante fácil... Mas o caso passa-se em pleno século XX e a virgem é aqui a inquietante Sophie.

Sophie é uma adolescente, bonita, intelectualmente bem formada (como boa filha de intelectuais burgueses que é) e dedica ao pai um transbordante amor filial, causa de todos os males que atormentam quem quer que seja que venha interpor-se entre ela e o pai. Assim vão sendo atingidos a mãe, o irmãozinho mais novo, os amigos do pai, os técnicos de televisão que devassam a sua vida privada em busca de emoções fortes para os serões dos senhores telespectadores, ou o padre que alberga orfãzinhas no reduto sagrado que é a sua casa.

No entanto, a serenidade da jovem nunca é alterada e de nada suspeitaríamos, em relação aos demoníacos espíritos que a possuem, se eles não possuíssem também — e com que violência! — toda a casa, objectos e pessoas que ousam penetrar nos domínios desta jovem de tão doce aparência (lembram-se de **A Casa Maldita**, de Wise?...). Consciências pouco tranquilas ou espíritos de formação ainda um pouco medievalista? O que importa é que todos sucumbem... e o espectador que começou por rir perante mesas de pé de galo vingativas, vai «amarelando» o riso, até regressar com um certo mal-estar deste «encontro com a morte alegre».

Claro que Juan Buñuel, o filho do «outro» Buñuel, tem tradições de família a defender e **A Virgem e o Sortilégio**, se não é um grande filme fantástico, é, pelo menos, uma curiosa incursão no domínio do sobrenatural, em que o riso vai mascarando certos temores, em que os homens de fé e os de pouca fé vão igualmente caindo às mãos dos espíritos (espíritos de qualquer forma bem menos conformados do que os do tão falado **Exorcista**) e em que o enigma final deixa um sorriso inquieto em crédulos e incrédulos.

TEATRO • tel 326037
"VARIEDADES"

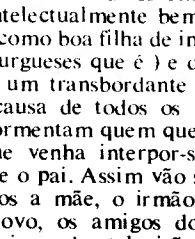
UMA CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS
VASCO MORGADO APRESENTA

2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras 21.45 h.
Sábados — 2 sessões 20.45 e 23 h.

DOMINGO e FERIADOS às 16 e 21.45 horas

A MAIS EXPLOSIVA FARSA DOS ÚLTIMOS ANOS!

CAMILO DE OLIVEIRA
na «giríssima» comédia
UM PADRE À ITALIANA



com
IRENE ISIDRO
LINDA SILVA
DAVID SILVA — JOSÉ BRAZ — JOSÉ CARLOS
actor convidado
LUÍS FILIPE
(Grupo D - M/ 18 anos

Fazer o "cinema necessário" propõe a Federação de Amadores

Os clubes da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores reunidos em assembleia-geral extraordinária para estudo e definição de linhas de orientação do movimento no novo contexto da vida nacional, reafirma unanimemente a sua decisão de:

1.º Dar toda a colaboração, na medida das suas possibilidades, ao programa do Movimento das Forças Armadas no sentido da democratização da cultura portuguesa através do cinema.

2.º) Oferecer, para esta democratização, uma maior dinamização e divulgação regional das suas actividades, de modo a uma progressiva e rápida concretização dos planos que as direcções da Federação vêm traçando desde o I Congresso Nacional de Cinema de Amadores, realizado em Outubro de 1970, e de acordo com as decisões das assembleias-gerais dos anos seguintes.

3.º) Incentivar os cineastas seus filiados a fazerem o «cinema necessário», entendido este como o que represente a vida portuguesa em todos os seus aspectos, positivos e negativos, e que seja livremente escolhido por cada autor em expressão sincera, sem oportunismos nem demagogias.

4.º) Considerar essencial o debate com o público dos filmes exibidos.

5.º) Colaborar activamente com os cineastas e críticos profissionais no sentido do estabelecimento de uma política do cinema nacional.

6.º) Solicitar ao Ministério da Comunicação Social o apoio em material de filmagem, montagem e projecção, película virgem e cópias dos principais filmes de amadores portugueses, para que a Federação possa proporcionar aos clubes a prática e a divulgação do cinema a pessoas de quaisquer regiões, condições sociais, e possibilidades financeiras, junto de organismos sindicais e outros.

7.º) Solicitar ao Ministério da Educação e Cultura, através do Instituto de Tecnologia Educativa, o fomento da prática do cinema, utilizando os formatos reduzidos, em escolas de todos os graus de ensino e em outros organismos afins, para o que a FPCA dará o apoio que estiver ao seu alcance.

8.º) Solicitar à Rádiotelevisão Portuguesa que passe a incluir nos seus programas a transmissão de sessões públicas de filmes de amadores seguidas de debate, e outras formas de divulgação da respectiva actividade.

9.º) Propor, em virtude de por intervenções várias se verificar uma concordância entre as aspirações do movimento do cinema de amadores com as dos cineclubes, que se estabeleçam contactos visando uma eventual fusão da FPCA com a Federação Portuguesa de Cineclubes, agora em formação, e se crie uma comissão de contactos e estudo dessa integração.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

MUSEU

DOMINGO, DIA 9 ÀS 12 HORAS
VII RECITAL DE MÚSICA DE CÂMARA
pela pianista

NELLA MAISSA

BEETHOVEN: Sonata op. 7 em mi bemol maior
SCHUMANN: Peças de Fantasia op. 12

ENTRADA LIVRE

O aniversário da "Eurovisão"

..A «Eurovisão», nascida em Cannes em 1954 festejará, amanhã à noite, o seu 20.º aniversário com uma emissão produzida pela França (ORTF), a Itália (R.A.I.), a Alemanha Ocidental (A.R.D.), a Espanha (T.V.E.) e a Suíça (S.S.R.) e transmitida de La Croisette (Cannes) para cerca de 20 países.

Da Jugoslávia à Dinamarca, passando por Marrocos e pela Polónia, centenas de milhões de telespectadores verão ao mesmo tempo os cançonetistas Gilbert Bécaud, Mireille Mathieu, Silvie Vartan e o pianista Alexis Weissenberg.

O PÚBLICO IMPÕE! A LOTAÇÃO DO IMPÉRIO NÃO É SUFICIENTE!

OUTONO ESCALDANTE
(INDIAN SUMMER)
Um filme de VALERIO ZURLINI
com ALAIN DELON

APRESENTA
GRUPO D — 18 ANOS
EASTMANCOLOR

a SEMANA AGORA NAS DUAS GRANDES SALAS IMPERIO EUROPA

DL/NACIONAL

UM DOMINGO NA AZAMBUJA

Continuação da pág. 3

— fundamentalmente antipopular, ao fim e ao cabo — são disso a prova garrida e cabal.

O povo acorria — e ainda acorre — convencido de que a Festa é dele, mas sem notar o contraponto deialéctivo dessa Festa (contra o trabalho escravo dos restantes dias do ano) e dessa «libertação» momentânea (contra a escravização alienante de 52 semanas por ano à canga).

RAÍZES SECULARES DO FASCISMO

Para que o fascismo acabe de vez, é preciso arrancar pela raíz os mitos seculares em que ele encontrava apoio e de que se abeberava. E preciso que a revolução se faça também ao nível da mentalidade, dos usos e costumes, ao nível das ideologias repressivas ainda vigorantes, ao nível de uma certa superestrutura para uso de massas.

Agora que tantas tarefas de reconstrução nacional nos solicitam, até de uma perspectiva de rendimento humano e económico (até de uma perspectiva moral) estas esperas de touros tornam-se indesejáveis e suspeitas.

Regionalmente, as comissões organizadoras de festejos populares que tais, podem estar ou não de boa fé ao promovê-las. E admitimos que seria necessário uma grande coragem para cortarem imediatamente com hábitos arreigados nos costumes do povo 48 anos de fascismo intensivo. O povo atento e unido ainda não começou a distinguir muito bem aquilo que verdadeiramente quer, por comando de sua vontade, e aquilo que foi condicionado para querer, que lhe foi instintivado ao longo de uma prática social e política repressiva. Mas, sem ajuizarmos agora do que as comissões de festemjos deverão de futuro resolver, para seu bem e do povo, os resultados objectivos não variam com as intenções subjectivas, seja de quem for.

Objectivamente, apenas isto é facto: se houve, durante a opressão fascista, factor que mais indelevelmente marcasse o imbilismo, a apatia, o amolecimento de todo um povo envilecido, foi exactamente esse do desperdício humano. Tarefas gigantescas se exigem ao homem consciente no mundo moderno, para libertar e descolonizar continentes, para fazer uma distribuição justa e equitativa de rendas, para fundar em termos de justiça as relações entre indivíduos e povos, para dar alimento a uma explosiva e crescente população mundial.

Energia e acção sem desfalecimento, empenho na vida social e política, participação responsabilização se vêm exigindo a cada indivíduo, velho ou jovem, homem ou mulher, branco ou negro, na corrida contra relógio para a redenção da família humana em luta secular contra as forças do obscurantismo, da violência, da exploração do homem pelo homem.

No entanto, em pasíses como o Portugal dos anos negros, o espaço dos jorbais e o tempo da TV eram normal, consecutivamente ocupados com desporto com misses a concurso, com discursos balofos, com festivais da canção, com folhetins torpes de violência ou de cor-de-rosa.

Esta abdicação, este escapismo às responsabilidades, este sistemático aviltamento da fibra cívica pela frivolidade sistematicamente cultivada e fomentada, não eram apenas de acaso, não decorriam apenas de uma inércia que da cúpula se derramava depois por todos os níveis e hierarquias, não eram apenas um entrave ao desenvolvimento humano, moral, económico, político do povo português: eram também o seu achincalhamento às suas próprias mãos.

O reverso da Festa — quando a festa não decorre directa e explosivamente de um júbilo popular, como aconteceu no 1.º de Maio portugues de 1974 — era (nestes anos tristes por mais fanfarras que se fizessem estridir) o desgosto, a frustração, o luto, a morte e a violência.

Azambuja, Vila Franca, Moita Cartaxo, — são nomes de cartaz que, sob o alibi do regional e do folclórico, apenas procuravam fazer do folclore um comércio, uma fonte de receita, um negócio de comissões de turismo telecomandadas de cima.

À custa de quem, pois, se faziam essas festas?

Entre outros «reflexoa» condicionados» habilmente usados convencendo o povo, por exemplo, de que uma hora de «glória» valia a pena arriscar a vida, valia a pena expor-se aos cornos do touro enfurecido, valia a pena candidatar-se ao hospital ou ao cemitério mas, também, ao panteão dos heróis.

Embora o preço a pagar fosse simplesmente o de ir viver sob a glória do cemitério, o povo não sabia que estava apenas a ser telemanipulado e teledirigido.

Hoje o povo tem de compreender que raízes e que invias ligações não claramente explícitas prendem estes «usos e costumes» aos chicotes dos que accionam a sua própria servidão. O povo tem de compreender que, depois de alienado e escravizado, ainda se querem divertir com ele vendo-o correr à frente de um touro enraivecido, ou com as carótidas furadas pelos galhos aguçados da fera.

O povo tem de perceber que, em tantos casos, o fascismo vem de trás. Já era fascismo antes, muito antes destes 48 anos que vigurou com armas e bagagens. Vem de tradições que, inquisição por um lado, monarquias absolutas por outro, mitologia colonialista por outro («expansão da fé e do império», «numa mão a espada e na outra a cruz») o foram conduzindo afinal ao pântano que era o Portugal imediatamente anterior ao 25 de Abril de 1974.

O povo tem de perceber as raízes históricas do fascismo, em que terrenos de moral, de filosofia de ideologia, — em suma, em que terrenos de «tradição e amor à tradição» — se foi alimentando a máquina montada por intergralistas e tradicionalistas em 28 de Maio de 1926.

O povo tem de perceber que não basta arrancar cartazes do triunfalismo corporativista, mudar o nome da Ponte Salazar para ponte da Liberdade, alterar toponímicos de ruas, sanear estruturas de nível dirigente chamar Ministério do Trabalho ao que foi um excreando Ministério das Corporações.

Não basta a mudança superficial de signos, emblemas, nomes e terminologias, para que se chame revolucionário ao processo de democratização em curso.

Há que arrancar também as raízes, e essas talvez remontem a D. Afonso Henriques...

UM FILME PROIBIDO PELA CENSURA

paraíso ao sol
(NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS)
COLOR·SCOPE DOPERFILME
ESTREIA ROMA HOJE ÀS 21.45

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

A ENSANGUENTADA NOIVA DE DRÁCULA
(THE BLOOD SPATTERED BRIDE)
SIMON ANDREU · MARIBEL MARTIN
ALEXANDRA BASTEDO
Realização de VICENTE ARANDA
HOJE, ESTREIA às 21.45 ALVALADE
GRUPO D - 18 ANOS EASTMANCOLOR

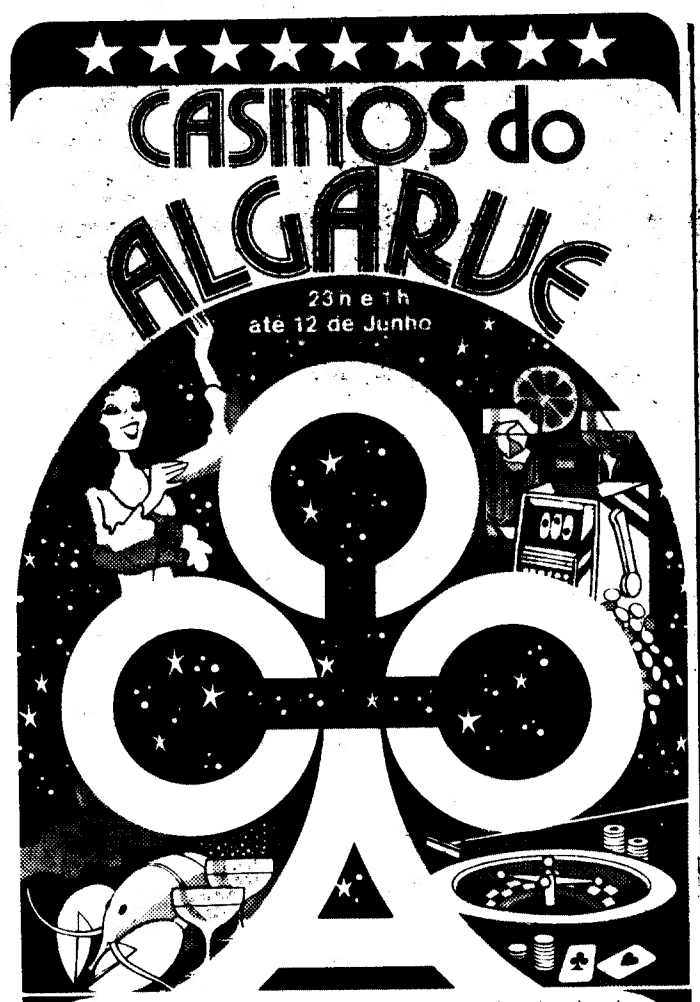
FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

ALEC GUINNESS
Hitler:
os últimos 10 dias
(HITLER: THE LAST TEN DAYS)
com SIMON WARD · ADOLFO CELI · DIANE CILENTO GABRIELE FERZETTI
ENNIO DE CONCINI MARIA PIA FUSCO WOLFGANG REINHARDT Adaptação de IVAN MOFFAT · Realização de ENNIO DE CONCINI
O ESTERTOR DE UMA TIRANIA!
Um filme indispensável 2.ª semana PATHÉ
METROCOLOR Não aconselhável a menores de 13 anos

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

UMA HISTÓRIA DE AMOR A TRÊS...
COM TANTO AMOR... COM QUAL AMOR ?
o filme de PASQUALE FESTA CAMPANILE
CATHERINE SPAAK * CLAUDE RICH * LOU CASTEL
2.ª semana ROXY
NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS COLORIDO

DL/NACIONAL



ALVOR
a famosa cançonetista francesa
MARTINE CLEMENCEAU
o ilusionista português
CONDE D'AGUILLAR
ballet
TAKE FIVE
e a Orquestra do Casino

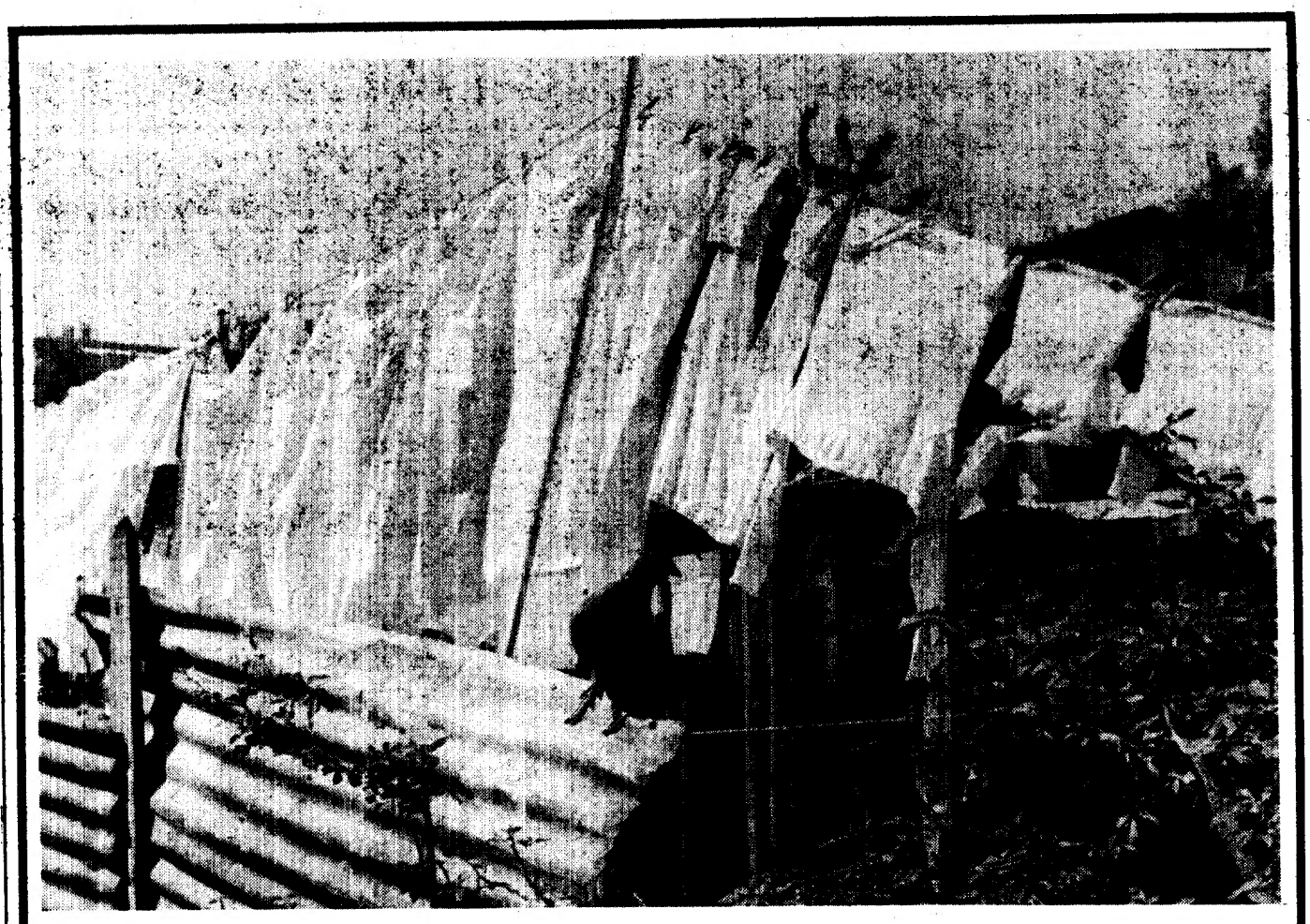
VILAMOURA
a voz de
LIA UYA
os extraordinários patinadores
LES GAESI
ballet
GERRY ATKINS SHOW
e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos - diariamente das 17 h às 3 h
Alvor - telf. (0082) 23141
Vilamoura - telf. (0082) 65319/86
Maiores de 14 anos

CASINOS DO ALGARVE
TEAM

EXTERNATO
FERNANDO PESSOA
RUA BUENOS AIRES, N.º 8 e 8-A LISBOA
CURSOS DE FÉRIAS — com início em 5 de Julho
— ADMISSÃO AOS INSTITUTOS —
— NOVO ANO LECTIVO —
Secções preparatórias para externos (num só ano)
Admissões aos Institutos e Cursos Liceais
TELEFONES 69 12 52 - 67 64 49

LEIA TODAS
AS TERÇAS-FEIRAS
O JORNAL motor



BAIRROS DA LATA
(ou a dificuldade apaixonante da construção do futuro)

Texto de URBANO TAVARES RODRIGUES
Foto de JOSÉ TAVARES

Imagens de ontem, imagens que são ainda de hoje, imagens terríveis pela miséria que expõem melhor do que quaisquer palavras, sede de metal, corpos seminus, farrapos ao vento que são corolas de desgraça, a carne em brasa mesmo quando vem a noite — e tão terna — a noite das crianças já cruéis porque tão cruelmente a vida as destratou.

Olhos mordidos pelo destino que lhes traçaram, que alguém friamente demarcou e que nós agora nos propomos mudar.

Os bairros da lata, estes bairros de cólera e das inundações, dos cães ladrando à lua, dos cabo-verdianos ao relento, das couves ao sol, das crianças enfarruscadas mas ainda lindas e que serão amanhã (se não nos opusermos a isso) velhos precoces!...

Estas imagens foram colhidas pelo José Tavares numa reportagem que tentámos fazer, antes do 25 de Abril no bairro da Quinta do Narigão. Reportagem que a censura cortou com o seu lápis vermelho. Que há-de vir a lume, agora, mas numa linguagem já atrasada.

Urge mudar esta gente para casas que sejam casas, mas não à toa, não para sinistros apartamentos, onde, isolados uns dos outros, eles se sintam igualmente infelizes, perdidos na grande cidade desumana. Os habitantes dos bairros da lata formam comunidades muito particulares, vinculadas por laços de convívio, de hábito e até de projecto, pela comunicação dramática e diária com a luz, com a chuva, com o vento, com a morte. E de uns com os outros. Só em conjunto eles podem ser «transplantados». E rumo a um quinhão maior de felicidade. Não a uma outra forma de infelicidade. Aos arquitectos urbanistas, aos planeadores da vida em sociedade, cabe esse cuidado urgente.

Grupo de enfermeiros opõe-se à promoção imediata dos auxiliares de enfermagem

Após a assembleia geral a nível nacional, que os profissionais de Enfermagem promoveram anteontem, no Instituto Superior Técnico, na qual foi proposta e aprovada a passagem dos auxiliares de enfermagem a enfermeiros, um grupo destes últimos profissionais reuniu-se nessa mesma noite para elaborar um documento em que reivindicam o direito de serem ouvidos e propõem a suspensão de qualquer decisão que não seja sujeita a estudo detalhado.

Nesse documento, que foi entregue aos Ministérios do Trabalho, dos Assuntos Sociais, da Educação e Cultura, Presidência do Conselho, Junta de Salvação Nacional, Imprensa, Rádio e Televisão, propõe-se também a formação imediata de uma comissão de estudo com integração de um elemento da O. M. S. para resolução urgente do problema, para a organização de um curso que permita às auxiliares de enfermagem uma efectiva promoção «justa e a que têm direito». Acentua-se que o problema da profissão de enfermagem não seja visto isoladamente, uma vez que há profissões com problemas semelhantes, no que respeita a níveis e acessos».

O grupo de enfermeiros subscritores deste documento, tendo em conta que a actual política do País é melhorar as condições dos serviços de Saúde, fundamenta a sua reivindicação e propostas, principalmente, no facto de considerar ser da sua responsabilidade um esclarecimento sobre a posição do enfermeiro, a nível nacional e internacional e de a passagem imediata de auxiliar de enfermagem a enfermeiro, não significar efectivamente uma promoção, mas a despromoção da profissão, visto corresponder, em sua opinião, à usurpação dum título. Acrescentam ainda ser internacionalmente aceite que a um título profissional corresponde uma preparação académica definida «e que» na profissão de enfermagem, há organismos a nível mundial que se debruçam sobre estes assuntos.

livros na banca do jornalista

..Simples indicações de leitura, estas notas destinam-se a mera informação do leitor acerca do movimento editorial português. A crítica especializada pronunciar-se-á, caso o julgue oportuno, nos lugares a tanto destinados, (que são os suplementos literário, económico, feminino, internacional, humorístico ou sobre assuntos sociais), acerca de cada um dos livros aqui referidos e em completa independência das opiniões que o jornalista neste lugar expenda.

«CRISE» POR ALBERTO FERREIRA

O autor de «Diário de Edipo», Alberto Ferreira, publicou agora, em edição da Arcádia, o volume «Crise», mais de 300 páginas de prosa, divididas em duas partes: «A incerta esperança» e «A ofendida memória». Antecede-as um monólogo do autor, entrecortado por observações do «Crítico tal qual», do «Leitor de fora», do «Coro de leitores», do «Polícia» e de «Hermes».

Livro escrito e publicado ainda na vigência do regime obscurantista que nos amordaçou durante 48 anos, «Crise» é, quanto a nós, um acto de coragem: pelas posições serenamente assumidas, pela denúncia da anti-cultura sistematicamente prosseguida pelo fascismo, pelo desmascarar da máquina de desumanização que a todos tentou atingir-nos. Um livro escrito num estilo admirável.

«SALUT, VIETNAM» POR VICENTE CAMPINAS

O escritor exilado (e agora felizmente entre nós, graças ao 25 de Abril) A. Vicente Campinas publicou, em francês (tradução de Mariana Féria de Sousa) o volume de poemas «Salut, Vietnam», dedicado à memória de Ho Chi Minh e de Nguyen Van Troi e a «todos os homens que lutam sem desfalecimento pela defesa da Paz e da Liberdade — os meus irmãos».

Excerto de um poema, na nossa tradução livre: «Não tenho vergonha de estar só. Eu luto / Luto a teu lado/ eu estou presente. / Em cada dia em cada hora em cada instante / ferem-te os homens sem piedade / os homens americanos inimigos / da Liberdade e da Faternidade. / E no entanto como tu / eles têm o mesmo sol / a mesma angústia a mesma sede / a mesma ameaça de morte/ que pesa sobre os teus tectos/ Vietname!».

«ÀS CAVALITAS DO TEMPO» POR EDUARDO OLÍMPIO

A Prelo Editora lançou o volume de minicrónicas de Eduardo Olímpio «As Cavalitas do Tempo», incluído na colecção «Cacto», em que já lemos «O Cavalo do Lenço Amarelo é Perigoso», de Mário Castrim, «O Caçador do Nada», de Pedro Alvim, e «Mandamentos e Mitos», de Manoel-Lourenço Forte.

Poeta, autor de «As Esmolas do Mendigo», «Enlouqueço Amanhã» e «O Franco-Atirador e Outros Poemas», entre mais livros, Eduardo Olímpio dá-nos agora um punhado de textos de grande beleza formal, tocante significado humano e profunda observação social.

«NOVAS CARTAS PORTUGUESAS»

Lançada pela Futura, saíu uma reedição das «Novas Cartas Portuguesas», o já célebre livro de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, que tanto êxito provocou, a par de ter conseguido larga projecção internacional.

Quando da sua primeira publicação, e ainda apanhada de surpresa, a Censura fascista autorizou que chamássemos a atenção dos leitores do «Diário de Lisboa» para a importância da obra, o que julgamos desnecessário repetir agora.

T. da L.

A P.S.P. protege a reacção no Liceu Garcia de Orta

PORTO, 6 — Um «grupo de pais» de alunos do Liceu Garcia de Orta, que registou que já havia promovido uma reunião naquele Liceu que veio a ser encerrada por conselho de um oficial das Forças Armadas chamado ao local, levou ontem a efeito, no cinema Nun'Alvares, uma nova reunião, de acordo com a convocatória publicada nos jornais, assinada por António Rebelo de Andrade e João de Melo Figueiredo. A entrada nesta segunda reunião foi feita na presença de polícias, presença a que já não estávamos habituados nem julgávamos possível no actual momento da vida do País. A entrada era obrigatória a identificação e a prova de se tratar de pais ou encarregados de educação de alunos actuais daquele Liceu. Cerca de 30 elementos da P.S.P. estavam no local a «guardar» a referida reunião.

Entretanto, àquela hora, em reunião livre e aberta a todos os pais e alunos do Garcia da Orta, que registou a presença de centenas de pessoas, realizava-se no salão da Cooperativa Arvore um debate sobre a situação actual naquele Liceu, tendo sido dado um voto de confiança à sua Junta Directiva.

PISCINA DE MIRAFLORES-CLUB

A Administração de HABITAT, na sequência dos avisos publicados na Imprensa dos dois últimos dias, informa que já completou a total renovação da água da sua piscina e agradece a compreensão manifestada por todos quantos no decurso destes dias se viram impedidos de a utilizar.

DL/NACIONAL

CONSELHO PRESBITERIAL DE INHAMBANE

É preciso coragem para desfazer estruturas

. O Conselho Presbiterial da diocese de Inhambane, reunido em assembleia plenária, durante o dia 28 de Maio último, dedicou demorada reflexão ao tema «Evangelização do Mundo Contemporâneo», que será objecto de estudo no próximo Sínodo dos Bispos. Desde o mês de Janeiro que este tema vinha já sendo estudado, em todas as missões e paróquias, a nível diocesano.

Após este trabalho, o Conselho analisou pormenorizadamente o presente condicionalismo socio-político de Moçambique, à luz do Evangelho e da doutrina social da Igreja, cujos resultados de análise preenchem oito capítulos duma comunicação distribuída à Imprensa.

«É preciso muita coragem e abnegação para desfazer estruturas antigas e reformar mentalidades» — afirma-se no ponto 3. E no ponto 8 escreve-se:

. «Neste ano santo de renovação e reconciliação, de mudança de rumo na mentalidade, nas opções e no estilo de vida por meio da conversão a Deus, o conselho lança um apelo a todos os homens de boa vontade para que, num esforço comum e com todas as energias, derrubem todos os muros de separação que ainda se levantam entre raças e classes sociais; procurem apagar todas as motivações geradoras de ódio, vingança e violência; e, aproximando-se uns dos outros, se dêem as mãos e caminhem unidos e alegres, no espírito daquela caridade, que, no dizer de S. Paulo, não procura o seu interesse, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. (I Cor. 13, 5.6).

DECIDIDO PELO GOVERNO

Saneamento nas administrações de empresa

. .No «Diário do Governo» do passado dia 5, 2.ª série, 1.ª página, pode ler-se: *O Conselho de Ministros, reunido no dia 29 de Maio de 1974, resolveu:*

Cumprindo uma importante orientação do programa do Governo Provisório, e usando da faculdade concedida no parágrafo 2.º do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 40 833, de 29 de Outubro de 1956, o Conselho decidiu fazer cessar imediatamente os mandatos de todos os administradores por parte do Estado ou de quaisquer entidades públicas, e dos delegados do Governo em quaisquer sociedades ou empresas, nomeados antes de 25 de Abril, sem prejuízo da ulterior consideração de certos casos, ficando, todavia obrigados a apresentar no prazo de quinze dias o respectivo relatório.

O documento é emanado pela Presidência do Conselho de Ministros. Quer isto dizer que entre 800 e 1500 delegados para as administrações de empresa, incluindo elementos da governação e administração bancária, nomeados pelo antigo regime, estão demissionários. Numa muito rápida prospecção que realizámos ontem, foi-nos dado saber que parecem confirmadas a quase totalidade dessas exonerações, excepto a do antigo ministro salazarista dr. João Dias Rosas governador do Banco Nacional Ultramarino, a quem teria sido proposta pelo Governo Provisório, a sua recondução naquele mesmo cargo. O impasse ter-se-á criado quando na passada sexta-feira 31 de Maio), após a resolução ministerial supracitada, Dias Rosas recebeu um telefonema no B.N.U., em que lhe foi feita a nível oficial a proposta da recondução, a qual parece não ter sido aceite de imediato pelo antigo ministro, *apenas porque a sugestão, meramente verbal, não fora devidamente formalizada*, segundo nos declararam esta manhã no próprio B.N.U. Em todo o caso, no ambiente do B.N.U. supõe-se que essa recondução pode ser efectivada de um momento para o outro — o que não agradaria, a avaliar por uma sondagem de opinião que realizámos «in loco».

Entre os nomes indicados na lista dos demissionários, encontra-se o do dr. Pinto Barbosa, do Banco de Portugal, que, aliás, pedira a demissão antes da resolução governamental ter sido tomada. Há ainda quem adiante que a política de saneamento atingirá outras entidades bancárias, dando-se para já como certa a saída dos elementos do conselho de administração do Banco de Angola.

CASA DO POVO DE ALTER DO CHÃO

ALTER DO CHÃO — Com a presença de numerosa assistência decorreu no salão da Casa do Povo desta localidade a eleição de uma comissão administrativa para substituir os corpos gerentes daquele organismo nomeados pelo fascismo.

Para esta comissão foram escolhidos democraticamente Luís Lança Carinhas, correspondente do nosso jornal naquela localidade, Alexandre dos Reis Amador e José Lança Carinhas, aos quais caberá dirigir os destinos da Casa do Povo durante a vigência do Governo Provisório.

A sessão foi presidida por um representante da Junta de Salvação Nacional.

SIEMENS
CAMPANHA DOS SANTOS POPULARES
RÁDIOS
TELEVISORES
FRIGORIFICOS
MAQUINAS DE LAVAR
ESTOFOS
ALCATIFAS
ETC.
BAIXOS PREÇOS
VENDAS A PRAZO ATE 24 MESES
BRINDES EM TODAS AS COMPRAS E AINDA A OFERTA DO CÉLEBRE BERIMBAU
ENTRE NA MARCHA TOCANDO NO SEU BERIMBAU
berimbau
PRAÇA DE ALVALADE, 17 D
JUNTO À ESTÁTUA DE Sto ANTÓNIO
TELEF. 718849 - LISBOA

MÁQUINA DE LAVAR ROUPA
Candy
os seus desejos são as nossas ideias
A. OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91-A | LISBOA
Rua Angelina Vidal, 63 |
Av. Capitão Meleças, 95 ALVERCA
(PRESTAÇÕES DESDE 200$00 - SEM FIADOR)

O problema dos africanos que têm combatido o PAIGC

BISSAU, 7 — (Por Marie Joannidis, da F.P.) — «Creio firmemente na paz», declarou o novo comandante-chefe das Forças Armadas na Guiné, brigadeiro Carlos Fabião, delegado do Governo de Lisboa.

O brigadeiro Fabião, que serviu doze anos na Guiné, mostrou-se muito discreto quanto às conversações travadas com o major Manuel Monge, membro da delegação portuguesa às negociações de Londres, que se demorou apenas 24 horas em Bissau. «Veio informar-se e informar-nos da evolução de uma situação que pode mudar de dia para dia. E mais difícil fazer a paz do que a guerra».

O brigadeiro Fabião, considerou que as forças do PAIGC ocupam menos território do que geralmente se julga, tendo acrescentado que, apesar das novas infiltrações a partir do Senegal e da vizinha Guiné, os guerrilheiros não se aproveitaram da suspensão quase total dos combates para ocuparem novas posições.

Abordado o problema dos soldados africanos que servem no Exército português, o dos colonos portugueses e o dos comerciantes libaneses da Guiné, o encarregado do Governo disse estar persuadido de que qualquer acordo entre Lisboa e o PAIGC garantirá o seu futuro de maneira satisfatória.

As forças africanas no Exército português (cerca de 17.000 homens) podem, na Guiné, ser divididas em quatro categorias: os que efectuam um serviço militar normal, os que voltaram a alistar-se, terminada a sua comissão, e que não desejam o fim da guerra, já que a mesma lhes proporciona vantagens materiais e um salário quatro vezes superior ao que a população local aufere em média, os «comandos» os mais empenhados do lado português, e finalmente os milicianos armados, que vivem nas aldeias e que mais facilmente se integrarão na população, uma vez concluído um acordo.

Parece estar já a preparar-se, no campo prático, essa almejada solução política. Assim, desde 25 de Abril, têm-se registado apenas alguns recontros de pequena envergadura e, no passado domingo, foi retirada uma companhia (150 soldados) de uma posição no sueste da Guiné, oficialmente porque essa zona foi considerada desértica.

A perspectiva de uma mudança provoca entretanto o aumento dos preços e a escassez de géneros alimentícios. Suscita igualmente comícios entre os jovens militares, que são unânimes em pedir aos generais de Lisboa para acabarem com a situação herdada do passado, levando a bom termo as negociações de Londres.

PARIS DEPOIS DO 25 DE ABRIL

Continuação da pág. 3

ticos de uma esquerda **indispensavelmente** unida (condição «sine qua non»!) iludir-se ou tergiversar neste duplo domínio. Disso depende a **possibilidade** da II República — e do País que com ela se afundaria em algo de trágico, senão de sangrento.

O movimento de 25 de Abril è **irreversível** na medida em que é (ou for) **estrutural**. Qualquer tentativa de sabotagem é conjuntural: **peripécia** no curso da história que temos de saber fazer realistamente.

Porque, como em Paris há muitos anos disse Saint-Just e é evidente, não pode haver liberdade para os inimigos da liberdade. Sejam eles quais forem.

Sociedade «ESTORIL»
SERVIÇO ESPECIAL PARA O ESTÁDIO NACIONAL
«SPORTING - BENFICA»
Dia 9 de Junho de 1974
Partidas de Cais do Sodré das 15-25 às 17-39 horas, e da estação do Estádio desde o fim do encontro.
Os comboios n.os 2/26, 2/30 e D 2/36, que partem de Cascais, respectivamente às 16-28, 16-58 e 17-28 horas têm paragem em Cruz Quebrada para desembarque de passageiros.

Separatismo madeirense por erros do passado

Surgiu no Funchal o Movimento Autonomista das Ilhas Atlânticas M.A.I.A.) que defende a independência das ilhas da Madeira e Porto Santo, no seio de uma confederação portuguesa. A tendência separatista tem algumas raízes no passado e explica-se pelo contraste, verificado pelos madeirenses, entre os povos que eles conhecem na emigração ou através do turismo e a mesquinhez de soluções que lhes chegavam de Lisboa prejudicando quase sempre a economia e a vida das populações. Este contraste agudizou-se na longa noite fascista e pode mesmo dizer-se que muitos madeirenses, perante o abastardamento fascista do conceito de nacionalismo e de Pátria, se riam de Lisboa e voltavam os olhos para os estrangeiros, sobretudo para os ingleses.

O estatuto de autonomia das Ilhas Adjacentes era necessário e como tal foi estabelecido, mas foi sempre incompleto e mesmo nas suas limitações nem sequer foi cumprido integralmente. A distância e a falta de transportes isolavam a Madeira de Lisboa, tornando impraticável um esquema administrativo que afinal pouca autonomia tinha e mantinha as mais importantes sujeições ao Governo Central. Este, por sua vez, estava emperrado, deixando que os problemas madeirenses passassem de avós para netos.

A falta de autonomia administrativa reflectiu-se sobretudo na impossibilidade de os madeirenses procurarem fornecedores mais vantajosos para as suas importações, dependendo dos preços abusivos praticados no «Continente», cujos produtos eram obrigados a importar. Assim por exemplo, sabe-se que a construção é cerca de 50 por cento mais cara na Madeira do que no território português da Europa porque o cimento, os produtos de cerâmica e quase tudo o mais é obrigatoriamente importado de Lisboa, por preços altos agravados pelos transportes. Mas os madeirenses olham para as vizinhas ilhas das Canárias e vêem que lá o saco de cimento custa 25$00 quando na Madeira custa 60$00. O vestuário é todo importado, bem como a maior parte dos produtos alimentares, sempre a preços superiores aos de Lisboa. Ao mesmo tempo, a alfândega, que nunca deixou de existir, obriga ao cumprimento destas determinações do Governo Central, quando os madeirenses há décadas andam a teimar na criação de um porto franco no Funchal, único processo de obter os produtos a preços acessíveis.

Como resultado dos erros económicos de todos estes anos, a balança comercial da Madeira agravou-se progressivamente, tendo atingido mais de um milhão de contos de défice em 1973, défice este que só o turismo e a emigração podem compensar. Mas também o turismo tem encontrado as maiores dificuldades, por via da TAP, empresa concessionária dos transportes aéreos, a qual não pode satisfazer as necessidades locais mas também não quer abandonar a concessão.

Como os madeirenses vêem que o Governo Central nunca foi capaz de tomar as medidas mais evidentes, deixaram de acreditar que de Lisboa venha alguma coisa que preste. O movimento autonomista apresenta-se portanto como uma saída para a multidão de minúsculos comerciantes locais, embora não seja crível que o separatismo encontre eco na população em geral. E como os motivos deste separatismo é o montão de erros administrativos do passado, basta que soluções ajustadas se tomem para que o separatismo perca a sua base. Neste sentido se está batendo no Funchal o Movimento Democrático exigindo que finalmente seja aperfeiçoado e respeitado o estatuto de autonomia das Ilhas Adjacentes, a liberalização das linhas aéreas, que a TAP mantém em exclusivo, a criação do porto franco no Funchal.

O grupo que anteontem surpreendeu a Madeira com o seu manifesto confusionista é composto pelos drs. José Maria Silva advogado), Aguiar e Camacho economistas), escultor Amândio da Silva e arquitecto Marcelo Costa, entre outros. Ao contrário do que acontece nos Açores, em que o movimento separatista sempre se revelou ultraconservador e portanto reaccionário, o M. A. I. A. aparecido no Funchal é pretensiosamente tecnocrata, embora o seu manifesto romântico e poético faça sorrir muita gente.

Os argumentos em que o M. A. I. A. se apoia é que são realmente graves para a população funchalense, onde predomina o pequeno comerciante, o embarcadiço, o empregado do turismo e, finalmente, todos os consumidores dos produtos caríssimos idos de Lisboa. Mas falar de independência da Madeira é quase tão ridículo como falar da independência de Cacilhas. Nunca a Madeira poderia viver sozinha e, se a péssima administração central desacreditou por completo o Governo de Lisboa, existem depois do 25 de Abril razões de sobra para acreditar que as razões fortes dos erros fascistas desaparecerão facilmente. O que é necessário é que a autonomia administrativa seja autêntica, como advoga o Movimento Democrático do Funchal, que já convocou um comício no Atneu Comercial para discussão do problema.

Lisboa passa a contar com três mil táxis

Foi fixado em três mil unidades o contingente de automóveis de aluguer, a táxi, para a cidade de Lisboa, o que corresponde a um aumento de 580 unidades.

«Não terem sido condenados por crime punido com prisão efectiva; terem bom comportamento moral e civil; e não terem sido inibidos de conduzir nos últimos cinco anos por mais de três vezes» — eis algumas das condições exigidas aos motoristas que se queiram candidatar.

A classificação dos requerentes obedecerá prioritariamente a: motoristas de automóveis-táxi de Lisboa com mais de dez anos de inscrição no Sindicato Nacional do Motoristas do Distrito de Lisboa como sócios efectivos e, entre estes, que tenham exercido aquela profissão mais tempo nesta qualidade; a motoristas profissionais inscritos no Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa como sócios efectivos e, entre estes, os que tenham exercido a profissão mais tempo nesta qualidade.

DL/NACIONAL

EM 24 HORAS

As alterações salariais devem ser comunicadas ao Ministério do Trabalho

Quaisquer alterações verificadas nas restrições vigentes e que se compreendem entre os limites de 3300$00 e 7500$00 mensais devem ser comunicadas no prazo de 24 horas ao Ministério do Trabalho — divisão de salários — pelas entidades patronais.

A comunicação deve ser acompanhada dos seguintes elementos em relação a cada trabalhador:

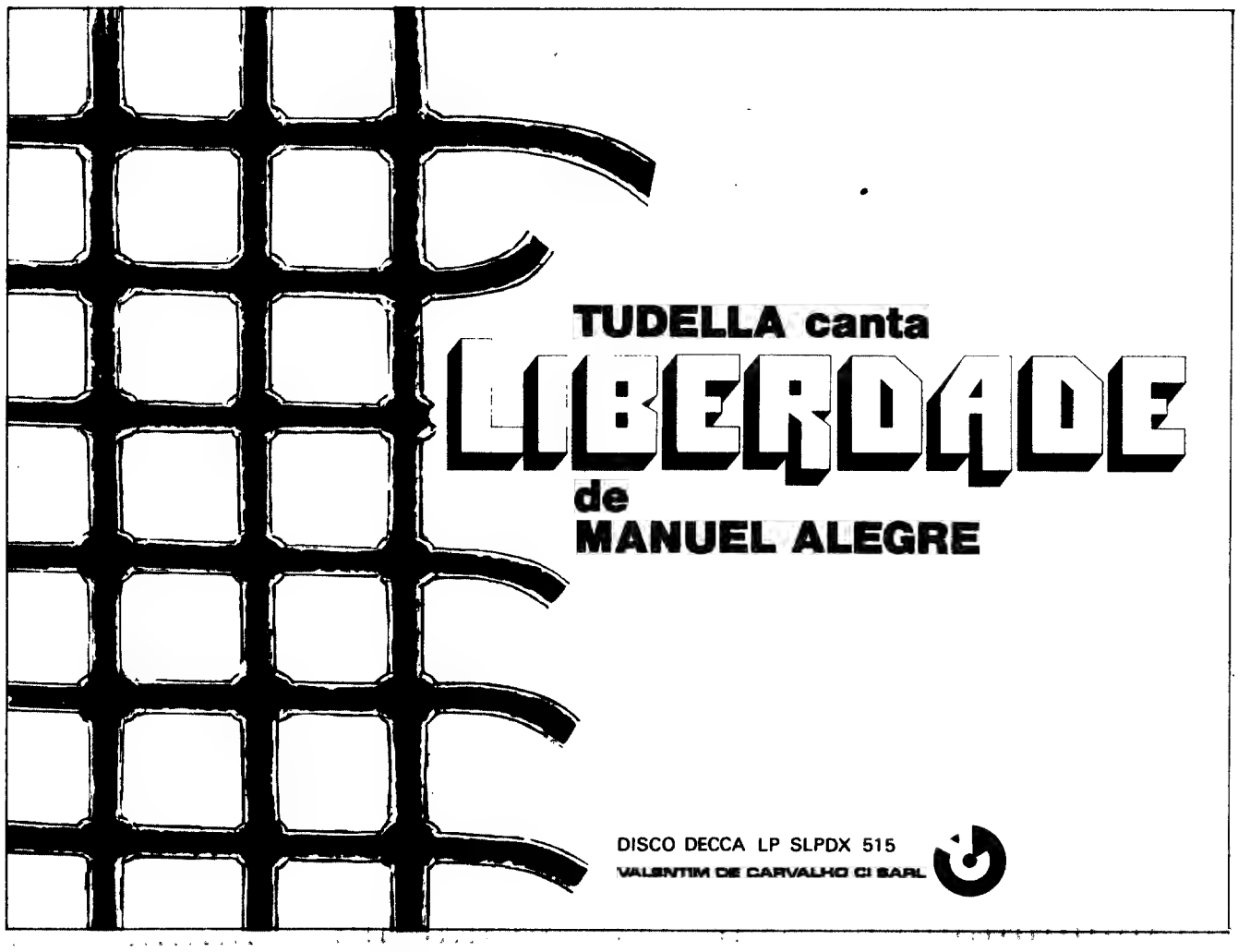
. — Nome, profissão, categoria profissional, remuneração antes da alteração, distinguindo entre remunerações de base (considerar como remuneração de base as importâncias pagas em dinheiro — antes da dedução de qualquer desconto — e correspondentes ao período normal de trabalho) e total (considerar remuneração total, a remuneração base acrescida de diuturnidade, subsídios de alimentação, os prémios de assiduidade, etc. Excluir horas extraordinárias, a remuneração actual e depois da alteração de base e total. Data da alteração, período a que se refere a remuneração; hora, dia, semana ou mês, número de horas correspondente ao período normal de trabalho semanal.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

Os depósitos a prazo superior a um ano constituídos ou renovados a partir de 27 de Maio de 1974 são remunerados à taxa de juro de

7% AO ANO

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS



DL/NACIONAL

"SITUAÇÃO INSUSTENTÁVEL"

Falência ou subsídios para os infantários de Lisboa

Os infantários de Lisboa solicitaram ao Ministério dos Assuntos Sociais subsídios que lhes permitam não fechar as portas, com prejuízos para cerca de 1200 crianças e 250 empregadas. Os proprietários, descrevendo uma situação desde sempre deficitária, afirmam não dispor de resistência financeira para enfrentar a fixação do salário mínimo, a subida dos preços no mercado e a impossibilidade de actualizarem as mensalidades cobradas aos pais das crianças.

Uma detalhada exposição neste sentido foi agora entregue ao gabinete do ministro Mário Murteira. Funcionários superiores do novo departamento governamental declararam que o assunto seria estudado com brevidade. As cinco firmas signatárias do documento representam 16 dos 17 infantários autorizados por alvará do anterior regime.

Os infantários legais obedecem a certas condições de eficiência, sanidade e segurança que se repercutem sobre o custo da exploração comercial. Há em Lisboa cerca de 70 infantários «clandestinos», mas conhecidos, que *existiam com a conivência passiva das autoridades fascistas que, como não estavam interessadas numa política mínima de assistência à primeira infância, serviam assim, e «de qualquer maneira», aliviadas de algumas tensões sociais.* A acusação encabeça um dos pontos da exposição que referimos e que se justifica pelo facto de os infantários «clandestinos» não terem de seguir, por isso mesmo, as normas do salário mínimo e do congelamento de preços decididas pelo Governo Provisório.

EMPRÉSTIMOS

As signatárias e suas representadas, que se reconhem como empresas «financeiramente débeis» e de «muito pequena dimensão» apesar do seu «papel social que largamente a ultrapassa», declaram que só lhes resta uma alteranativa, se não vier o requerido subsídio oficial: ou a falência ou o encerramento até ao fim do mês de Junho.

Ora *o encerramento imediato das empresas, por sufocamento financeiro, traria a curto prazo problemas gravíssimos para os pais que recorrem aos seus serviços por não existirem alternativas em número suficiente e por nessas alternativas se poderem contar unicamente com os raros casos de creches assistenciais ou de empresa, ou então com as creches clandestinas.*

Deste modo, as signatárias propõem, a curto prazo, *a concessão de subsídios, variáveis de caso para caso e tendo em conta os serviços prestados por cada empresa e os custos totais que individualmente se verificarem,* acrescentando: *sendo impossível determinar durante o corrente mês os montantes de subsídios a atribuir, e salvo melhores sugestões, solicitam a concessão imediata de empréstimos, convertíveis em subsídios logo que os estudos económicos estivessem realizados e que as provas julgadas necessárias para a determinação dos custos reais tivessem sido apresentadas.*

SOCIALIZAÇÃO

A longo prazo, porém, o documento propõe soluções mais avançadas e radicais entendendo que *na definição duma política futura deverá ser finalmente colocada a criança como princípio de justificação da actividade dos infantários, princípio à volta do qual se deverão vergar interesses particulares e conceitos puros de rentabilidade capitalista.*

Os debates e opções serão complexos e demorados, reconhecem as signatárias, *podendo considerar-se a gama de alternativas possíveis muito vasta, indo desde a socialização completa da actividade até uma participação controlada na iniciativa privada, e passando sobre o clima liberal e anárquico de concorrência e exploração em bases puramente capitalistas, como se verificava no passado.*

A democracia tem de ser sobretudo para as crianças

No sentido da nacionalização dos estabelecimentos de ensino particular, de modo a possibilitar a todas as crianças a atenção, protecção e educação a que têm direito, escreve-nos Maria Margarida Ramos Belo:

«Escrevo no Dia Mundial da Criança. Ouvi o Comunicado do Movimento Democrático de Mulheres (...e ninguém queria se que se soubesse que há amiguinhos que passam fome, não vão à escola e que não têm quem os trate quando estão doentes. E, pior ainda, que há muitos que têm de trabalhar!). E, pior, ainda crianças que pedem esmola, crianças que, deficientes físicas ou mentais, são exploradas, em vez de acarinhadas, educadas e encaminhadas por adultos válidos da sociedade.

Após o 25 de Abril, as pessoas reivindicam direitos esmagados durante 48 longos anos. Mas as crianças essas, não reivindicam nada porque ... são crianças! Temos de ser nós adultos, a pensar que elas são o nosso país de amanhã.

«Por exemplo, no capítulo do ensino infantil, pré-primário e primário, é urgente a reforma. E urgente que acabe o ensino particular, que se torne oficial todo o ensino, adaptado às necessidades de hoje: estabelecimentos abertos todo o ano (em regime de férias, nestes períodos), horários e cantinas que resolvam os problemas dos pais empregados.

«Estas medidas tirariam muitas crianças da rua e livrariam muitos pais, de débil situação económica, da angústia de escolherem entre deixar os seus filhos pequenos entregues a si próprios ou pô-los em colégios cujas mensalidades são incompatíveis com os seus magros vencimentos. Mensalidades que aumentam todos os anos lectivos, ou quase. Posso dar o exemplo do Externato S. Cristóvão, em Benfica, que apesar da política de congelamento de preços do Governo Provisório, aumentou cerca de 30 por cento as mensalidades do próximo ano lectivo.

«Refiro a tabela de preços: inscrição anual, obrigatória em Julho, 400$; ensino e merenda da infantil e pré-primá--primária, 800$, da primária 850$; almoço avulso, 35; ensino merenda e almoço da infantil e pré-primária 1.150$, da primária 1 250$ (era 950$); transporte, 300$ (eram 200$); Judo (só depois dos 6 anos), 120$ (era 100$); ballet, 170$, piano 150$00, viola 150$; mensalidade nos meses de Verão 900; férias do Natal, adicional 300$ (eram 200$); férias da Páscoa (adicional, 400$ (eram 200$); férias de Carnaval, adicional, 100$ (eram 50$); férias, diárias, 50$.

«Esta a tabela de preços estabelecida para 1974/75. E que outra solução senão aceitar todas estas exigências (justas?) se é dos poucos que está aberto todo o ano e tem horários para pais que trabalham?

«A criança tem sido a maior vítima do fascismo. E a mais inocente. A democracia tem de ser também, e sobretudo para ela.»

MAFRA

A CDE PROMOVE A SUBSTITUIÇÃO DAS AUTARQUIAS

No prosseguimento da sua intensa actividade de contacto com as populações e sua organização, assim como de apoio à substituição das autarquias locais o Movimento Democrático Português (CDE) continua a realizar diversos comícios nos mais variados pontos do distrito de Lisboa, alguns dos quais onde até há pouco tempo a actividade política era inexistente.

Em Cheleiros e Enxara do Bispo, freguesias do concelho de Mafra, realizaram-se reuniões com a população tendo sido tratados problemas locais e eleitas comissões administrativas para as Juntas de Freguesia, após ter sido exigida a demissão das anteriores nomeadas pelo fascismo.

SESSÃO NO BAIRRO DA LIBERDADE

Promovida pelo Centro de S. Vicente de Paulo, em colaboração com a CDE de Lisboa realizou-se no Bairro da Liberdade, em Campolide, uma reunião com a população para debate de problemas relacionados com as condições de habitação. Como é do conhecimento público o Bairro da Liberdade, sendo um dos muitos bairros de lata da cidade não possui o mínimo de condições para o alojamento das pessoas que nele vivem.

Com a presença de Ruben de Carvalho, em representação da Comissão Executiva da CDE de Lisboa e de José Pintassilgo, elemento da comissão do bairro da CDE, decorreu um animado debate em torno daqueles problemas, debate este que atingiu um inusitado calor quando elementos provocadores tentaram intervir e desviar o rumo da discussão.

O povo presente, que reagiu negativamente a essas intromissões, acabou, no fim, por se inscrever nas comissões locais da CDE tendo-se formado grupos de trabalho entre os moradores do bairro para o estudo e levantamento dos problemas prioritários de ordem local.

COMÍCIOS DA CDE DE LISBOA

No prosseguimento da sua acção de esclarecimento político e com o fim de provocar um amplo debate sobre problemas locais e promover a eleição de comissões administrativas para gerirem os assuntos das autarquias, o movimento CDE de Lisboa promove os seguintes comícios e reuniões de trabalho:

Hoje em Lisboa, na freguesia do Beato, às 21.30 na Rua Gualdim Pais, 12; freguesia da Encarnação às 21.30 na Escola Primária n.º 12 - Rua da Rosa n.º 168; Freguesias do Lumiar, Ameixoeira, Charneca, às 21.30 no Centro Republicano José Estevão - Alameda das Linhas de Torres, 233; freguesias do Castelo, S. Lourenço, S. Cristóvão, S. Tiago, Madalena, às 21.30, na sede da CDE (Rua da Artilharia Um, 105); freguesia de Fátima, às 21.30 na sede da CDE.

Em Linda-a-Velha (Algés), às 21.30, na Academia Recreativa de Linda-a-Velha, e em Caneças, pelas 21.30, na Sociedade Musical e Desportiva de Caneças.

Amanhã, realizam-se os seguintes comícios:

Na Penha de França, às 17 horas na Praceta António Sardinha; Sobral de Monte Agraço, às 21.30, no Cineteatro local; Paço de Arcos, às 15 horas, no cinema local; Pontinha, às 18 horas, na Praça de S. Bartolomeu.

Exigida pelos sócios a dissolução da PRODAC

No salão de festas do Vale Fundão reuniram-se ontem à noite cerca de 600 moradores do Bairro Chinês, em Marvila, para analisarem a actividade da PRODAC Associação de Produtividade na Autoconstrução organismo ligado à Caritas e que se destina à construção de habitações para os moradores dos bairros de lata.

Durante a reunião a assistência exigiu que aquele organismo fizesse a entrega do dinheiro que tem recebido à Câmara Municipal de Lisboa para que esta construa as casas, pois a Prodac limita-se a erguer as paredes e são os moradores que têm de terminar o arranjo das habitações se querem lá viver.

Além disso a Prodac recebe trezentos escudos mensais de cada sócio antes da casa construída e depois de habitada faz um contrato de arrendamento provisório no valor de 500$00.

Os habitantes daquela zona pediram ao delegado do Ministério dos Assuntos Sociais que se encontrava presente uma solução para o caso e que no seu entender seria a intervenção da Câmara Municipal de Lisboa.

PALMA DE MAIORCA
PARTIDAS: TODOS OS SÁBADOS
Junho 1, 8, 15, 22 e 29
Julho 6, 13, 20 e 27
Agosto 3, 10, 17, 24 e 31
Setembro 7, 14, 21 e 28
Outubro 5 e 12
Preços excepcionais desde* 2.750$
ILHAS CANÁRIAS
PARTIDAS: TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
Junho 27
Julho 4, 11, 18 e 25
Agosto 1, 8, 15, 22 e 29
Setembro 5, 12, 19 e 26
Preços excepcionais desde* 3.300$
* a vantagem dos voos especiais
RESERVAS E INFORMAÇÕES
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA. Rua da Sota 2 • Telefs 2 70 11/2

férias no ALGARVE
Em óptimos APARTAMENTOS, maravilhosamente localizados sobre o mar, na Praia dos Beijinhos, junto a Armação de Pera.
Aceitamos reservas para qualquer período, inclusive para fins de semana (6a. a 2a. feira).
Peça-nos folheto ilustrado.
RESERVAS E INFORMAÇÕES
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

MADEIRA
TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS DE JUNHO A OUTUBRO
UMA SEMANA DESDE 2.500$00
DUAS SEMANAS DESDE 2.990$00
TELEFONES 58722 58785 58747 58874 58835 - LISBOA

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta
Os mais célebres realizadores
CLAUDE LELOUCH (OS VENCIDOS)
MILOS FORMAN (DECATLO)
ARTHUR PENN (OS QUE VÃO MAIS ALTO)
JURI OZEROV (O COMEÇO)
MICHAEL PFLEGHAR (AS MULHERES)
MAI ZETTERLING (OS MAIS FORTES)
KON ICHIKAWA (OS MAIS RÁPIDOS)
JOHN SCHLESINGER (OS QUE VÃO MAIS LONGE)
filmaram para si o que Munique não viu!
VENCEDORES E VENCIDOS (VISIONS OF EIGHT)
UM MOMENTO FANTÁSTICO NA HISTÓRIA DO CINEMA!
Para todos
2.ª semana
LONDRES
COLORIDO

Grande cruzeiro abreu às capitais nórdicas e rússia
No luxuoso transatlântico Soviético "Chota Roustavelli"
Partida 29/6 — 18 dias — Preços desde 14.500$00
Escolha de camarotes no acto de inscrição
PORTO — Avenida dos Aliados, 207 — Telefone 37921
LISBOA — Avenida da Liberdade, 160 — Telefone 320021
COIMBRA — Rua da Sota, 2 — Telefone 27011

DL/NACIONAL

RECONHECER A GUINÉ-BISSAU ÚNICO CAMINHO PARA A PAZ

Continuação da pág. 1

outros teóricos revolucionários incitarem os militantes do P.A.I.G.C. a enveredarem pela luta armada, estes reconheciam que mais do que conquistarem a adesão das massas populares talvez as espantassem ao dar o primeiro tiro.

A Guiné, um territorio com a superfície de 36 mil quilometros quadrados, tem uma população de cerca de 800 mil habitantes. Os rios Cacheu, Geba e Corubal atravessam esta planície aluvial coberta de florestas tropicais, onde noventa por cento da população é rural. Assim se compreende a preocupação do P.A.I.G.C. de iniciar a sua propaganda revolucionaria junto das populações rurais, para poder amadurecer as condições necessarias ao aparecimento da luta. Os primeiros dois anos da decada de sessenta foram marcados por essa actividade política. Entretanto, Angola a 4 de Fevereiro de 1961, ouvia os primeiros tiros da revolução do povo angolano.

Em 23 de Janeiro de 1963 um grupo de guerrilheiros do P.A.I.G.C. realizava a primeira acção armada contra o colonislismo português. Daí para a frente a luta nunca mais cessaria. O alargamento do apoio popular foi decisivo a todos os níveis para o fortalecimento da guerrilha. Ao avanço do P.A.I.G.C. correspondia a libertação de zonas do territorio cada vez mais amplas, e a paralela criação de estruturas sociais e políticas condizentes. Começam a criar-se comités de aldeia, eleitos pela base, e que se estendem a todas as zonas libertadas. São estes comites que vão eleger por sua vez os comités de sectores. O povo guinéu tomava nas mãos a sua administração e adestrava-se politicamente na pratica da democracia. Os comites intervinham em todos os aspectos da vida pública, pelo que não é difícil compreender o aparecimento de tribunais populares. Isto sucede já por volta de 1970, e merece de Basil Davidson o seguinte comentário: **Depois de 1970 foi criada uma rede de tribunais de aldeia; cada tribunal compreendia um juiz e dois assessores, designados pelos respectivos comités de aldeia Pertencem-lhes todos os assuntos penais, mas remetem os mais complexos a um tribunal de sector, que remete as mais graves, as que respeitam a agresões e violências, para um tribunal militar supremo**

A organização escolar e uma realidade sucessivamente mais eficaz. Em 1972, a frequência escolar nos diversos graus de ensino do P.A.I.G.C., atingia um total de 8574 alunos distribuídos por seis classes. Salienta-se que vários elementos do Partido frequentaram cursos médios e superiores nos países da Europa do Leste.

Não se deve ignorar tambem a organização sanitária montada pelo P.A.I.G.C. nas zonas libertadas, a qual compreende (referimo-nos a 1972) vinte e cinco pequenos dispensarios, nove pequenos hospitais e três grandes hospitais. A par disto, ainda segundo Basil Davidson, e de salientar a acção de brigadas sanitarias móveis que, de povoação em povoação, divulgavam cuidados profilacticos a respeitar para se evitarem epidemias.

A culminar toda esta serie de serviços públicos (embrião de uma ampla administração pública), o Partido nunca descurou a preparação política e militar dos seus militantes e da população em geral.

Nas «Palavras de Ordem Gerais» (1965) de Amilcar Cabral, este afirma a certo passo: **Exijamos dos membros responsáveis do Partido que eles se dediquem seriamente ao estudo; que eles se interessem pelos factos e problemas da nossa vida e da nossa luta diária no que eles têm de fundamental e essencial, e não só nos aspectos superficiais Aprendei com a vida, com o povo, com os livros, aprendei com a experiência dos outros Mas não pareis nunca de aprender**

A ligação íntima entre o Partido e o povo (e decisivamente mais significativo que do povo, ele tambem a propria guerrilha, dependia todo o apoio logístico às frentes de batalha) assegurava as conquistas e avanços da luta armada, e fortalecia a consciência política das populações.

Em 1972 é eleita a Assembleia Nacional através de escrutínio secreto nas zonas libertadas. Cinquenta e três mil votantes elegeram a referida assembleia constituída por vinte e sete representantes do Sul, vinte e quatro do Norte, dez do Este e onze eleitos clandestinamente para representarem os territórios ocupados de Bissau, Bolama e das ilhas dos Bijagós. O P.A.I.G.C. tinha já dividido o território nas três zonas atrás referidas, estando à frente de cada uma delas três dirigentes responsaveis, respectivamente, pela segurança militar, pelo trabalho político, e pelas questões sociais.

Com a eleição da Assembleia Popular estavam criadas as condições para a proclamação da independência da Guine-Bisau. Antes, porem, a Africa assistiria ao assassínio do grande «leader» Amilcar Cabral. Assassinado em Conakry, a 20 de Janeiro de 1973, Amilcar Cabral **Impôs-se no mundo inteiro, pela sua obra e pelos seus escritos, como um dos pensadores políticos mais originais e penetrantes da nossa época** — diz Basil Davidson.

Nem por isso a luta deixou de desenvolver-se. O P.A.I.G.C. não era uma personalidade, mas as massas organizadas em luta pela libertação.

O P AIGC declara que as operações militares serão intensificadas, não dando tréguas ao inimigo O P A I G C esclarece que estas operações militares serão acompanhadas por uma mobilização política crescente, reforçando a unidade orgânica do povo combatente. É um extracto da declaração do Partido, dois dias depois da morte do seu primeiro secretario-geral.

Os acontecimentos posteriores viriam confirmar a capacidade de iniciativa militar da guerrilha. Ao reforço político expresso pela adesão das massas à luta de libertação, juntou-se o avanço tecnológico. A guerrilha começa a utilizar mísseis que neutralizam as acções das forças aéreas portuguesas, sendo abatidos varios aviões. O apoio aéreo tornava-se ineficaz.

Em Setembro de 1973 e proclamada a independência unilateral da República da Guine-Bissau.

E com este Estado, reconhecido já por oitenta e quatro nações de todo o mundo, que Portugal negociara novamente em Londres a partir de amanhã. Mais do que um simples cessar-fogo (importante sem duvida), mais do que uma «ambígua» autodeterminação, a questão essencial reside no reconhecimento ou não de um Estado que, no consenso das nações, ja existe de facto e de direito.

A Republica da Guine-Bissau goza hoje no seio da O.N.U. do estatuto de observador. Uma situação em tudo idêntica à da Alemanha Federal ainda ha dois anos. Nem por isso a Alemanha deixou de existir. Nem por isso a Alemanha foi alguma vez considerada uma invenção...

Utilizando as fontes de informação disponíveis, passamos a publicar uma selecção de extractos de textos e declarações de Amilcar Cabral e de testemunhos de jornalistas que visitaram as zonas libertadas pelo P.A.I.G.C.

O PARTIDO

«Nós temos como princípio o seguinte: o Partido é um instrumento político que o nosso povo criou para dirigir, não só a luta de libertação, mas a sua vida no sentido do progresso ( ) Consideramos as nossas forças armadas como instrumento do Partido para a luta armada ( ) Sejam quais forem as separações das diversas actividades da nossa vida, o orientador, a força que desempenha o papel fundamental, é e tem de ser o nosso Partido» .

(Amilcar Cabral, 1971)

CRÍTICA A AUTOCRÍTICA

«Seja qual for a sua forma, a luta exige a mobilização e a organização da grande maioria da população, a unidade política e moral das diversas categorias sociais, a liquidação progressiva dos vestígios da mentalidade tribal e feudal, a rejeição das regras e dos tabus sociais e religiosos incompatíveis com o carácter racional e nacional do movimento libertador, e muitas outras modificações profundas na vida das populações

«Isso é tanto mais certo quanto a dinâmica da luta exige a prática da democracia, da crítica e da autocrítica, a crescente participação das populações na gestão da sua própria vida, a alfabetização, a criação de escolas e serviços sanitários, a formação de «quadros» extraídos dos meios camponeses e operários, e outras realizações que implicam uma grande aceleração do processo cultural da sociedade»

(Amilcar Cabral, 1972)

«NAPALM»

«A acção dos colonialistas portugueses, acção que nós consideramos criminosa, é fundamentalmente caracterizada pelos bombardeamentos aéreos nos quais utiliza bombas de «napalm» e outras e por tentativas de assaltos terroristas contra as populações das regiões libertadas durante as quais tentam não só matar o máximo de gente que podem, mas também matar o gado, queimar as tabancas ou aldeias e também tentar queimar as as nossas colheitas A nossa acção é caracterizada, principalmente, por ataques frequentes e cada dia mais intensos contra as posições dos colonialistas portugueses nos centros urbanos É nesse quadro que se situam os ataques que fizemos no mês de Junho contra Bissau e Bafatá»

(Amilcar Cabral, em 1971)

Aristides Pereira abraça um amigo

O DIA-A-DIA DE UM GUERRILHEIRO

«Apenas dependentes das próprias pernas, os combatentes marchavam, dias e noites consecutivos, e travavam combates de norte a sul Assim que golpeavam o inimigo, retiravam-se velozmente deixando a aviação inimiga incapaz de descobri-los ou atacá-los

«Ao longo da nossa estadia com os combatentes fomos vendo como viviam na floresta Acomodavam-se sem tendas, deitando-se no chão coberto de folhas de palmeira, com mosquiteiros suspensos de quatro ramos de árvore O que comiam era arroz e sal preparados com óleo de palma por eles mesmos extraído Por vezes caçavam animais selvagens para melhorar a comida

«Levantavam-se assim que amanhecia e faziam ginástica e treino, instruiam-se política e culturalmente e sintetizavam as experiências de guerra, ficando prontos, a todo o momento, para novos combates À noitinha, os comandantes e combatentes nadavam juntos nas lagoas da floresta, adestravam-se na luta ou jogavam xadrez sobre a erva De noite, eram as reuniões de danças e cantares sonoros e alegres em que os combatentes louvavam os seus heróis, aclamavam as suas vitórias e representavam a sua vida de combate»

(Repórteres da Agência Hsinghua, Pequim, 1972)

FALAR PORTUGUÊS

«Temos uma longa caminhada junta com o povo de Portugal Não foi decidido por nós, não foi decidido pelo povo português, foi decidido pelas circunstâncias históricas do tempo da Europa das descobertas e pela classe dirigente de «antanho» como se diz em português antigo: ( ) Eu estou aqui falando português, como qualquer outro português, e infelizmente melhor do que centenas de milhares de portugueses que o estado português tem deixado na ignorância e na miséria ( )

«Mas nós nunca confundimos «colonialismo português» com «povo de Portugal», e temos feito tudo, na medida das nossas possibilidades, para preservar apesar dos crimes cometidos pelos colonialistas portugueses, as possibilidades de uma cooperação de amizade, de solidariedade, e de colaboração eficaz com o povo de Portugal, numa base de independência, de igualdade de direitos e de reciprocidade de vantajens seja para o progresso da nossa terra seja para o progresso do povo português»

Amilcar Cabral, 1971)

ARISTIDES PEREIRA

Robusto, de estatura mediana rosto redondo, fronte desguarnecida, Aristides Maria Pereira não gosta nada de falar de si. Temos que insistir com ele para lhe arrancarmos uma resposta lacónica, mas precisa: «Tenho 50 anos. Nasci na Boavista, ilhas de Cabo Verde. Foi aíque comecei a estudar. Depois continuei os meus estudos em Bissau, na Guiné. Saí do liceu aos 19 anos para entrar na administração. Técnico de radiotelegrafista, subi a chefe de serviço das telecomunicações».

Um sorriso largo de maliciosa bonomia, ilumina-lhe o rosto, quando lhe fazemos notar que as suas funções devem ter-lhe facilitado o trabalho na luta clandestina. Aristides replica: «É evidente que eu estava ao corrente de muitas coisas, o que auxiliava consideravelmente o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e das ilhas de Cabo Verde), partido que tínhamos fundado em 1956 com Amílcar Cabral e o irmão deste, Luís. Mas «eles» (o tom em que Aristides diz «eles» não deixa lugar a dúvidas: refere-se aos serviços de segurança) acabaram por desconfiar. Era tempo de fugir para Conakry. Passou-se isto em 1960».

Quatro anos depois, tornou-se secretário-geral adjunto do Partido. Em 1956 entrou no Conselho de Guerra, e, em 1970, na Comissão Permanente do comité de luta, como responsável da segurança e dos assuntos exteriores. Logo após o assassínio de Amílcar Cabral, foi nomeado secretário-geral interino, até poder tomar assento nas instâncias superiores do Partido.

O segundo Congresso do Partido, reunido de 18 a 22 de Julho de 1973, na região libertada do Leste, elegeu a nova direcção e confirmou-o nas suas funções. Luís Cabral passou a ser o secretário-geral adjunto. Por altura da declaração unilateral da independência da Guiné-Bissau, em 26 de Setembro de 1973, Luís Cabral foi, por razões de prestígio do seu nome eleito presidente do Conselho de Estado, e, portanto, chefe do novo Estado. Aristides Pereira assumiu a direcção do Executivo, continunado a ser secretário-geral do Partido.

Na cimeira dos não-alinhados de Argel, em Setembro de 1973, onde nos avistámos com ele o dirigente guinéu disse-nos: «O que desejamos é acabar com esta guerra. Queremos a paz. Portugal tem de concordar em sentar-se connosco a uma mesa para discutirmos a questão. É por aí que temos de começar. «Houve que aguardar a queda do regime de Caetano para que este voto se concretizasse no encontro de Londres.

PAUL BALTA

(Exclusivo Le Monde-DL)

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas)

DL/ESTRANGEIRO

Um bispo da Rodésia denuncia actos de brutalidade contra os africanos

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 7 — (R.) — O bispo católico de Umtali, na Rodésia, monsenhor Donald Lamont, depôs recentemente perante uma comissão da O.N.U. acerca de alegados actos de brutalidade praticados por forças de segurança rodesianas contra a população africana do território, segundo foi revelado.

O bispo Lamont compareceu, em 29 de Maio, perante uma audiência secreta da subcomissão sobre petições e informação da Comissão de Descolonização da O.N.U. formada por 24 países.

O presidente da subcomissão, Amer Salih Araim, do Iraque, declarou num comunicado que o prelado indicara que «não podia compreender por que razão o mundo parece ser indiferente a uma situação onde a discriminação racial é praticada de tal forma que difere não em essência, mas apenas no grau, do tipo de discriminação praticado pelo Herrenvolk na Alemanha.»

«O bispo Lamont apresentou à subcomissão um sumário escrito dos vários actos de violência e de brutalidade perpetrados pelas forças de segurança da Rodésia do Sul contra a população africana do território...»

O presidente da subcomissão prosseguiu: «por causa da certeza de represálias contra os indivíduos mencionados no resumo, o bispo foi obrigado a abster-se de aludir aos nomes das pessoas envolvidas».

Araim diz ainda que a O.N.U. considerava os movimentos de libertação como os autênticos representantes do povo da Rodésia e pedia «a todos os que sentem a injustiça, opressão, intolerância e negação de direitos básicos» que dessem todo o auxílio possível a esses movimentos.

Em 1 de Junho, em Salisbúria, o grupo rodesiano de Acção Cristã atacou o bispo Lamont por afirmar numa conferência de Imprensa de Nova Iorque, que a população negra da Rodésia estava «a viver sob um reino de terror comparável à Alemanha Nazi». Um informador do Governo rodesiano declarou, então, que as alegações do prelado citadas em notícias estrangeiras, eram «tão absurdamente falsas que não havia necessidade de comentários». Um informador da igreja católica rodesiana disse, todavia, que as notícias sobre as declarações do bispo estavam a ser estudadas, antes de ser feita uma comunicação.

REVELAM DOCUMENTOS:

De Gaulle chamou "gangster" a Churchill

PARIS, (R.) — O general Charles De Gaulle, como chefe da França Livre, durante a segunda Guerra Mundial, chamou uma vez «gangster» a Winston Churchill, segundo revelam documentos datando de há 30 anos, publicados pelo jornal francês «Le Monde».

Esses documentos, pertencentes ao antigo embaixador na Grã-Bretanha do Governo Provisório Francês, Pierre Vienot, revelam que o general De Gaulle chamara esse nome a Churchill, na manhã dos desembarques do Dia D na Normandia, quando as relações anglo-francesas atingiram quase o ponto de rompimento.

Le Monde publicou os documentos de Vienot, que faleceu vitimado por um ataque cardíaco, um mês depois do desembarque dos aliados.

O jornal descreve como o primeiro ministro Winston Churchill, por seu turno, manifestou o seu ódio a De Gaulle, acusando-o de traição no meio da luta. Segundo eles, Churchill afirmara que o general estava cheio de ambições pessoais e pensava apenas no seu futuro político.

Vienot asseverou que ouvira cada um dos dois dirigentes atacar viciosamente o outro, durante uma crise, que, segundo o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros se recusasse a falar pela Rádio, a pedido dos Aliados.

A disputa fora agravada por nova recusa de De Gaulle em colocar oficiais de ligação franceses à disposição de Forças aliadas, se os aliados estabelecessem o seu próprio governo militar na França Libertada.

Vienot escreveu que o general De Gaulle julgava que tinha sido atraído a uma armadilha quando o Governo britânico lhe pedira para partir de Argel para Londres, em 2 de Junho de 1944.

Os dois irmãos do presidente Nixon, Edward (à esquerda) e Donald recusaram-se a responder a perguntas que o senador Herman Talmage lhes fez, numa sessão à porta fechada, da Comissão Senatorial encarregada de investigar o escândalo Watergate (Telefoto UPI-Telimprensa)

Amin ameaça expulsar os ingleses

KAMPALA, 7 — (UPI-ANI) — O presidente Idi Amin ameaçou expulsar do Uganda todos os cidadãos britânicos, nos próximos dias.

Numa nota enviada ao alto comissário britânico interino, T. Hennessey, Amin disse que encerraria o comissariado e «daria a todos os cidadãos britânicos dois dias para saírem do país se o Governo britânico e a BBC persistissem em divulgar propaganda acerca do Uganda».

Segundo Amin, o Governo britânico inspirou a publicação de um relatório no princípio desta semana pela Comissão Internacional de Juristas no qual é acusado de instituir um reino de terror no país.

Há ainda cerca de mil britânicos no Uganda.

Retomada a campanha para a conferência mundial dos partidos comunistas

MOSCOVO, 7 — (F.P.) — A «Izvestia» e a «Pravda» retomam a sua campanha com vista a uma conferência mundial dos partidos comunistas, por ocasião do quinto aniversário anteontem da precedente conferência. Ambos os jornais apelam para a boa vontade dos partidos, a, fim de se unirem na luta contra o imperialismo. A ideia de um congresso mundial dos partidos foi lançada pela primeira vez no Outono passado na Cimeira búlgaro-húngara em que se encontraram Teodor Jivkov e Janos Kadar, em Sofia. Até agora, só sete partidos comunistas no Poder, entre 14, deram apoio oficial, e fizeram o mesmo doze partidos comunistas no Ocidente. Entre os primeiros, a resistência vem principalmente de países como a Roménia, e entre os segundos, de partidos importantes, como o italiano, desejosos de não quererem participar numa condenação da China. A «Pravda» confirma, com efeito, que um dos objectivos do partido comunista soviético é a condenação do maoísmo «que se tornou, escreve, em declarado inimigo do movimento comunista e dos movimentos de libertação nacional e que em comum com as forças mais reaccionárias se eleva contra o desanuviamento». O outro objectivo é obter o apoio declarado do movimento comunista internacional a favor da política de desanuviamento feita pela U.R.S.S. Para o desanuviamento internacional o carácter de irreversível, a «Pravda» propõe um programa em quatro pontos:

1) Criação de um sistema de segurança colectiva, compreendendo todas as regiões principais do mundo, e substituindo os blocos militares (como a NATO e o Pacto de Varsóvia). 2) Obter a limitação e a cessação da corrida dos armamentos, e depois o desarmamento; 3) desenvolver a cooperação económica, científica, técnica e cultural entre todos os países interessados, independentemente do regime social; 4) Repelir assim o perigo de guerra, mas também reestruturar «de maneira radical os sistemas de relações internacionais na base da coexistência pacífica.»

Mulheres presas no Chile foram torturadas

NOVA YOIRK, 7 — (FP) — Trinta e seis mulheres actualmente presas na cadeia «El Buen Pastor», em Santiago do Chile, foram torturadas de forma sádica pelos seus guardas militares, declarou a Comissão Americana de Justiça aos Presos Políticos na América Latina, com sede em Nova Iorque.

Um informador da comissão acrescenta que os nomes das mulheres torturadas foram comunicados à Comissão Interamericana dos Direitos do Homem que deve realizar um inquérito no próximo mês de Julho acerca das acusações de tortura feitas contra as autoridades chilenas, depois da subida ao Poder da Junta Militar Chilena. Muitas mulheres ficaram com os seios queimados e os carcereiros teriam introduzido aranhas e ratos nos seus corpos.

O «New York Times» publicou recentemente um artigo do cronista Anthony Lewis, que cita o caso da jovem prisioneira Luz de Las Nieves, que teria sido espancada, violada e torturada com electrochoques. Também teriam colocado ratos e aranhas em cima e dentro do seu corpo.

Aumentos de preços

SANTIAGO DO CHILE, 7 (R) — Os preços do pão, do leite, do azeite e dos cigarros aumentaram no Chile entre 79 a 115 por cento, a partir de ontem, por causa do elevado custo de matérias-primas importadas.

Anunciando na véspera, à noite, os aumentos, o ministro da Economia, Fernando Leniz, disse que os trabalhadores receberiam um bónus equivalente a cerca de 300 escudos chilenhos em 14 de Junho, como compensação.

Segundo estatísticas oficiais, a inflação atingiu cerca de 500 por cento no Chile, em 1973, e nos primeiros quatro meses deste ano aproxima-se de 87,1 por cento.

A INTERNACIONAL SOCIALISTA REÚNE-SE ESTE MÊS

LONDRES, 7 — (R.) — Na próxima reunião dos dirigentes socialistas, que possivelmente se realizará no fim-de-semana de 29 a 30 de Junho, será analisada a situação internacional, incluindo o Médio Oriente, os acontecimentos em Portugal, o Chile, relações Ocidente-Leste, a conferência de segurança europeia e os problemas económicos da Europa.

O secretário-geral da Internacional Socialista, Hans Janitschek, revelou que o «bureau» da Organização reunirá em Roma amanhã, a fim de tomar uma decisão definitiva sobre a data e o local da sessão. Julga-se provável que ela se efectue em Chequers, a residência oficial de campo do primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, próximo de Londres.

O «boreau» é constituído por representantes de 18 partidos socialistas. A Internacional compõe-se de 57 partidos socialistas do mundo não comunista, dos quais 21 actualmente no Poder.

Entre os dirigentes que devem assistir à próxima sessão apontam-se o primeiro-ministro holandês, Joop Den Uyl, o chanceler da Alemanha Ocidental, Helmut Schmidt, o chanceler da Austria, Bruno Kreisky, o primeiro-ministro de Singapura, Li Kuan Yev, e o «leader» oposicionista francês, François Mitterrand.

APOLOGIA DA VIOLÊNCIA NA IMPRENSA CHINESA

PEQUIM, 7 F.P.) — A Imprensa chinesa dirigiu-se ontem especialmente àqueles que no país poderiam recuar perante o uso da violência, quando esta se volta contra os inimigos do povo.

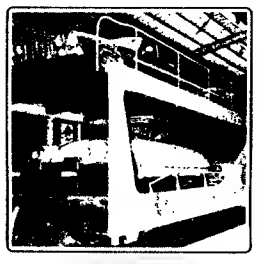
Fazendo a apologia da «violência», da «ditadura» e da «repressão», quando estas se exercem contra as «classes revolucionárias», o «Jornal de Pequim» salientou que, sem «violência reaccionária», «não poderá o novo sistema ser estabelecido, nem o antigo sistema ser completamente derrubado».

Num artigo de louvor ao imperador Chi Shih Huang, citado pela agência «Nova China», o jornal acusou «determinadas pessoas» de censurarem a esse imperador as «atrocidades» que cometeu durante o seu reinado 259-210 antes de Cristo).

O imperador Chin Shi Huang, primeiro unificador da China e cruel perseguidor, no seu tempo, dos letrados confucionistas, tem sido frequentemente citado na campanha «anti-Lin-Piao», e «anti-Confúncio», parecendo o seu exemplo referir-se, por analogia, ao actual regime da China.

O «Jornal de Pequim», lembrou que, durante o seu reinado, o imperador Chin Shih Huang foi «caluniado» pelos dirigentes da reacção como um «tirano». Todavia — salienta — o uso que fez da violência «era necessário ao estabelecimento do novo sistema».

Referindo-se ao presente, o jornal escreve: «A nossa política de benevolência é aplicada só a favor do povo e não a favor das classes reaccionárias, contra as quais exercemos, pelo contrário, a ditadura e a repressão». «Qualquer aparelho de Estado é um aparelho de violência e o regime dos Chin dinastia de Chin Shih Huang) não constituía excepção a esta regra. Sempre aprovámos a violência que contribui para fazer progredir a História e, no que respeita à repressão dos contra-revolucionários a nossa atitude é mais decidida e radical do que a de qualquer outra ditadura da História.



serviço diário AutoExpresso

Lisboa-Porto-Lisboa

informe-se nas estações e agências de viagens

Caminhos de Ferro Portugueses

Legislação em Itália para facilitar a vida aos jornais

ROMA, 7 — UPI/ANI — A Democracia Cristã propôs ontem nova legislação, que facilitará a vida económica dos jornais italianos e dará aos jornalistas um lugar dentro da política editorial.

A lei foi apresentada na Câmara dos Deputados, coincidindo com uma greve de 24 horas, que deixou a Itália sem jornais, em protesto contra alegadas tentativas dos interesses económicos de influenciarem a Imprensa.

Este novo projecto vem somente uma semana depois de o Governo ter autorizado as direcções a aumentarem os preços dos jornais de 50 para 150 liras, medida classificada pelos editores como uma ajuda de subsistência.

O projecto apresentado pelos çdemocratas-Cristãos, indo ao encontro de editores e jornalistas, devia: — dar aos jornais oito páginas de paginação livre; garantir algumas excepções em impostos, crédito especial e redução nos encargos de correio, telégrafo e telefones; instruir as agências estatais a compartilharem parte dos seus lucros com as ajudas aos jornais.

Os apresentadores desta medida disseram que ela era destinada a dar mais maleabilidade e fundos aos jornais, num país onde a Imprensa diária vende menos de seis milhões de exemplares por dia, comparado com 39 milhões na Grã-Bretanha, 25 milhões na Alemanha Ocidental, e 12,5 milhões na França.

O projecto de lei também prevê a participação dos jornalistas e pessoal técnico de cada jornal no quadro directivo do mesmo e dá «imensas garantias» para a escolha dos chefes de redacção e participação na política editorialista.

Os jornais seriam obrigados a publicar os seus orçamentos e uma total informação sobre os accionistas, bem como a dar aos jornalistas a opção sobre quaisquer acções que possam ser postas à venda, em caso considerado perigoso para a liberdade de Imprensa.

SEMANÁRIO SUSPENSO NO URUGUAI

MONTEVIDEU, 7 — R) — O semanário uruguaio das esquerdas «Marcha» não poderá publicar-se durante 20 edições, nos termos de uma ordem governamental, fechando as instalações da revista, apenas duas semanas depois de reaparecer, após uma proibição anterior de não poder imprimir 10 edições.

Um decreto promulgado pelo presidente Juan Maria Bordaberry dizia que o semanário ia ser encerrado novamente, por alegar que o chefe de Estado tivera «intenções ditatoriais», ao dissolver o Congresso e assumir poderes absolutos, em 27 de Junho último.

Preparado o caminho para negociações Espanha-Santa Sé

MADRID, 7 R.) — Monsenhor Agostino Casaroli, secretário do Vaticano para os assuntos externos, terminou hoje dois dias de conversações em Madrid que se julga serem de preparação para abrir caminho a negociações entre a Espanha e a Santa Sé com vista a revisão da Concordata, acordo estabelecido há 20 anos e que tem vindo a reger as relações entre o Vaticano e a Espanha.

Um comunicado conjunto, publicado pouco antes de mons. Casaroli partir de avião para Roma, dizia que ambas as partes sentem que as condições agora existentes poderão facilitar um rápido ingresso na fase operativa das negociações.

Mons. Casaroli teve conversações com o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Pedro Cortina Mauri, e com altos dignitários da Igreja Espanhola durante os dois dias de estadia em Madrid. Hoje, o prelado, teve também uma breve reunião com o primeiro-ministro, Carlos Arias Navarro.

A concordata, que actualmente rege as relações Igreja-Estado em Espanha, foi assinada em 1953 e confere privilégios consideráveis às duas partes, embora haja concordância geral em que a maior parte das suas cláusulas estão ultrapassadas e precisam de ser modificadas dentro do espírito das circunstâncias actuais.

Em anos recentes, têm sido estabelecidos contactos periódicos e conversações entre o Governo de Madrid e a Santa Sé, mas até agora as negociações para revisão da concordata pareciam não ter progredido.

FARMACÊUTICOS DENUNCIAM A SABOTAGEM PATRONAL

A comissão directiva provisória da Associação Profissional de Farmacêuticos esclarece, relativamente à informação da Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços sobre o aviamento pelas farmácias de receituário das Caixas de Previdência, que não está envolvida na emissão das circulares intimidativas a que se refere a informação, repudiando veementemente o uso de tais métodos de pressão sobre o Governo, o que considera como um primeiro passo de uma perigosa escalada de sabotagem patronal.

Por último solidariza-se com as posições do Governo de reabrir imediatamente as negociações com a Federação das Caixas de Previdência e de poder vir a tomar as medidas necessárias que assegurem o fornecimento de medicamentos.

REUNIÃO DA O.U.A.

"Divisões irracionais" impedem a unidade africana

MOGADISCIO, 7 R) — O chefe de Estado da Somália, general Mohammed Siad Barre, preveniu os africanos de que «divisões irracionais» impediam ainda a unidade africana, onze anos depois da fundação da sua organização.

Muitas das esperanças e aspirações dos começos dos anos 60 continuavam por se materializar, declarou ontem o general Siad Barre na sessão inaugural do Conselho dos Ministros dos Negócios Estrangeiros da Organização da Unidade Africana OUA), que vai preparar uma agenda para a cimeira de 12 de Junho.

«A unidade verdadeira encontra-se ainda muito distante e visões irracionais continuam a dominar a nossa geografia política e económica» — notou.

O general Siad Barre discursou da plataforma da antiga Câmara do Parlamento, que se encontra ornamentada com um enorme fresco de uma mulher quebrando as cadeias — símbolo do povo somali.

O general Siad Barre asseverou que a conferência se ia realizar numa importante era histórica, quando grandes acontecimentos envolvendo a Africa se estavam a registar.

Prossegiu: «A nossa luta pela libertação total do nosso continente continua sem esmorecimento e evoluiu de tal modo que transferiu a crise para o coração de uma das potências imperialistas.

«A luta de libertação... deve ser intensificada até ter como resultado a trabsformação completa das sociedades injustas na metade Sul do nosso continente».

O chefe de Estado somali pediu uma revisão das estruturas da OUA, a fim de se estabelecerem bases sólidas de unidade africana. Acrescentou que dirigentes africanos devem tomar medidas práticas para tornar numa realidade a cooperação interafricana em todos os campos possíveis, incluindo comunicações, comércio e relações económicas, e uma frente unida em negociações comerciais com o mundo desenvolvido.

Patricia Hearst acusada de assalto a um banco

SAN FRANCISCO, 7 — (UPI-ANI) — Um júri federal incriminou Patricia Hearst sob acusação de assalto à mão armada a um banco, em ligação com um assalto no valor de 10 000 dólares alegadamente levado a cabo pelo Exército Simbiótico de Libertação, em 15 de Abril.

A incriminação, anunciada em Washington pelo delegado público, William Saxbe, acusa Miss Hearst e outros indivíduos, que não foram nomeados de usarem armas de fogo durante um assalto ao «Hibernia Bank» de Sunset.

Patricia Hearst, de 20 anos, filha do magnate dos jornais, Randolph Hearst, tinha já sido requerida como testemunha do assalto e por violação da lei nacional de armas de fogo, em ligação com uma acusação de que disparara contra a frontaria de um armazém de Los Angeles, em 15 de Maio, para ajudar dois companheiros acusados de roubo a fugirem.

O Departamento de Justiça informou que a pena máxima para roubo de um banco à mão armada é de 25 anos de prisão e 10 000 dólares de multa, e a pena máxima para uso de armas de fogo para proteger uma fuga é de dez anos de prisão.

O F. B. I. distribuiu em 21 de Março fotografias de Patricia, raptada pelo E. S. L. em 4 de Fevereiro.

O juri federal examinou antes da incriminação 1 200 fotografias de Patricia Hearst e de quatro companheiros, tiradas durante o assalto ao banco por meio de câmaras escondidas.

Corte do dedo

LONG KIEN (Vietname do Sul), 7 — UPI-ANI) — Vinte budistas da seita Hoa Hao cortaram o dedo mínimo da mão esquerda em protesto contra a recusa do governo em aceitar as suas exigências.

CORREIAS - MANGUEIRAS - COLAS, etc.

GOODYEAR

O MAIOR NOME DA INDÚSTRIA DA BORRACHA

Distribuidores exclusivos

CANELAS & FIGUEIREDO, LDA.

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 46 — Telef. 866116

Professor de Educação Física

Instituição Psiquiátrica — Zona de Loures. Regime Part-time. Precisa-se, resposta a este jornal ao n.º 1102.

EMPREGADO

EMPRESA RAMO AUTOMÓVEL ADMITE PARA INORMAÇÕES E CONTENCIOSO, PARA ENTRADA IMEDIATA, DANDO-SE PREFERÊNCIA A QUEM JÁ POSSUA EXPERIÊNCIA.
RESPOSTA INDICANDO IDADE E HABILITAÇÕES LITERÁRIAS.
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 1105.

marcontur

GRILL D. FERNANDO

para apreciar a verdadeira cozinha portuguesa e internacional num miradouro sobre Lisboa.

actuações à hora do jantar

Elsa Coimbra
acompanhada à guitarra e à viola por Chaínho e Nóbrega
... e ainda Helder Reis no órgão

parque de estacionamento privativo

HOTEL ALTIS
Rua Castilho, 11 — Lisboa 1 — Marcações: Telefs. 44735 ou 560071/562491

DL/GERAL

TORRES EUROPA

A EUROPA COMEÇA AQUI.

Escritórios de Vendas no local — Telefs. 2401327 — 2401131, Costa de Caparica

TORRES EUROPA
COSTA de CAPARICA

OPERCAL
OPERAÇÕES URBANISTICAS E CONSTRUÇÃO, LDA
Av. Santos Dumont, 57, 7.º, Telef. 77 72 80 - 77 73 86 - 77 75 43 LISBOA 1

A qualidade chegará ao destino.

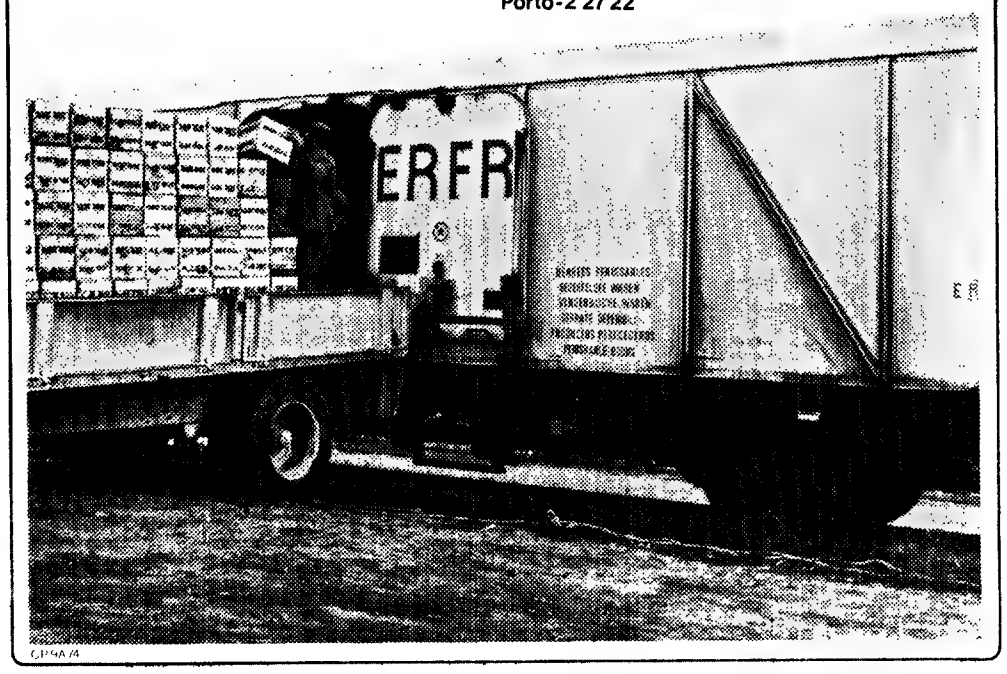
Exporte *frio*.

Nós transportamos-lhe os seus produtos perecíveis em regime de frio.

Caminhos de Ferro Portugueses

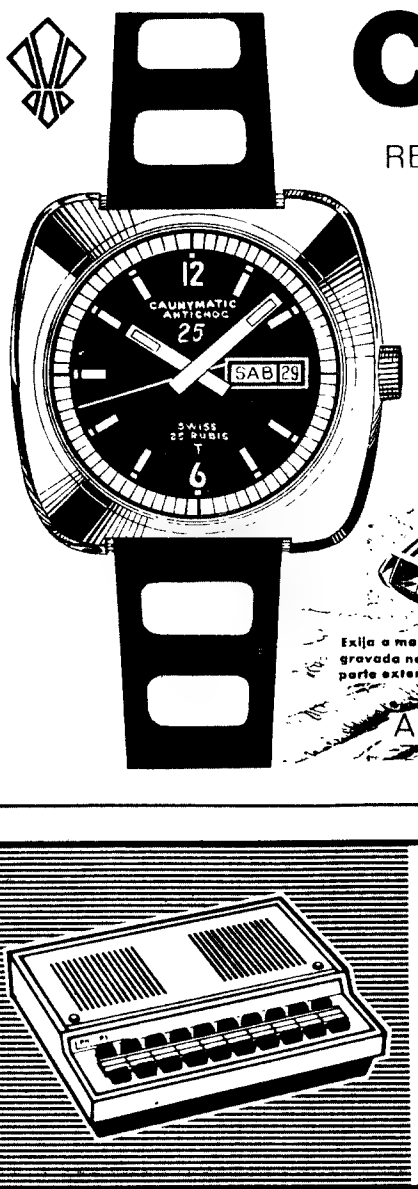
SERVIÇO INTER FRIGO

Informações: Lisboa-36 72 26/36/37
Porto-2 27 22



CAUNY

RELÓGIOS PARA DESPORTOS



AUTOMATICO
DIA E DATA
CALENDARIO
ANTICHOC

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

INTERCOMUNICADORES

PHILIPS

- Sistemas simplex, duplex e intermix.
- Sistemas de procura de pessoas por rádio.
- Sistemas de chamadas por amplificação sonora.

PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

Av. Eng. Duarte Pacheco, 6 · Tel. 683121 · Lisboa 1
Rua Fernandes Tomás, 760 · Tel. 28161 · Porto

SOGANTAL : OS FRANCESES VÃO-SE AS OPERÁRIAS FICAM

As operárias da Sogantal — Sociedade Industrial de Luvas-Têxteis do Montijo, SARL — decidiram, de uma forma exemplar, tomar nas suas próprias mãos a sua luta. Iniciada com a apresentação ao patronato de um caderno reivindicativo, esta continuou com a passagem a um regime de baixa produção, atingindo uma nova fase com a ocupação do local de trabalho.

A fábrica pertence a um grupo francês que encontrou no Montijo — como o capital de outras bandeiras tem encontrado em todo o País — condições altamente favoráveis à exploração dos trabalhadores: salários muito mais baixos que os pagos ao operariado francês; custos de produção, pois, muito menores; utilização de mão-de-obra feminina; um regime político que em muito dificultava as lutas operárias, etc.

Face às reivindicações das suas empregadas, os patrões da Sogantal decidiram encerrar as portas. Esta tentativa de levar a miséria económica aos operários pode, no entanto, abrir as portas a uma importante vitória na luta pela autogestão.

— *As reivindicações que faziamos à administração da fábrica eram poucas: 30 dias de férias e um mês de subsídio, 13.º mês e um aumento de 1.250$00 no ordenado. Os patrões recusaram e passámos, desde o dia 22 de Maio, a um ritmo de produtividade menor. Apresentaram-nos, então, uma contraproposta que ficava muito aquém do que queríamos. Face à ameaça de que iam fechar a fábrica, nós ocupámo-la* — dizem-nos no local.

«NÃO ACEITAMOS O FECHO»

O isolamento, sob todas as suas formas, é uma arma que os trabalhadores têm de virar contra quem lha aponta. Nesse sentido, as operárias da Sogantal decidiram elaborar um comunicado à população onde dão a conhecer a sua luta.

Afirmam aí: *Estamos a lutar pelos nossos direitos e ninguém nos pode censurar por isso. O encerramento da Sogantal é da exclusiva responsabilidade da entidade patronal. Nós queremos trabalho e não aceitamos o fecho da fábrica, só porque os franceses não podem ganhar tanto como ganhavam.* Passam a resumir o processo reivindicativo, dizendo, a dada altura: *Fizemos, mais tarde, uma ocupação da fábrica e, em seguida dos escritórios, porque soubemos que a fábrica ia fechar. Tentávamos desta maneira impedir o encerramento dos portões e o desvio do material pertencente à firma.*

Numa reunião efectuada no dia 30 de Maio, entre a comissão dos trabalhadores, representantes do Sindicato das Costureiras de Lisboa em que estão inscritas estas operárias), a entidade patronal e um delegado do Ministério do Trabalho, ouvimos a confirmação, por parte do gerente da Sogantal em Portugal, de que a fábrica ia fechar. Essa decisão foi, aliás, reconfirmada após um telefonema feito para França no dia 31.

Face a isto, deslocámo-nos com o nosso sindicato à Delegação de Trabalho, em Setúbal, ao Ministério do Trabalho, em Lisboa, e ao Ministério da Coordenação Económica. Em nenhum destes sítios nos foi dada qualquer solução para o caso.

Depois de mencionar as reivindicações, atrás por nós referidas, as operárias-costureiras do Montijo continuam: *Outro ponto muito importante foi que a entidade patronal se recusou ao pagamento da quinzena de 15 a 31 de Maio, o que é perfeitamente ilegal. Mesmo assim, estes senhores continuam na sua posição, dizendo que quem não produziu não ganha. Ora nós produzimos! Ninguém nos pode obrigar a produzir tanto como faziamos antigamente.*

Foi através da baixa de produção que nós manifestámos o nosso descontentamento e tentámos obrigar a entidade patronal a recuar na sua posição de intransigência.

ASSUMIR AS RESPONSABILIDADES

E adiante afirmam: *Num momento em que os trabalhadores tomam consciência dos seus problemas e são normas ter capacidade e iniciativa para lutarem pelos seus interesses, e em que o patronato se vê obrigado a pagar salários deveras miseráveis, a Lamont* nome da «empresa-mãe») *pretende encerrar as suas instalações em Portugal, nomeando claramente que aqui apenas vinha buscar lucro fácil. Portanto, nós, trabalhadores da Sogantal, não podemos tolerar esta situação.*

Não podemos ser despedidas e lançadas na miséria só porque alguns capitalistas franceses que nos exploraram desenfreadamente não querem agora satisfazer estas nossas reivindicações. É tempo de acabar com situações como esta.

Portanto, só duas soluções nos restam: ou os capitalistas franceses na Lamont satisfazem as nossas reivindicações e nos pagam os salários que nos estão a dever e mantêm a fábrica aberta; ou, então, têm de nos ter garantido trabalho na fábrica onde agora trabalhamos, ou em outra, e, até lá, têm de nos ser garantidos os nossos salários.

Para qualquer destas soluções — continuam — *é indispensável que o Governo Provisório e, particularmente, os ministros do Trabalho da Coordenação Económica e dos Assuntos Sociais assumam as suas responsabilidades para com a classe trabalhadora portuguesa.* E terminam afirmando a sua disposição de lutar até final, seguindo as formas de luta que melhor se adaptem aos seus interesses de trabalhadores.

Uma nova reunião, tida ontem, entre os delegados das operárias e os patrões nada mais adiantou ao beco das negociações. E aqui que os trabalhadores se terão de adiantar. No caso desta fábrica do Montijo, põem-se várias possibilidades:

— *De imediato, poderemos lutar para que o Governo, através do Fundo de Desemprego, por exemplo, tome conta da fábrica, financiando a compra de máquinas que serão necessárias ao desvio da sua actividade para a produção de outro tipo de mercadorias. Estamos a fabricar «fatos de treino», cujos tecidos já vêm cortados de França e que aqui cosemos. Produzimos, diariamente, cerca de 800 «fatos de treino». É uma quantidade que o mercado nacional não absorve e por isso tem que se passar à reconversão deste sector. Por outro lado, temos também que assegurar a colocação dos produtos no estrangeiro, dispondo nós de um «stock» grande. Caso os patrões não nos paguem os salários que devem, iremos para a rua vender os «fatos de treino». Faremos também uma denúncia internacional da Lamont, especialmente junto dos nossos colegas de França a quem pediremos solidariedade para com a fábrica de Portugal* — explicam-nos as operárias da fábrica ocupada.

A Sogantal dos operários conta igualmente com a solidariedade dos trabalhadores portugueses que será, certamente, um factor importante para o sucesso das suas lutas.

A propósito, leitor, já pensou em comprar o seu «fato de treino»?

F.N.

palavras cruzadas

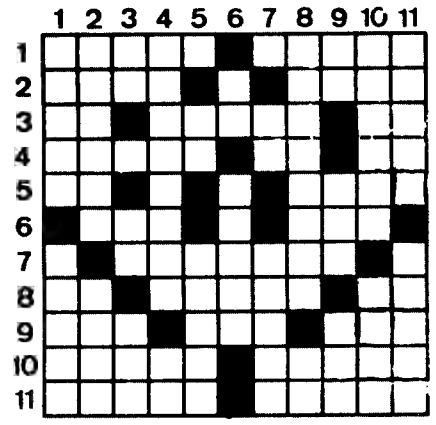
COM PROVÉRBIO

HORIZONTAIS:

1 Tostam. Protecções.
2 Aquele que. Consome.
3 Artigo indefinido. Naco. Sufixo que designa abundância.
4 Freguesia do concelho de Coimbra. Ribeira da Asia Russa. Batráquio.
5 Ruim. Gostas muito de
6 Fecha as asas para descer mais depressa. Troças.
7 Observaram.
8 Artigo definido. Adicionam. Viração.
9 Víscera dupla. Lanugens. Cantão da Suíça.
10 Dividira ao meio. Departamento da Guatemala.
11 Tencionar. Cai à cama.

VERTICAIS:

1 Da parte de cá. Repousa.
2 Gastavas. Feches as asas para descer mais depressa.
3 Pronome reflexo. Prefixo de negação. Matemática.
4 Ajudais. Rádio (s.q).
5 Artigo definido. Rebolar.
6 Césio (s.q). Tece.
7 Porco. Alisa.
8 Dispuseram em camadas. Era Cristã.
9 Rio de Itália. Pronome pessoal. Joeira.
10 Nome de frutos. Lavrem.
11 Tempo do verbo ser. Gorjeia.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundos passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

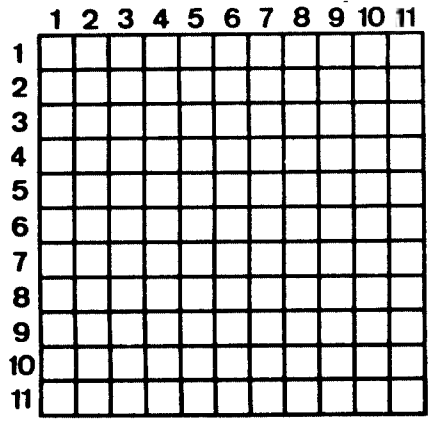
PROBLEMA N.º 6962

HORIZONTAIS:

1 Mulher de Augusto, mãe de Tibério e de Druso (56ac. 29d. C). Impedem de andar.
2 Falda. Nome de astro. Procede.
3 Caruma (Prov). Ilha de Coral.
4 Efemina. Velho.
5 Relativos a oásis. Joeira.
6 Gemer.
7 Oceano. Eia!
8 Encolerizar. Cobre de iodo.
9 Preposição. Peregrino ou romeiro de Meca. Desaba.
10 Natalício. Antigo cabo de guerra.
11 Cidade do Japão Amolgadura

VERTICAIS:

1 Irmão de Rebeca, Pai de Lia e de Raquel. Deus grego do sono, filho de Erebo e da Noite, irmão gémeo de Tanatos.
2 O mesmo que ibidibas ou ibidideos. Rates.
3 Fêmeas dos bois. Nome de mulher.
4 Tornar amigo. Antes de Cristo.
5 Artigo definido. Serra de Portugal. Fileira.
6 Alternativa. Satélite de Júpiter (inv.). Pago.
7 Plural. Membros de aves. Seguiam.
8 Prefixo de privação. Nome de homem. Compaixão.
9 Mordiscou. Sovas.
10 Nome de um mês. Entregais.
11 Melão pequeno mais ou menos esférico. Dança.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10803

HORIZONTAIS:

1 AMOR. E. Fiam.
2 Nós. Ninaria.
3 Dl. Lar. Sari.
4 Arcadas. Sãs.
5 Raiva. As.
6 Moa. Adão.
7 Mau. Olavo.
8 Asar.
9 Rosmano. Tri.
10 Trio. Alacre.
11 Arc. Atoe.

VERTICAIS:

1 Andar. MORTE.
2 Moirama. Or.
3 Os. Ciou. Sia.
4 Lava. Amor.
5 NADA. E.
6 Eira. Ana.
7 Sado. Olá.
8 Fãs. Sala. At.
9 Irás. Oásico.
10 Airão. Varre.
11 MAIS. FORTE.

Proverbio: AMOR E MORTE NADA É MAIS FORTE.

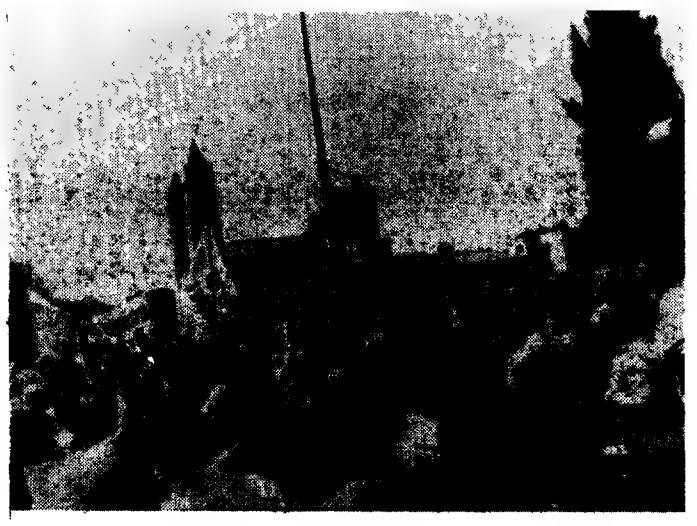
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6961

HORIZONTAIS:

1 Berta. Nabua.
2 Oleo. Tuna.
3 Tal. Rev. Cl.
4 Es. Ralara.
5 Aral. Lira.
6 Es. SE.
7 Rum. Mim. Sol.
8 Imolo. Catre.
9 Tesa. Ceai.
10 Er. Carne. Ta.
11 Solar. Empes.

VERTICAIS:

1 Boto. Brites.
2 Ela. Umero.
3 Releremos.
4 To. Sás. Laça.
5 Mo. Ar.
6 Per. Si. Sr.
7 Val. MC. Ne.
8 At. Lis. Acém.
9 Bucareste.
10 Unira. Orate.
11 As. Aleias.



Lisboa viu-se quase deserta de táxis que os seus motoristas estacionaram a beira do Ministério do Trabalho a fim de, em manifestação que acabou por durar 15 horas, apoiarem a negociação do seu salário mínimo. A alegria de se encontrarem juntos deu-lhes uma força que a classe há muito não vivia

Vitória não salarial para os motoristas de táxi

As negociações contratuais (para os motoristas de táxi e letra A) que ontem ocuparam, durante quase 15 horas, a Comissão Directiva do Sindicato Livre dos Motoristas e os representantes dos Grémios dos 18 distritos do País, terminaram hoje, cerca da 1 hora da madrugada, com acordos que deixaram descontente a maioria dos profissionais que, em frente do Ministério do Trabalho desde as 9 horas da manhã, ali se mantinha em apoio da sua reivindicação intransigente de 5 mil escudos de ordenado mínimo.

Efectivamente, se as regalias conquistadas nestas negociações representam uma vitória, o aumento salarial acordado fica bastante àquem do que, inicialmente, mais de 6 mil trabalhadores tinham considerado como mínimo necessário para viver. Assim, foi conseguido o salário mínimo de 4500$00, oito horas de trabalho, 13.º mês, 30 dias de férias com subsídio por inteiro. O ordenado inicial pretendido pela classe fôra de 6 mil escudos, tendo posteriormente descido para 5 mil.

«UMA CLASSE DESMEMBRADA»

Com bandeirolas que reafirmavam a sua vontade («Queremos trabalho, não aos despedimentos!»; «Motoristas unidos querem salários justos!»), os 4 mil motoristas de vários sectores da profissão serviram, durante 15 horas, de ponto de apoio aos seus companheiros dos táxis e aos que, por eles, estiveram na Praça de Londres a negociar as suas justas reivindicações. Segundo opiniões recolhidas durante a longa espera, se a entidade patronal comete, como tem cometido, ilegalidades, arbitrariedades e fraudes lesivas dos interesses dos trabalhadores e do País, isso deve-se principalmente ao sistema de economia capitalista e à fraqueza de uma classe que se encontra desmembrada.

Não temos um local de trabalho em conjunto. Passamos uns pelos outros na rua, dentro dos carros. A gente não se conhece e isto é uma profissão sem lei nem roque. A falta de força para impor aquilo que necessitamos é essa!

Ao informar os trabalhadores presentes do resultado das negociações, o presidente da Comissão Directiva do Sindicato anunciou também a constituição de uma comissão técnica formada por representantes do Sindicato, dos Grémios e do Ministério das Comunicações, destinada a verificar a escrita do mês corrente e a verdade da falta de rentabilidade utilizada como argumento patronal para a recusa da reivindicação salarial feita pelos trabalhadores.

Meio dispersos após a conclusão das negociações, meio reunidos em grupos de discussão acesa, os motoristas debateram ainda algum tempo pela noite fora as vantagens e desvantagens do novo acordo que, com efeito desde 1 de Junho, ficou esta madrugada a vigorar. O salário mínimo, que em dinheiro não representa, para a maioria dos profissionais de Lisboa, um aumento real, vem no entanto, beneficiar os seus camaradas do resto do país e de todos em geral no que toca a subsídios de doença. O facto de muitos motoristas receberem já, à data, o salário agora acordado devia-se ao facto de, ao seu ordenado base serem acrescentadas precentagens sobre o serviço feito, sistema que agora deixará de se praticar.

M.S.D.

Reuniões de trabalhadores e estudantes

..Hoje efectuam-se as seguintes reuniões:

Em LISBOA: **Delegados de Comissões de Trabalho da Indústria Hoteleira**, no Pátio do Salema, 4, 2.º, às 15 horas; **Alunos do 1.º ano do Instituto Superior Técnico**, às 15; **Naturais de Proença-a-Nova**, na Rua Febo Moniz, 13, r/c, às 21; **Naturais do Sabugal**, na Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico às 21; às 21.30: **União dos Estudantes Comunistas**, no campo de Jogos do Atlético Clube de Campolide; **Associação Portuguesa das Agências de Publicidade**, no Clube Português dos Publicitários; **Vendedores dos sectores de Drogas e Produtos Químicos**, no Sindicato dos Caixeiros; **Clubes e jogadores de futebol**, na sede da Federação; **Delegados do Ensino Secundário**, na Escola Nuno Gonçalves.

..Na FIGUEIRA DA FOZ: **Camionistas do Centro do País**, no Grémio do Comércio, às 21.30.

..No PORTO: **Industriais de Fundição**, na Rua Azevedo Coutinho, 39, às 17 horas.

Na zona urbanisticamente mais bem delineada de Lisboa

OLIVAIS SUL

DISPOMOS PARA OCUPAÇÃO IMEDIATA

5 Pisos de Habitação

1 fogo por piso — 7 amplas divisões assoalhadas — cosinha/copa/estendal com equipamento integrado — 3 casas de banho equipadas — roupeiros com iluminação interior — termoacumulador de grande capacidade — telefones intercomunicadores — fogão de sala — conduta de lixos — 2 elevadores selectivos — habitação de porteira — acabamentos interiores da melhor qualidade — revestimento exterior em evinel e cantarias.

1 Piso de Escritórios

área de 131 m² pouco compartimentada — 2 sanitários — amplos terraços anexos boa iluminação natural

2 Pisos para Lojas

em zona comercial de óptimas perspectivas — 3 lojas de dimensões médias 1 loja com area de 200 m²

zona residencial valorizada por uma bem estruturada rede viária de acessos rápidos e de trânsito descongestionado.
localização previlegiada — espaços verdes, desafogo, estacionamento fácil, transportes públicos, supermercados, escolas e piscinas.

VENDAS NO LOCAL:
RUA CIDADE DE NAMPULA, LOTE 532.

OPERCAL
OPERAÇOES URBANISTICAS E CONSTRUÇÃO, LDA.
Avenida Santos Dumond, 57, 7.º, Telefs. 77 72 80/77 73 86/77 75 43 - Lisboa 1

AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA

Empresa Industrial do ramo electrotécnico, com sede em Lisboa, admite Agente Técnico de Engenharia Electromecânica.

Funções — Dirigir montagens eléctricas em edifícios urbanos e em instalações industriais.
Experiência profissional naquele tipo de actividade.

Condições — Serviço militar cumprido.

Os interessados deverão responder por carta indicando «curriculum» ao apartado 2637 Lisboa.

A C. P. INFORMA:

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS

Por motivo dos trabalhos de renovação da via, desde o dia 26 de Maio e até aviso em contrário, continuam a efectuar-se apenas aos sábados, domingos e feriados oficiais a estes equiparados, as seguintes circulações:

8113 e 8114 — entre Barreiro e Beja e volta, com partidas, respectivamente, às 13.20 e 14.10 horas.

8126 e 8127 — entre Pinhal Novo e Fonte e volta, com partidas, respectivamente, às 14.20 e 15.10 horas.

8128 e 8131 — entre Pinhal Novo e Vendas Novas, e volta com partidas, respectivamente, às 19.00 e 16.37 horas.

8354 e 8355 — entre Barreiro e Montemór-o-Novo e volta, com partidas, respectivamente, às 13.20 e 14.00 horas.

8412 e 8413 — entre Barreiro e Évora e volta, com partidas, respectivamente, às 13.20 e 14.25 horas.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregadas Auxiliares (Antiga designação — CRIADAS —)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 15 de Junho, para a admissão de empregadas auxiliares, categoria a que corresponde o salario mensal ilíquido de Esc. 3.300$00.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos:
b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primario elementar.

A sua inscrição pode ser feita mediante o envio de carta, onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

O ADMINISTRADOR.
Fernando Pimenta

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregados Gerais (Antiga designação — SERVENTES —)

Nos Hospitais Civis de Lisboa - Serviço de Pessoal - aceitam-se inscrições até ao dia 15 de Junho, para a admissão de empregados gerais, categoria a que corresponde o salário mensal ilíquido de Esc. 3300$00.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;
b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar.

As inscrições podem ser feitas mediante o envio de carta, onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

O ADMINISTRADOR,
Fernando Pimenta

CASAS ALUGAM-SE

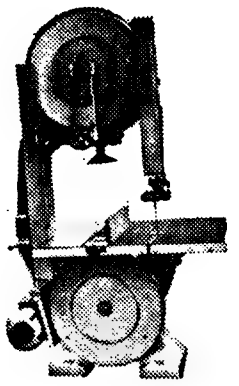
C/ 2 casas novas a estrear Próximo à estação. Praceta da Rua E 1-Lote 78-79, junto à Rua Quinta das Palmeiras, Nova Oeiras

B E B É S

Camas, porta-bebés, conjuntos, parques, banheiras, andadores, carros, triciclos, automóveis, etc. Fabricante vende directamente ao público. «BAVÁRIA», Av. da Igreja, 9 - B — Rua dos Correeiros, 184 - 2.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Inácio da Silva FUNDÃO

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

SERRA DE FITA
MOD. SF-70-80-90

Fábrica: **TROFA** (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida da República, 29 LISBOA Telef. 50473

C O N V O C A T Ó R I A

Convocam-se os vendedores dos sectores de Drogas e Produtos Químicos para uma reunião, no dia 7 do corrente, pelas 21,30 horas, na sede do Sindicato, a fim de se discutirem problemas de interesse para a classe.

A DIRECÇÃO

Lisboa, 5 de Junho de 1974.

DL/NACIONAL

PORTO

Pedido o saneamento dos orgãos administrativos locais

PORTO — A comissão concelhia de Maia do M.D.P. enviou ao ministro da administração Interna uma representação reclamando o saneamento dos orgãos administrativos locais, ainda na mão dos fascistas. Assim, propuseram para a Câmara Municipal a seguinte comissão: Luís de Almeida agente técnico), Rocha Moreira médico), Olívia de Vasconcelos enfermeira), António Martins de Oliveira operário), Domingos Magalhães mestre-de-obras), A. Melo arquitecto), Américo Marques universitário), Germano Maia emp. escritório), António A. Martins emp. escritório, Moises Maia comerciante), Jaime Azevedo empreiteiro), Maria de Lurdes Albergaria professora), Carlos Soares Carneiro ag. técnico), Armando da Silva Dias guarda-livros) e António Neves da Silva desenhador).

MANOBRAS DE INTIMIDAÇÃO

O M.D.P. enviou ao comandante da Região Militar do Porto uma representação em que denuncia as manobras de intimidação do presidente da Junta de Freguesia de Lever, Manuel Alves da Cunha, na pessoa do democrata José Ferreira de Sousa, comerciante, quando este colocava tarjetas da comissão concelhia de Gaia do M.D.P., anunciando uma sessão de esclarecimento.

COMÍCIO COMUNISTA

Organizado pelo comité Regional das Beiras do Partido Comunista português, realiza-se no próximo sábado, no cine-teatro de Agueda, pelas 10 horas, um comicio especialmente dedicado aos operários e camponeses da região.

DEBATE POLÍTICO

O Movimento Democrático do Porto promove nos próximos domingo e segunda-feira caravanas de automóveis que percorrerão os diversos concelhos do distrito do Porto, nas sedes dos quais se realizarão sessões de esclarecimento e debate político.

A concentração para a partida faz-se às 1o horas, da manhã daqueles dias na sede central do M.D.P. à Rua dr. Alfredo Magalhães, 110. Convida-se todos os demòcratas a incorporarem-se ou porem os seus carros à disposição daquele Movimento Democrático. Entretanto, no próximo dia 10 de Junho a comissão concelhia do Marco de Canaveses do M.D.P. realiza um comício naquela localidade. Aquele movimento convida todos os democratas marcoenses, residentes na área do Porto, a estarem presentes ao comício. Para qualquer esclarecimento deverão contactar pelo telefone e7658.

Exames para alunos externos

Prazo prorrogado até 15 de Junho

O prazo de inscrições para exames sem multa dos alunos externos é prorrogado até 15 de Junho, segundo informação do Centro de Informação e Relações Públicas do Ministério da Educação e Cultura.

Igualmente se informa, naquela comunicação, que «dentro do mais breve espaço de tempo possível será emitida pelo Ministério da Educação e Cultura, uma circular a todos os estabelecimentos de ensino,esclarecendoas dúvidas surgidas quanto à aplicação dos despachos 1/74 e 2/74, sobre exames».

«INTERTAP»

..Com data de 31 de Maio surgiu o primeiro número de **Intertap**, jornal **do e para o pessoal** dos Transportes Aéreos Portugueses.

No artigo de apresentação, refere-se que **qualquer jornal de empresa que se preze é, hoje, um jornal responsável das aspirações do conjunto de indivíduos que formam essa mesma empresa,** salientando-se que essa é a sua linha de orientação.

Este primeiro número de **Intertap** inclui noticiário relativo aos últimos acontecimentos da empresa, nomeadamente a entrada em funções da sua comissão administrativa, e ainda um suplemento que inclui um artigo sobre sindicalismo e uma notícia referente à criação do Conselho de Trabalhadores.

Ao seu director, dr. Maia Malta, e aos seus colaboradores desejamos felicidades e longa vida para o **Intertap** na defesa intransigente dos trabalhadores da empresa.

UM COMPUTADOR PARA SALVAR VIDAS

«Não havia tempo para falar com os pacientes alarmados e desorientados, que voltavam da cirurgia.»

«Antes de termos o computador, mal acabávamos de fazer uma série de exames e tinhamos de iniciar a próxima.»

Estes são os testemunhos das enfermeiras, ao referirem-se ao período antes da instalação, em 1966, na Universidade de Alabama, Estados Unidos de um sistema computador.

Usado em cerca de 3.000 pacientes de cirurgia cardíaca, o computador de Alabama é responsável, segundo o Dr. John W. Kirkin, por se terem salvo «cerca de 300 pacientes gravemente enfermos.»

Leia o último número das Selecções do Reader's Digeste e oiça falar os médicos, enfermeiros e doentes, sobre esse maravilhoso sistema de salvar vidas.

KOL
MAPLES
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 87-89
LISBOA
Avenida Boavista, 1802 a 1812 — PORTO

LONDRES
TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS DE ABRIL A OUTUBRO
UMA SEMANA DESDE 2.850$00!
TELS 58722 58785 58791 58863 58875 LISBOA

S. R.

MINISTÉRIO DO COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vendas Novas em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/53019, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Vendas Novas, de uma linha aérea a 30 kV, com 1451 metros, do poste n.º 13 da linha Vendas Novas-Cortiçadas ao posto de transformação de Francus- Sociedade Industrial de Vestuário, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 3 de Junho de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DO COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alcácer do Sal e Montemor-o-Novo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/51928, do arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Santa Maria do Castelo e Cabrela, concelhos de Alcácer do Sal e Montemor-o-Novo, de uma modificação com aumento de comprimento de 89 m, da linha aérea a 30 kV para o posto de transformação da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, em Casebres com alteração da localização de postos numa extensão de 3670 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral ou na Secretaria daquelas câmaras municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Maio de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

CTT

Serviço Telefónico Interurbano Automático

OS CTT INFORMAM:

Às 0 horas do dia 8 do corrente inicia-se o acesso automático aos telefones das redes de ABELA, ALVALADE, AZINHEIRA DOS BARROS, CERCAL DO ALENTEJO, CRUZ DE JOÃO MENDES, ERMIDAS SADO, GRANDOLA, MELIDES, PORTO COVO, SANTO ANDRÉ, SANTIAGO DO CACÉM, SÃO DOMINGOS e SINES.

Basta marcar o indicativo seguido do número desejado:

DE LISBOA E PORTO - INDICATIVO 0017

DAS RESTANTES LOCALIDADES - INDICATIVO 017

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

SECRETARIA DE ESTADO DO COMÉRCIO EXTERNO E TURISMO

Edifício do Palácio Foz

ANÚNCIO

Pelos Ministério da Comunicação Social e Secretaria de Estado do Comércio Externo e Turismo foi ordenada a instauração de sindicância acerca do funcionamento da extinta Secretaria de Estado de Informação e Turismo e do Fundo de Turismo.

Toda a pessoa que tenha razões de queixa ou de agravo contra o regular funcionamento dos serviços sindicandos deve apresentar-se ao sindicante abaixo designado, no edifício do Palácio Foz, durante as horas normais de serviço, no prazo de trinta dias, a contar desta publicação.

Lisboa, 3 de Junho de 1974.
O Sindicante.

a) **Fernando Amâncio Ferreira**
Juiz de Direito
O Secretário.
a) **Desidério Maio Valente**
Subinspector da Polícia Judiciária

tem menos de 21 anos?
percorra a Europa por cerca de
2 400,00*

*com o cartão INTER RAIL

informacoes:
Lisboa tel. 32 62 26 - Porto tel. 38 10 00
Caminhos de Ferro Portugueses

DL/DESPORTOS

A 48 horas do Jamor

A 48 horas da final da «Taça» que colocará frente a frente o Benfica e o Sporting, qual o pensamento de alguns dos intervenientes de um jogo que sempre e em qualquer circunstância) desperta as atenções gerais?

Primeiro a palavra para Alvalade, onde o «capitão» Damas e o treinador Mário Lino dizem da sua justiça.

Eis a opinião de Damas:

— Que poderei dizer deste jogo, sobretudo depois das críticas que vieram a lume? Não me parece que seja, do ponto de vista profissional, honesto que jogadores do nosso adversário queiram comparar uma final de «Taça» com o campeonato nacional bem creio haver pessoas que ainda duvidam do mérito da nossa equipa...) que considerem esta final como um «tira-teimas». Não sei porque se diz isto: se, afinal, a «Taça» é absolutamente independente do campeonato que foi ganho por nós superiormente. Espero que dentro da nossa modestia, dentro do nosso fato de trabalho, sem auto-elogios, com enorme honestidade dentro de campo, com essa honestidade que nos deu vitórias consecutivas) o último jogo do Sporting nesta epoca seja qual for o resultado) venha mostrar que o Sporting é uma equipa que merece ser respeitada e que terá de o ser por toda a gente, como equipa humilde que é, com uma única vedeta que e o seu timoneiro) pessoa que melhor que ninguém merecerá a vitória do próximo domingo, que espero, com os meus colegas, poder dedicar-lhe.

Mário Lino:

— Esta é mais uma final com dois clubes tradicionais nestas andanças. Isto faz com que qualquer deles considerem este jogo com especiais cuidados, para que a vitória lhes sorria, pois quanto a mim) esta prova, a seguir ao campeonato nacional, é o máximo do nosso calendário. Como são duas equipas interessadas na vitória, prevejo um bom espectáculo, fazendo votos para que o jogo corresponda aos anseios dos adeptos do futebol.

No Estádio da Luz, falou Simões: *— Debaixo de grande expectativa, vai-se disputar um grande jogo. Oxala ele possa corresponder, desportiva e disciplinarmente ao que dele se espera. E que ganhe o melhor. Se for o Benfica...*

Opinião de Fernando Cabrita:

— É escusado estar a tirar conclusões do que vai ser esta final, pois está provado que muitas vezes nada do que se passou em jogos anteriores pode servir para mais um Benfica-Sporting. Embora muitos digam que o Benfica é favorito, eu não penso assim. Estamos confiantes sim) mas, cautelosamente: o Sporting está moralizado com o título que conquistou e isso é um facto a considerar, pelo que «eles» tudo farão para vencer mais esta prova.

Inquérito à Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Pugilismo

Em reunião magna da Associação de Boxe do Porto (que teve a presença de dirigentes de clubes, associativos, treinadores, atletas filiados e antigos praticantes, foi decidido apresentar à Junta de Salvação Nacional e Ministério da Educação e Cultura, as seguintes reivindicações:

1. Saneamento total dos funcionários superiores na Hierarquia desportiva do antigo regime fascista; 2. Remodelação total da orgânica do Centro de Medicina Desportiva no Porto; 3. Que seja alargado o horário de exames médico-desportivos no referido Centro de Medicina (das 20 horas às 24) a fim de permitir o acesso aos atletas-trabalhadores evitando que os mesmos não percam horas de trabalho, assim como os seus salários, pois em contrario estarão a pôr em perigo a economia nacional; 4. Que sejam abolidas as multas pór falta de comparência aos mesmos exames, em referência aos atletas amadores; 5. Que sejam exoneradas todas as comissões administrativas das Federações instituídas pelo anterior regime; 6. Que não seja aceite qualquer dirigente sem o seu «curriculum» desportivo e, ainda que não tenha servido o regime anterior em qualquer sector público; 7. Abolição dos encargos desportivos nas modalidades amadoras (impostos, finanças, policiamento, licenças camarárias e pará a SEIT). Abolição das despesas das Associações (luz, telefone, papel timbrado e correio, o que já se tem (praticado em Lisboa); 9. Que a prática da modalidade competitiva, de acordo com os regulamentos da associação de Boxe do Porto, seja autorizada nas categorias de juvenis (15 a 16 anos) e juniores (16 a 18 anos); 10. Que o boxe seja praticado nas escolas do ensino secundário, mas não com carácter de competição; 11. Que seja instaurado um inquérito à Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Boxe, desde a sua nomeação (1967) e que a mesma seja exonerada, permitindo a eleição de corpos gerentes a indicar pelas associações de **Lisboa e Porto».**

Êxito encarnado no ténis de mesa

Prosseguiu a «Taça de Portugal» (em ténis de mesa) que, na sua 7.ª eliminatória, colocou frente a frente Benfica e Sporting (únicas equipas sem derrotas) tendo o Belenenses (com uma derrota, ficado isento de presença neste degrau da prova).

O jogo foi fraco, o que se não compreende, pois o campeonato nacional começa amanhã, na Figueira da Foz, e todos os intervenientes deste «derby» têm uma palavra a dizer, especialmente João Rui (actual campeão).

A vitória do Benfica, está certa e foi mais valorizada pela boa recuperação do Sporting, que conseguiu chegar à igualdade (2-2) para ceder no encontro final e decisivo. A sorte do jogo estava traçada, pois o sorteio indicara como última partida o embate José Alvoeiro-Luís Victor, que normalmente é êxito certo para o jogador «encarnado».

A marca final de 3-2 foi alcançada mercê dos seguintes parciais: João Rui (Bf)-Luís Victor (Sp): 21/17, 21/14 e 21/9; José Alvoeiro (Bf)-Oscar Lameira (Sp): 21/17, 21/16 e 21/15; João Rui e José Alvoeiro (Bf)-Oscar Lameira e Ivanoel Moreira (Sp): 21/12, 15/21, 18/21 e 18/21; João Rui-Oscar Lameira: 8/21, 21/18, 12/21 e 12/21; José Alvoeiro-Luís Victor: 21/7, 21/13 e 21/9.

Depois desta eliminatória, continuam em prova as equipas do Benfica, do Sporting e do Belenenses, pois só às segunda derrota é que se regista eliminação.

Jovens futebolistas de todo o País no primeiro encontro de iniciados

Com o jantar no Centro de Estágio do Estádio Nacional, principia esta noite o I Encontro Nacional de Iniciados, organizado pela Federação Portuguesa de Futebol e destinado a reunir em confraternização nacional dos mais jovens praticantes da modalidade desportiva chamada futebol.

Este encontro que prossegue até à próxima segunda-feira inclui num vasto programa, as seguintes actividades: **amanhã** jogos das nove, às 13 e 30, primeira série com seis jogos, 16 e 30. Segunda série de seis jogos; 21 e 45. Passagem de filmes e jornada de convívio.

Domingo: 9 horas, visitas ao Jardim Zoológico e ao Aquário Vasco da Gama; 17 horas, partida para o Estádio Nacional e assistência à final da Taça de Portugal; 20 e 30, jantar de encerramento.

Segunda-feira: 9 horas (para os jogadores) — circuito turístico Cascais-Sintra; 10 horas (para os responsáveis técnicos das equipas), mesa-redonda sobre futebol juvenil, na Escola de Educação Física com a presença de individualidades ligadas ao futebol entre as quais David Sequerra, Pedroto, Abreu Lopes Augusto Va'egas, Joaquim Campos e Artur Jorge, 15 e 30 retirada das equipas para as suas procedências.

Dado que não se pretende dar o mínimo que seja de carácter competitivo a esta festa do futebol juvenil, cada equipa jogará com dois opositores diferentes, comportando cada encontro duas partes de 12 minutos sem intervalo.

Imediato pagamento das férias exigem os diplomados das Escolas de Educação Física

Os diplomados pelas escolas de Educação Física reuniram-se em Coimbra, no seu III Encontro Nacional, tendo aprovado várias conclusões onde se destaca a aceitação de uma única via de formação de professores paralela e correspondente em graduação académica à que for definida para os restantes docentes.

Os diplomados pelas escolas de Educação Física decidiram eleger uma comissão que se proponha estudar a forma correcta de integração dos actuais diplomados e formar outra comissão de profissionais directamente interessados com o objectivo de estudar o problema gimnodesportivo nacional.

A revogação dos Decretos-Lei n.º 82/73 e 46.912 de 18/3/66 foi igualmente julgada muito urgente tal como se exigiu que, de imediato, seja assegurado o pagamento das férias.

A assembleia delegou nas comissões eleitas o tratamento do programa referente a saneamentos da Educação Física e propôs a eleição de comissões regionais (Norte, Centro, Sul e Lisboa).

Como ponto de ordem, ja destacado, persiste, segundo os diplomados de Educação Física a necessidade da sua completa integração dentro do princípio de idêntico salário para tarefa igual não obstante a existência de diferentes graus de formação, com a extensão de direitos e deveres inerentes a todos os docentes. Correspondem tambem a este ponto as colocações oficializadas nos lugares que actualmente ocupam no quadro de efectivos já existentes, **necessariamente ampliado.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Canarim», Rua Capitão Leitão, 10 ALMADA

Neste fim de semana:

Barracas do Benfica nas Caldas da Rainha

Neste fim-de-semana, prolongado devido ao feriado do «Dia de Portugal», volta o Benfica (por intermédio da secção de campismo) a organizar o seu acampamento colectivo, que se espera ter a presença de cerca de 1500 pessoas. Para estes três dias passados em contacto com a Natureza, além do local escolhido (Caldas da Rainha) ser muito aprazível, houve o cuidado de estabelecer um programa aliciante, onde o desporto tem lugar importante.

Eis o programa de amanhã: às 8 horas, abertura; 15, início das provas; às 17, inauguração oficial; 18, outras provas desportivas. Domingo: 7 e 30, alvorada; 10, provas desportivas; 11, início do pentatlo juvenil; 15, visitas culturais; 21 e 30, fogo de campo. Segunda: 10 horas, gincana campista; 14 e 30, distribuição de prémios, e, às 20, encerramento.

Apesar das restricções na aquisição de gasolina em vigor, o abastecimento para o regresso está assegurado.

Seis centenas de ginastas no Sarau anual do Sporting

O Sporting marcou para a noite de amanhã a festa da sua Ginástica. O Pavilhão dos Desportos (onde a festa se realiza, a partir das 21 e 30), será, assim, palco de apresentação de um ano de trabalho nos domínios da ginástica desportiva e educativa por parte de um clube com tradições largas na modalidade.

Nessa note, o Sporting vai apresentar cerca de 600 dos seus atletas esperando-se que, para além de índice do trabalho técnico produzido ao longo do ano, este Sarau constitua uma jornada de propaganda em favor do desporto-base chamado Ginástica.

REGISTO

..PUGILISMO: o F.C. do Porto vai organizar o «I Torneio Popular de Boxe».

ANDEBOL: O presidente federativo José Gomes Machado endereçou convites às selecções da Rússia e Roménia para se exibirem no nosso País em Dezembro.

BARREIRENSE: Ezequiel, Patrício direcção), Manuel Crespo conselho de contas) e dr. António Ribeiro assembleia Geral) vão comandar o novo elenco directivo da colectividade.

BASQUETEBOL: Amanhã, na Luz Benfica-BPM, pelas 21.30) e na Ajuda Sporting-Algés, às 21), disputam-se as meias-finais da «Taça de Portugal».

HALTEROFILISMO: José Coelho Luso), Raul Dinis Carcavelos), Silvestre Fonseca Luso), Mario Figueiredo Luso) Manuel Farinha Ginásio Clube do Sul), Alfredo Pimenta Halter do Porto), António Rocha Luso), e Costa Pedro Ginásio Clube) são campeões nacionais de primeiras séries.

PESCA DE MAR: Maria Gabriela Santiago, Arminda Santos Oliveira, António Marques Vieira Ferreira, Carlos Borges, Mário Correia, Duarte Pimentel, António Duarte, José Garcia e José Daniel Fernandes Júnior destacaram-se no concurso efectuado no rio Lis.

«TAÇA»: A temporada de andebol está a terminar. Para a «Taça de Portugal», efectuam-se amanhã os seguintes jogos: Progresso-Sporting, Espírito Santo-CACO, Vitória de Setúbal-Almada, F.C. Porto-Desportivo de Portugal, Passos Manuel-Académico, Encarnação-A. Santas, Belenenses--Técnico e Benfica-F.C. Infesta.

ATLETISMO: Triatlos iniciados masculinos e femininos, e, ainda, juvenis femininos), tetratlos juvenis masculinos) e pentatlos)juniores masculinos e femininos) a realizar na manhã de domingo, pela Associação de Desportos de Aveiro.

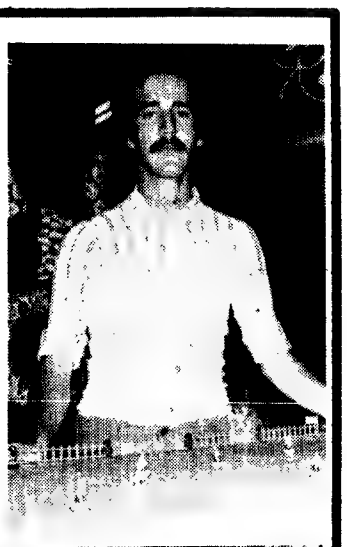
MINIGOLFE: No «Torneio Primavera 74» que se efectuou em Faro) evidenciaram-se João Silvério, Cruz e Ferro, Martins Evora, Maria da Luz Evora, Odete C. Almeida e Isabel Neves.

TENIS DE MESA: No torneio para jovens organizado pelo Sport Benfica Corvense, a classificação está comandada pelo Casa Pia 12 pontos), seguindo-se Monte Pedral, Ginásio de Alfama e Castelo 10); Tejolense 9); Corvense e Tuna Chelense 8); Boa-Hora e Cascalheira 8) e Adicense 5).

SANTAREM: A Casa do Benfica realiza amanha, pelas 21.30 na Praça de Touros de Santarém o seu sarau anual de ginástica sendo as entradas livres.

"SUBBUTEO" em Munique

Na firma Chaves, Feist e C.ª Ld.ª, foi apresentado à Imprensa o representante português ao primeiro campeonato mundial de jogo do «Subbuteo» (8 a 11 do corrente, em Munique) a que concorrerão jovens de 20 países. Trata-se do jovem Carlos Manuel Fonseca Gonçalves (22 anos de idade, estudante de Engenharia) que, na eventualidade, foi «treinado» por Eusébio da Silva Ferreira, elemento com funções publicitárias no lançamento do «Subbuteo» no nosso País. Nas imagens, recolhidas durante o «cocktail» de despedida ao oficioso campeão nacional de «Subbuteo», vêem-se Porfírio (antigo futebolista), Eusébio, Maria Manuela Paulino Gomes Feist (que vai regressar às actividades artísticas), Pedro Feist, Henrique Feist e o nosso redactor Neves de Sousa, além (evidentemente) de Carlos Manuel Fonseca Gonçalves que, para além de ir competir ao jogo para que tem muitas aptidões, ainda tera como prémio uma «espreitadela» nos encontros «a sério» do Mundial de futebol



Vedetas do "Mundial" de futebol

Rivera aos 30 anos

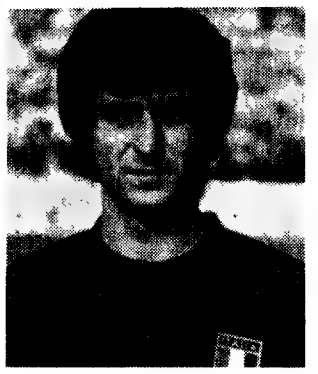
ROMA (por Wilborn Hampton da UPI — exclusivo da ANI em Portugal) — Gianni Rivera é, no futebol, um dos raros «meninos prodigios» que são esperanças. Com 30 anos, solteiro, é dos poucos atletas com que muitos treinadores sonham: que o diga o seleccionador italiano Ferruccio Valcareggi.

Rivera entrou no futebol profissional aos 15 anos, num jogo do clube da sua terra (Alessandria) contra o poderoso «Inter» de Milão, em 2 de Junho de 1959. Fixou-se na equipa principal: mas, na época seguinte, relegado que foi para a divisão secundária o Alessandria, passou para o Milan, onde já esta há 14 anos.

Embora se tenha tornado num dos mais brilhantes futebolistas (no que respeita, sobretudo, à entrega da bola e à imaginação da jogada) a carreira nacional de Rivera tem sido entrecortada por passagens pelo banco dos reservistas, que não poucas vezes têm dado azo a discussões com os seleccionadores.

De todos os jogadores italianos que vão à Alemanha Ocidental, o famoso Rivera é o que de mais longe «puxa» a experiência internacional: data de 13 de Maio de 1962 a sua estreia na selecção , num jogo particular com a Bélgica (em Bruxelas). Um ano decorrido, tinha já cinco internacionalizações no activo, isto quando Giacinto Fachetti, o mais «internacional» dos italianos (72 jogos), fazia a sua aparição na equipa nacional.

Depois da desastrosa derrota da Itália frente à Coreia do Norte (no «mundial» de 1966, na Inglaterra) Rivera esteve quase um ano sem aparecer na selecção italiana.



Valcareggi, que assumiu a direcção da equipa nacional, também tinha as suas dúvidas a respeito de Gianni e, no torneio de 1970, alternou Rivera com outros, utilizando a «vedeta» do Milan unicamente numa parte em cada encontro.

Após uma porção de tempo de marginalidade (e de algumas conversas particulares com Valcareggi) Rivera reconquistou o seu lugar e foi sempre dos primeiros a serem convocados para representar a Itália, nos últimos 12 jogos.

Com 1,75 e 68 quilos, Rivera não impressiona pela presença física mas sim pela agilidade e visão com que cria possibilidades de golo. Marcar não e o seu forte: atesta-o o facto de, nos seus 57 jogos internacionais, apenas ter introduzido a bola nas balizas adversárias por 13 vezes. E forte (sim), no «drible» na «finta» e, sobretudo, na precisão do passe, atributos que completa com a noção clara de que a equipa são dez e mais ele. Num país onde as «primas donnas» do futebol abundam, Gianni prefere sentir-se parte do coro a cantar a solo.

As lesões nas pernas têm-no afectado com grande frequência: na época em curso, esteve várias semanas parado, a fim de se recompor devidamente para a campanha do «mundial». Agora, a Itália conta com a sua rapidez de acção e de reflexos e, principalmente (porque é nisso que Rivera dá efectivamente a real medida do seu valor) com a clarividência com que «lê» o jogo e orienta a acção dos seus colegas.

Aos 30 anos, o homem de Alessandria não pode deixar de pensar que o fim da sua carreira futebolística não está longe: «Vou sentir muito a falta do campo, aquele rectângulo verde» — declarou recentemente.

Sobre futebol

BELENENSES

O Belenenses actua esta noite em França (Besançon) num jogo particular contra o Racing local, da 2.ª divisão tricolor.

JUNIORES

Está formada a selecção lisboeta de juniores que, amanhã, na Tapadinha, vai enfrentar a turma de Madrid. Elementos escolhidos: Valter (Sporting), Domingos Pedreira (Belenenses), Eurica (Benfica), Vicente (Sporting), Isidro (Bel.), Barrinha (Bel.), Fernando Martins (Atlético), José Maria (Oriental), Amaral (Atl.), Hernani (Sp.), Eduardo (Bf.), Libanio (Sp.), Alexandre e Pombo (ambos do Belenenses), Paulo Jorge e Cardoso (os dois do Sporting).

JUVENIS

Para o Lisboa-Beja (juvenis), também a realizar na Tapadinha, às 16 horas de amanhã, a turma lisboeta apresentará Damião (Sp.) Rodrigues Dias (Sp.), Orlando (Bel.), Luis Vasques (Sp.), Artur (Caselas), Macau, Barão e Cerdeira (todos do Sporting), Salvado, Carlos e Cavungi (os três do Benfica) além dos suplentes Belo e José Luis (Casa Pia), Lima (Belenenses), Vaz, Avelar e Candeias (Atlético) e, ainda, Teixeira (do Loures).

BOAVISTA

O Boavista contratou o brasileiro Dario (do Flamengo) conhecido no seu país como «o peito de aço». O compromisso com o clube do Bessa será por dois anos.

PORTO

Dez profissionais do F. C. Porto terminam em Julho os seus contratos. Nomes nesse grupo: Rui, Leopoldo, Gualter, Ronaldo, Bené, Guedes, Vieira Nunes, Nobrega, Valdemar e Rolando.

ESTORIL

O Beira-Mar actua amanhã, no Estoril, na festa de homenagem a Virgilio, Estoril Praia. Antes (15 horas) exibem-se a Velha Guarda do Estoril e a «Seita do Olho Vivo», que integra alguns ex-internacionais de épocas pouco recuadas.

BENFICA

No Benfica, corte grande no lote de profissionais de futebol: dos 41 actualmente existentes, apenas 25 continuarão na Luz, já se incluindo neste bloco os juniores que vão ser promovidos ao escalão maior.

Palma Carlos recebeu o Sporting

O prof dr Adelino da Palma Carlos, presidente do Conselho de Ministros, recebeu ontem a direcção do Sporting que, presidida por João Rocha, tratou de diversos assuntos referentes à vida da colectividade de que todos são adeptos e, para além de abordar problemas desportivos na generalidade, convidou o companheiro de emblema para assistir à final da «Taça», no Jamor

Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul

LISBOA

CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do § 2.º do art.º 23.º dos Estatutos do Grémio, é por este meio convocada a reunião da Assembleia Geral Extraordinária para o dia **11 do corrente mês, terça-feira, pelas 14,30 horas,** na sede da União dos Grémios dos Lojistas de Lisboa, Rua Castilho, n.º 14, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Apreciar assuntos de interesse concernentes à actividade de garagens e estações de serviço;
2 — Tomar deliberações com vista à transformação deste Organismo em Associação de Classe das Garagens, Parques de Automóveis e Estações de Serviço do Sul;
3 — Eleger Comissão Directiva e instaladora da Futura Associação.

Não havendo número legal de sócios para que a Assembleia possa funcionar à hora indicada, fica desde já convocada, nos termos do § 3.º do mesmo artigo, para as **15 horas,** no mesmo dia e local, com a mesma ordem de trabalhos, funcionando com qualquer número de sócios.

Lisboa, 5 de Junho de 1974

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Pel'A Electro Central Vulcanizadora, Lda.
José Gonçalves Leitão

o moinho de vento

RESTAURANTE

R. João Pereira da Rosa, 7 Telef. 328822 LISBOA

ENCONTRA-SE ENCERRADO NOS DIAS 8, 9, 10 PARA DESCANSO DO PESSOAL.

DIRECTOR-INTERINO NO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Assumiu as funções de director interino do matutino «Diário de Notícias» o dr. João Dinis, administrador da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do jornal. O anterior director, Fernando Fragoso, pediu ontem a exoneração do cargo após os acontecimentos, que ontem relatámos, relativos à publicação de comunicados dos trabalhadores da empresa na edição de ontem do «Diário de Notícias» sem o acordo da direcção e do corpo redactorial.

A nomeação do dr. João Dinis foi ontem à noite comunicada aos trabalhadores da empresa, sabendo-se que impôs para a sua anuência a não publicação de qualquer comunicado dos trabalhadores na edição de hoje do matutino, o que foi aceite.

O «Diário de Notícias» esteve em risco de não surgir hoje nas bancas de venda. De facto, ontem à tarde, o ministro da Comunicação Social anunciou a um grupo de representantes dos trabalhadores, por ele convocado, que o jornal estava suspenso por determinação do Governo Provisório. Todavia, à noite, os trabalhadores que se dirigiram ao Ministério do Trabalho foram informados de que o jornal continuaria a ser publicado. Ao regressarem à empresa, foi-lhes comunicada a nomeação do director interino.

Entretanto, os acontecimentos do «Diário de Notícias» foram objecto de uma reunião ontem, ao começo da tarde, entre o primeiro-ministro Palma Carlos e proprietários e directores de jornais.

Faleceu o jornalista José Carneiro

Faleceu José Carneiro, nosso camarada do «Jornal do Comércio». Nascido no Porto em 13 de Julho de 1952, José Carneiro «internacional A» na modalidade de voleibol, principiou a sua actividade jornalística como colaborador de jornais desportivos.

Presentemente, José Carneiro a par da sua actividade no jornal, frequentava o curso de Jornalismo na Escola Superior de Meios de Comunicação Social.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 16 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério de Agromonte, no Porto.

À família enlutada e aos trabalhadores do «Jornal do Comércio», o «Diário de Lisboa» apresenta sentidos pêsames.

GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS METALÚRGICOS E METALOMECÂNICOS DO SUL

REUNIÃO PLENÁRIA

Em seguimento à circular n.º 10/74, de 3 do corrente, convocam-se todos os industriais inscritos no Grémio para a REUNIÃO PLENÁRIA que se realiza no dia 8 do corrente (sábado), às 15 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo do Atlético Clube de Portugal - Estádio da Tapadinha (Lisboa), com a seguinte ordem do dia:

1 Deliberar sobre a transformação do Grémio em Associação Livre;

2 Apreciação, na generalidade, das bases estatutárias da referida Asociação;

3 Eleição da Comissão Instaladora da mesma Associação;

4 Eleição de Comissões representativas dos diversos sectores de actividade, para estudo dos problemas específicos desses sectores a apresentar ao Governo.

Pede-se a todos os associados:

que se façam acompanhar do respectivo bilhete de identidade e da circular atrás referida (ou, na sua falta, de uma credencial da empresa);

que, de harmonia com as indicações que serão dadas à entrada do Pavilhão, se dirijam desde logo para o local reservado ao respectivo sector de actividade.

SINDICATO NACIONAL DOS ENGENHEIROS AUXILIARES, AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA E CONDUTORES

(Secção Regional Norte)

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Colegas a comparecerem no Plenário da Classe no dia 7/6/74, pelas 21 horas, na sala de Conferências do Instituto Industrial do Porto, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1.º — Informações sobre o trabalho desenvolvido pela Comissão Directiva

2.º — Discussão e votação do Regulamento Interno Provisório

3.º — Discussão e votação do Regulamento Eleitoral

Avisam-se todos os Colegas que desejem participar nos trabalhos do Plenário e que ainda não se encontrem inscritos no Sindicato, de que devem proceder o mais rapidamente possível à sua inscrição nos termos já divulgados pela Comissão Directiva, para evitar afluências de última hora.

Apesar disso, funcionará uma mesa de inscrição à entrada da Sala do Plenário, a partir das 20,30 horas.

Avisam-se todos os Colegas de que devem comparecer munidos da Carteira Profissional ou documento que certifique a inscrição.

Pel'A COMISSÃO DIRECTIVA
Palmira Santos

O CASO DA "ÉPOCA"

Com pedido de publicação, recebemos o seguinte comunicado, dactilografado em papel com timbre do extinto diário «Época», órgão da também extinta A.N.P. e propriedade da Companhia Nacional Editora:

«Os trabalhadores desta empresa encontram-se em situação desesperada, em virtude de ainda não terem recebido os seus vencimentos. Em face da situação, quem é que vai pagar as rendas de casa e sustentar os seus lares?».

Não habilitados a responder à pergunta, como é óbvio, entendemos, no entanto, que o problema destes trabalhadores cujo número, segundo foi noticiado pouco antes da extinção do jornal, atingem as quatro centenas) terá de ser estudado, com vistas a rápida solução, pelos seus representantes sindicais, em ligação com o Ministério do Trabalho.

ACTIVIDADES CULTURAIS GULBENKIAN

A Sala 1 da Zona dos Congressos da Fundação Gulbenkian, é hoje cenário para a 7.ª Lição do III Ciclo dos Cursos de História de Arte, orientada por Jorge Pais da Silva.

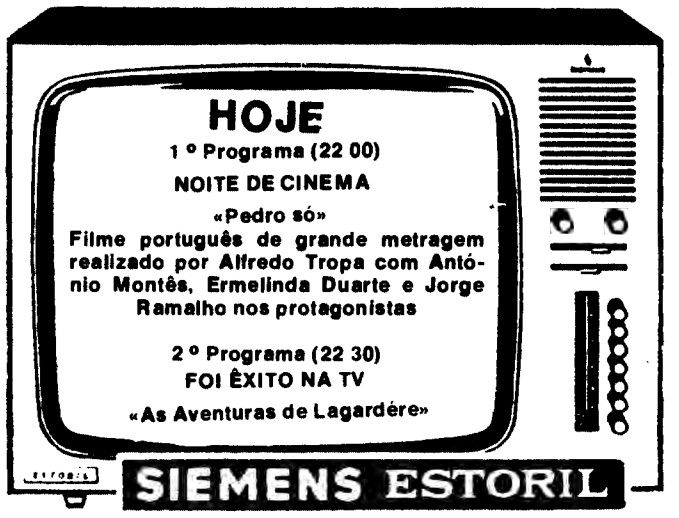
A Lição é subordinada ao tema «Trajectória da Arte Gótica na Europa Ocidental» e subdivide-se nos seguintes subtemas: «centros criadores da escultura gótica nacional; inovações temáticas, formais e compositivas; directrizes da escultura monumental e decorativa; concepção dos sarcófagos durante os sécs. XIV e XV. Escala e valores plásticos da estatuária.

Entretanto, foi inaugurado nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação um espectáculo audiovisual comemorativo do 1.º Centenário do Impressionismo Francês. Esse espectáculo terá início às 15 horas e terminará às 19, excepto aos domingos, em que o horário será das 10 às 17 e às segundas-feiras, em que não haverá espectáculo. A entrada é livre e a iniciativa prolongar-se-á até 23 do corrente.

Um dia antes, ou seja a 22, o jovem organista norte-americano, Joel Hancock, preencherá, a convite da Fundação, um recital de órgão a realizar na Sé Catedral.

Finalizando este resumo das actividades da Fundação Gulbenkian, informamos que pelas 12 horas do próximo domingo, terá lugar, no edifício do Museu Gulbenkian, o sétimo recital de música de câmara, que fora oportunamente adiado por motivo de doença da pianista Nella Maissa. O recital será composto por obras de Beethoven e de Schumann. A entrada é livre.

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados TV Funnes
13.00 Saber não faz mal
13.15 «Valérie e a Aventura»
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Encontro com Luis Galvão
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV educativa. Física Moderna
19.25 «O Diario das Fabulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Inventario musical
20.35 Dialogo
2130 Telejornal, 3.ª edição
22.05 «Pedro, o So»
23.30 Telejornal, 4.ª edição
23.40 Fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 «Valérie e a Aventura»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Expedição
22.30 Foi êxito na TV. «As Aventuras de Lagardère»
23.30 Fecho

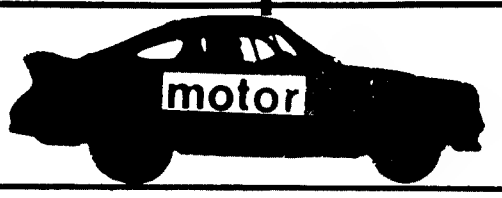
AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados: «O Feiticeiro de Oz»
13.15 Os garotos do 47-A
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Hoje pode ver
14.10 O caso da semana
14.35 Do, Lá, Si
15.00 TV educativa. Ginastica infantil
15.25 Desenhos animados: «Flintstones»
15.50 Estudio sem marcação
16.30 «Waltons»
17.20 Teledesporto
17.45 «Skippy»
19.15 Cada dia uma esperança
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Se bem me lembro
20.35 Eurovisão Programa comemorativo do XX Aniversario da Eurovisão
21.50 Telejornal, 3.ª edição
21.25 O sinal do dragão
23.30 O mundo à nossa volta
23.30 Telejornal, 4.ª edição e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhso animados
20.45 O caso da semana
21.15 Os garotos do 47-A
21.50 Telejornal, 3.ª edição
22.25 Medicos de hoje
23.25 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	18º
P. DOURADAS	13º
COIMBRA	18º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	21º
FARO	24º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO E ELVAS
Máxima 30,0º

MONTALEGRE
Mínima 5,4º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 15.5º
Atmosfera 18,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.58 3,5 m	10.55 1,1 m
17.51 3,8 m	23.25 1,0 m
DIA 8	
6.16 3,4 m	11.32 1,1 m
18.29 3,7 m	
DIA 9	
6.55 3,4 m	00.04 1,1 m
19.08 3,6 m	12.12 1,2 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de ceu muito nublado alternando com boas abertas, vento fraco ou moderado de Norte, neblina matinal.

AMANHÃ
NASCER ÁS 6 11
OCASO ÁS 21 00

DIA 13 | DIA 20 | DIA 26 | DIA 4

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiario
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convivio
18.05 Cantos de luta
18.30 Forças Armadas
19.05 Musica variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Momento 74
21.20 Interludio
21.30 Transmissão, do S Luis, do 5 espectaculo da série «Canto Livre»
00.00 Sinal horario

2.º Programa

16.00 Ciclo do Barroco Italiano
16.45 Música de vanguarda
17.02 Música de cravo
17.30 O compositor da semana. Aram Khachaturian
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
20.30 Concerto pelo coral Luisa Todi de Setubal, dir de Jorge Manzoni
20.50 Filatelia, pelo dr Silva Gama
21.30 Concerto pela orquestra sinfonica da Emissora Nacional, sob a dir do maestro Richard Dufallo Colaboração do pianista Sergio Varela Cid

Programa Estereofonico MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 O trio «Belas Artes».
22.45 Prelúdios de Debussy, pelo barítono Fischer-Dieskau
00.00 Duas sinfonias, de Haydn
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Media

16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
20.40 Programa movimento/Radio-Teatro
21.03 Portugal alem da Europa.
21.17 Música para meditar
21.32 Quando o telefone toca.
23.06 Rubrica policial do inspector Varatojo.
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A Noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiario
16.04 Programa CDC
18.02 O Nosso programa
19.04 Em Orbita-1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gó-Gó
23.00 Noticiario: Clube à Gó-Gó (continuação)
00.02 Em órbita-2
01.02 Banda sonora Sonipol

02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiario
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.23 Palavra do Dia; no final - Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiarios e reportagens de Radio Renascença
19.30 Página1
21.04 Meditando.
21.08 Programa dos sócios.
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
06 00 às 10 00 e 14 30 às 17 00

RÁDIO PENINSULAR
10 00 às 12 00 e 19 30 às 22 00

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
12 00 às 14.30

RÁDIO VOZ DE LISBOA
17 00 às 19 30 e 22 00 às 02 00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H 1 (TODA A NOITE)

AJUDA
Lopes, Rua do Cruzeiro 117 (Telef. 633288)

ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 56-C (Telef. 863940)

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Praça D. Afonso III) (Telef. 843439)

ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Telef. 712070); **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Telef. 710465); **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (Telef 726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Telef. 40592); **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (Telef. 770776); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Telef. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental), Telef. 842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Telef. 841122)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Ruas das Portas de Santo Antão, 86 (Telef. 321211)

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429-A (Telef. 780027 e789965)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Telef. 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Teled. 650760)

ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo António, 98 (Telef 665196)

LAPA
Silva, Rua S. João da Mata, 72 (Telef. 661010)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef. 790942)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612)

OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Telef. 310026)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichaleira, 140-B/C (Telef. 720703 e 728395)

REGO
Pratas e Mora, Rua da Beneficiência, 91 (Tel. 773728)

RESTELO
Tânara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (a Encosta do Restelo) (tlef. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-çB (tlef. 637020)

S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola Politécnica, 82-B (Telef 660280)

SOCORRO
Tavares, Rua da Palma 194 (Telef. 863350)

TURNO H 2 (ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Telef. 637777)

ALTO DO PINA
Zional, Rua Morais Soares, 56-C (Telef. 847708)

ALVALADE
Neuroterapia, Campo Grande, 138 (Telef. 774682); **Ideal**, Av. Alm. Gago Coutinho, 49-A (Telef. 712803)

ANJOS
S. José, Rua dos Anjos, 41 (Telef. 50730)

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. João de Deus) (Telef. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Telef. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cardeira, Av. Duque de Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (Telef. 43495)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (Telef. 849448); **Zira**, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172)

BAIXA
Unita, Rua da Vitória, 21 (Telef. 323793)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-B (Telef. 702532)

CAMPO DE OURIQUE
Porfírio, Rua Francisco Metrass, 50 (Telef. 663349)

CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (Telef. 680304)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa 33 (Telef. 780181)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (à Rua Gomes Freire) (Telef. 533411)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef. 790704)

RESTELO
Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, J. P. M. 3 (Telef. 610256)

S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Telef. 679673)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Avenida Luís Bivar, 69 (Telef. 47213)

XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (Telef. 383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 2422839

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (Telef 2435147)

OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef 2430058)

PAREDE
Brandão, Av. da Republica, 77-C (Telef 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Telef 263052)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef 260191)

CASCAIS
Misericordia, R. Regimento, 19, 41 (Telef 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B Caxias (Telef 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Telef 934589, **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef 930072; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (Telef 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telef 974161)

QUELUZ
Andre, Av. Elias Garcia, 151 (Telef 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef 951841)

CACÉM
Araujo e Sa, Est. de Paço Arcos, lote 1-B (Telef 2940781)

MEM MARTINS
Química, Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef 2930832)

COLARES
Abreja, (Telef 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (Telef 224100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 31-A (Telef 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional 178-B (Telef 2040302)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef 2073207)

COVA DA PIEDADE
Louro

MOITA
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Telef 239029)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef 230156)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef 229471)

SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (Telef 22216)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef 2218560)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Martino, Sucr., Praça Marq. de Pombal, 122; **Pombeiro**, C. Mártires da Pátria, 152; **Prelada (da)**, Rua Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira**, Rua S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira**, Rua Sa da Bandeira, 236.

SUB-TURNO A

Ameal, Rua do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do)**, Rua do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva**, Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular**, Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297.

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046); **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Tel. 23569); **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel. 22634)

cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2 ª Semana! Colorido
Uma historia de amor a três ... COM TANTO AMOR? COM QUAL AMOR? com Catherine Spaak, Claude Rich e Lou Castel

CASINO ESTORIL (T 264521)
17 00 e 21 30
Grupo D (18 anos)
Technicolor
A REVOLUÇÃO DE 1870 com Anna Magnani e Mario Carotenuto

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Colorido
CHAMARIZ DE SAIAS
Fresca, brejeira, irreverente!

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3 ª Semana!
Ryan O'Neal e Tatum O'Neal LUA DE PAPEL um filme de Peter Bogdanovich. Oscar da Academia para a melhor actriz secundário
24.00
Grupo D (18 anos)
«O Riso da Meia-Noite»
UM MARIDO INFIEL de Jean Aurel com Jean Yanne e Francoise Fabian

LONDRES (T. 801313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo B (10 anos)
2 ª Semana! Colorido
O que o mundo não viu revelado agora para si! VENCEDORES E VENCIDOS. O momento fantástico da história do cinema
00 15
Grupo B (10 anos)
O GIGANTE

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Color
BOB E CAROL E TED E ALICE com Elliot Gould e Natalie Wood
00 30
Grupo D (18 anos)
Ciclo «Sucessos de Sempre»
James Stewart, Henry Fonda e Shirley Jones em UM CLUBE SO PARA CAVALHEIROS

ROMA (T 727778)
21 45
Grupo D (18 anos)
Estreia
PARAÍSO AO SOL com Ornella Muti e Alessio Orano

EUROPA (T 661016)
21 30
Grupo D (18 anos)
4 ª Semana!
Alain Delon e Sonia Petrova OUTONO ESCALDANTE

ALVALADE (T 717480)
21 45
Grupo D (18 anos)
Noite de Estreia
ENSANGUENTADA NOIVA DE DRACULA
15 30 e 18 30
Grupo D (18 anos)
Ultimas
Jean Marais em O PARIA
00 15
Grupo D (18 anos)
«A Meia-Noite do Alvalade».
Colorido
A MARCA DE SHAFT com Moses Gunn
(Metro: Alvalade)

CINEARTE (T 660446)
21 00
Grupo D (18 anos)
PARA MIM AS MULHERES NEM CFU NEM FA
Amanhã
00 30
Grupo D (18 anos)
«Meia-Noite Em Acção».
CEU VERMELHO com Robert Wise e Robert Mitchum

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
2 ª Semana! Colorido
A LADY E O MOTORISTA com Robert Shaw e Sarah Miles
00 30
Grupo C (14 anos)
Ante-Estreia do filme de Federico Fellini que inaugurou o Festival de Cannes AMARCORD

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15, 18 30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4 ª Semana! Color
Alain Delon e Sonia Petrova OUTONO ESCALDANTE
(Metro: Alameda)
18.30
Grupo D (18 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
OS IMPOSTORES com Charles Aznavour e Candice Bergen

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2 ª Semana! Color
Laura Antonelli e Alessandro Momo MALÍCIA
00 30
Grupo C (14 anos)
«Um Êxito à Meia-Noite»
QUE HA DE NOVO GATINHA? com Peter O'Toole e Romy Schneider

ROYAL (T 865037)
Grupo C (14 anos)
DERRAPAGEM Em compelmento KIOWA

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
3 ª Semana! Colorido
HITLER OS ULTIMOS 10 DIAS com Alec Guiness. O estretor de uma tirania
(Metro: Arroios)

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 12.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor - TODD-AO 35
26 ª Semana!
O filme de Norman Jewison «JESUS CRISTO SUPERSTAR»
00 30
Grupo D (18 anos)
«Meia-Noite Fantastica»
A BELA E O MONSTRO com Ralph Bates e Martine Beswick

POLITEAMA (T 326306)
15 15, 18 15 e 21 45
Grupo D (18 anos)
SINISTRA RECORDAÇÃO com Robert Walker e Carol Lombard
00 30
Grupo D (18 anos)
Ciclo «Terror à Meia-Noite»
O VEU NEGRO
Amanhã
ENTRE A LOUCURA E O CRIME

ESTÚDIO 444 (T. 779[illegible]5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana!
A VIRGEM E O SORTILEGIO com Francíose Fabian e Jena Marc Bory
Hoje e Amanhã
00 30
Grupo D (18 anos)
«Cinema Fora de Horas»
PRAZERES DE VAMPIRA

ODEON (T 326283)
21 30
Grupo D (18 anos)
Estreia
Um festival de malandrice em cuecas
AS NOITES DO DELICADINHO com Alfredo Landa
15 15 e 18 15
Grupo D (18 anos)
Despedida
AS TROMBETAS DO APOCALIPSE

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
5.ª Semana! Grupo D (18 anos)
A obra-prima de Serge Eisenstein «O COURAÇADO POTEMKIN». Em complemento «JAIME» de António Reis
(Metro: Alameda)

MONUMENTAL (T. 555131)
14.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Color
NICOLAU E ALEXANDRA um filme de Sam Spiegel realizado por Franklin Schaffner. O filme começa
Grupo D (18 anos)
18.30
O AMANTE com Elliot Gould e Bibi Anderson

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
9 ª Semana! Eastmancolor
SEGREDOS PROIBIDOS com Jacqueline Bisset

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
8.ª Semana!
Em versão integral. O célebre filme de Ken Russell TCHAIKOWSKY DELÍRIO DE AMOR (THE MUSIC LOVERS) com Glenda Jackson e Richard Chamberlain

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Color
OS CENTURIÕES com Anthony Quinn, Alain Delon e Claudia Cardinale

RESTELO (T 610375)
21 30
Grupo D (18 anos)
6 ª Semana!
O filme de Alain Resnais HIROSHIMA MEU AMOR
00.15
Grupo D (18 anos)
«Sessão de Riso»
DOUTOR VAMOS A ISTO com Sidney James

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 6 ª Semana!
Maria do Céu Guerra, João Mota e Zita Duarte «O MAL-AMADO». Realização de Fernando Matos Silva

TIVOLI (T. 570595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
7.ª Semana! Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (The Sting) premiado com 7 Oscares incluindo o do melhor filme e do melhor realizador.

OXFORD
15 30, 18.30 e 21.30
Grupo B (10 anos)
O FURTO E A ALMA DO NEGOCIO

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Falar»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«A Pedra No Sapato»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

VARIEDADES
21 45 (18 anos)
«Um Padre à Italiana»

LARGO MARTIN MONIZ
21 45 (10 anos)
Circo de Moscovo

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«A Vingança de Rosalie»

CINE-MOSCAVIDE
21 00 (10 anos)
«Nanu, Filho da Selva»

PARIS
21 00 (18 anos)
«Luta Sem Tréguas»

JARDIM CINEMA
21 00 (18 anos)
«Nova York Clandestina»

PROMOTORA
21 00 (10 anos)
«Madame Lin»

SACAVÉM
S. José
21 00 (18 anos)
«O Dragão Ataca»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21 15 (18 anos)
«A rapariga invencível»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

COVA DA PIEDADE
Recreativo
21 15 (18 anos)
«A Mancha do passado»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21 30 (18 anos)
«A Revolução de 1870»

CASCAIS
S. Jose
21 30 (18 anos)
«O Ventre Negro da Aranha»

CASCAIS
Oxford
21 30 (10 anos)
«O Furto é a Alma do Negocio»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Luta sem tréguas»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Tudo a Nu»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21 30 (10 anos)
«Jerry Ama Séca»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»

S. JOÃO
21 30 (18 anos)
«Aquece Apartamento»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Harry, Detective Em Acção»

TRINDADE
21 30 (18 anos)
«Um Dezembro Quente»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (14 anos)
«O Túmulo de Sangue»

ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Ritual»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Drácula Tem Sede de Sangue»

VALE FORMOSO
21 30 (14 anos)
«Um Dia Na Vida de Ivan Denisovich»

CARLOS ALBERTO
21 30 (18 anos)
«O Grande Conquistador» e «A Noite do Ultimo Dia»

COLISEU
21 30 (14 anos)
«Uma Razão Para Viver Outra Para Morrer»

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«A Rainha do Karate»

COIMBRA

GIL VICENTE
21 30 (18 anos)
«O Convite»

AVENIDA
21 00 (18 anos)
«O Couraçado Potemkine»

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«American Graffiti»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS NO PARQUE — Pintura de Armindo Teixeira Lopes (das 10 às 22 h).

ARTE MODERNA — Obras de Eduardo Neves, Virgílio Massigue e Filipe Blanch Diniz (das 14 às 20 h)

BELAS ARTES — Gravuras sobre o tema «Desastres e Misérias da Guerra» (das 14 às 20 h)

CASINO ESTORIL — Pinturas de Stella de Brito (das 15 às 3 h).

DINASTIA — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

ESCOLA FERREIRA BORGES — II Salão de Artes Plásticas.

DIPROVE — Pinturas de Teresa Arriaga (das 15 às 21 h).

GALERIA 111 — Pintura de Jorge Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GRAFIL — Trabalhos de Manuela Pinheiro (das 10 às 13 e das 15 às 20 h).

INSTITUTO BRITÂNICO — Trabalho de David Posonby.

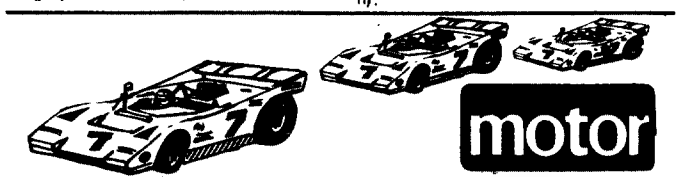
OTTOLINI — Trabalhos de Man.

PALÁCIO FOZ — Pinturas de Manuela de Meneses e Vitor Péon (das 15 às 20 h).

PAVILHÃO DE CONGRESSOS (Estoril) — XIX Salão da Primavera (das 11 às 13 e das 15 às 19 h).

QUADRANTE — «Uma proposta estética — Modulo habitacional», estudo orientado por Carlos Lança.

S. MAMEDE — Pintura de Maria Fernanda (das 10 às 13 e das 15 às 20 h).



motor

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264586/264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 553117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DL/GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

SUBSERVIÊNCIA TOPONÍMICA

Durante cerca de meio século, o fascismo português, à boa maneira mussolínica e hitleriana, exaltou os chefes, adulou os tiranos, vitoriou os ocupantes, isto é, os fascistas promoveram-se a si mesmos donos de um País forçado à obediência. Toda a resistência era quebrada violentamente e o medo gerou a «ordem». A «ordem» dos que davam ordens.

Depois de terem ocupado o poder político e económico, os fascistas ocuparam as praças, as avenidas e as ruas. E as pontes, e os viadutos, e as barragens. Tudo. Subservientemente, os pequenos chefes adulavam os grandes chefes, sujando com os nomes destes as paredes, muros e fachadas das cidades, vilas e aldeias.

E o povo, à sucapa, só podia escrever as suas verdades nas paredes ou comentar acremente o facto. Assim, quando os fascistas deram o nome do Carmona à ponte de Vila Franca, repetido em ambas as entradas, dizia-se que tal ponte era o «bi-carmonato de pontássio». Certos nomes de fascistas substituíram nomes ilustres do passado republicano e até uma Avenida da República, durante a qual foi construída, passou a chamar-se Carmona, figura que apenas se limitou a passar por ela. De automóvel.

Toda esta toponímia vergonhosa tem que ser apagada da terra portuguesa. Mas cuidado com o critério de substituição. Às velhas subserviências não devem substituir-se subserviências novas. Saibamos riscar o passado, erguendo a cabeça e olhando o futuro.

M. de A.

TRABALHO DO GOVERNO PROVISÓRIO

O prof. Palma Carlos recebeu elementos da União Nacionalista de Angola

O primeiro-ministro prof. Palma Carlos recebeu ontem no Palácio de S. Bento, o embaixador do Canadá no nosso País uma delegação da União Nacionalista de Angola e a direcção do Sporting Clube de Portugal, membros dos conselhos de administração e alguns directores de jornais.

Por seu turno, o ministro sem pasta dr. Sá Carneiro, que ao fim da tarde se deslocou a Belém com o prof. Palma Carlos, recebeu o embaixador dos Estados Unidos da América e um enviado do jornal «Tribune de Genève».

O prof. Pereira de Moura, também ministro sem pasta, efectuou ao longo de todo o dia diversas reuniões de trabalho, uma das quais com o secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, eng. Ferreira Lima.

TRABALHO INTENSO DO DR. ALMEIDA SANTOS

O ministro da Coordenação Interterritoprial, dr. Almeida Santos recebeu ontem os governadores-gerais de Angola e Moçambique, respectivamente general Silvino Silvério Marques e dr. Soares de Melo. Recebeu igualmente a missão diplomática da Jugoslávia, chefiada por Raif Dizdarevic, secretário-adjunto do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Governo de Belgrado.

O ministro da Justiça, dr. Salgado Zenha reuniu-se com os secretários de Estado da Administração do Ministério da Coordenação Interterritorial do Planeamento Económico e da Saúde.

O Ministério da Coordenação Económica anunciou que estão a afluir numerosos pedidos de auxílio à nova Comissão de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, que funciona neste departamento.

Entretanto o titular da pasta, dr. Vasco Vieira de Almeida recebeu os representantes sindicais da Carris, a quem deu a conhecer o acordo do Conselho de Ministros à proposta que lhe foi feita e regozijou-se com o comportamento dos trabalhadores «que mostraram interpretar inequivocamente o actual momento que o País atravessa».

MORREU "MADAME" MARQUET

Faleceu em Bruxelas «madame» Georges Marquet, de nacionalidade belga, proprietária da cadeia dos Hotéis Ritz e há muito residente em portugal. Uma vez por ano pelo menos) entregava à Liga Portuguesa Contra o Cancro quantias superiores a dois, três mil contos, durante o peditório nacional que todos nós conhecemos.

Apoio internacional aos Movimentos de Libertação das Colónias

Enquanto, na conferência da Organização Internacional do Trabalho, que prossegue em Genebra, duas moções apresentadas exprimem apoio aos movimentos de libertação africanos, dois dirigentes da Frelimo conferenciam, em Budapeste, com o presidente Ceausescu, e a imprensa do Sudão reitera a solidariedade do Governo de Cartum com os povos das colónias.

O. I. T.

GENEBRA, (Nações Unidas), 7 — (F.P.) — Os delegados africanos à conferência da Organização Internacional do Trabalho (O.I.T.) que começou ontem em Genebra decidiram retirar, pelo menos provisoriamente, as suas moções pedindo a expulsão de Portugal da O. I. T.

Tinham sido apresentadas duas moções neste sentido, uma pela Líbia e outra pela República Centro-Africana, a Guiné e o Togo. As duas moções estavam redigidas em termos praticamente idênticos e pediam a expulsão de Portugal **até à libertação total de todos os territórios sob domínio português.**

Os autores destas moções pediram à comissão resoluções da Conferência que seja «suspenso» o estudo dos textos enquanto não forem conhecidos os resultados das conversações em curso entre o Governo português e certos movimentos de libertação

Por um lado, uma outra moção pede para serem concedidos os estatutos de observadores aos representantes dos movimentos de libertação reconhecidos pelas organizações intergovernamentais regionais: é o caso dos movimentos das colónias portuguesas, da Rodésia e da África do Sul (reconhecidos pela Organização de Unidade Africana).

Por fim, uma outra moção pede um auxílio da O. I. T. para estes movimentos.

ROMÉNIA

VIENA, 7 — (R.) — Dois dirigentes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) conferenciaram ontem em Budapeste com o presidente da Roménia, Nicolau Ceausescu, anunciou a agência noticiosa romena, Agerpress.

O secretário do departamento de propaganda e informação da Frelimo, Jorge Rebelo, e o secretário do departamento financeiro, Alberto Cassimo, agradeceram ao LEADER romeno a consistente assistência fraternal num plano moral, material e político dada pela Roménia à sua causa.

SUDÃO

CARTUM, 7 — (F.P.) — O Sudão apoia as conversações em curso entre os movimentos de libertação dos territórios portugueses em Africa e Portugal, e fará tudo o que puder para contribuir para o sucesso destas conversações, declaram hoje os jornais de Cartum.

O Sudão, acrescentam os jornais, espera que as conversações sejam coroadas por uma fórmula aceitável pelos africanos das colónias portuguesas, garantindo o direito à autodeterminação em Angola, Moçambique, na Guiné-Bissau e nas ilhas de Cabo Verde.

O Sudão acha que o sucesso destas conversações consolidará «o regime democrático instaurado pelo novo Governo de Portugal», indica a Imprensa do Sudão. Aliás, esta opinião foi comunicada ao ministro português dos Estrangeiros, quando da breve escala efectuada no aeroporto de Cartum, na passada terça-feira, a caminho de Lusaka.

Esclarecimento da L.U.A.R.

..Num comunicado à Imprensa, a L.U.A.R. (Liga de União e Acção Revolucionária) desmente que Hermínio da Palma Inácio tenha participado num comício organizado pelo Partido Socialista, realizado no dia 1 de Junho em Coimbra. A L.U.A.R. pede ainda, aos orgãos de Imprensa «o máximo de atenção na divulgação desse tipo de informações», a fim de evitar lamentáveis mal-entendidos».

N. R. A divulgação da notícia, por nós publicada, de que Palma Inácio, estaria no referido comício foi feita com base em informação, dada — por mais que uma vez — pela comissão de Imprensa do Partido Socialista. Em comunicação telefónica tivemos o cuidado de pedir a confirmação do nome daquele membro da L.U.A.R. no referido comício socialista, o que foi feito.

CARDEAL PATRIARCA

Regressou a Lisboa o cardeal-patriarca, D. António Ribeiro, que se deslocara à República Federal da Alemanha, a convite do arcebispo católico de Colónia.

EM FRANÇA

UM SECRETARIADO DA IMIGRAÇÃO

Continuação da pág. 1

foram postos em termos globais ou em tempo devido. Quase sempre se tratou mais tentar reparar do que servir. Por outras palavras, num país onde os estrangeiros representam cerca de oito por cento da população, nunca houve uma autêntica política da imigração. Quando se tomaram medidas de enquadramento, como a circular Fontanet-Marcellin, deixou-se revestir tais medidas de um carácter repressivo denunciado pela maioria das associações de imigrantes, pelos sindicatos e organizações políticas rancesas.

O novo secretariado de Estado terá uma tarefa gigantesca a executar. Porque não se põe apenas o problema da situação administrativa dos trabalhadores estrangeiros, mas sobretudo o da sua condição de vida em França. Problemas de instrução, de formação profissional e o problema enorme do alojamento — enquanto o programa de construções sociais para estrangeiros está em atraso em relação ao calendário previsto, aumenta o número de estrangeiros, nomedamente os que são acompanhados pela família.

De qualquer modo, a criação deste secretariado tem pelo menos o mérito de designar um interlocutor para uma vasta camada da população activa da França. Aparentemente, significa também que o novo Governo francês está disposto a considerar os imigrantes implantados no seu território como mais do que um complemento barato e eficaz das suas forças de produção.

O que não quer dizer que os trabalhadores estrangeiros em França vejam os seus problemas resolvidos só com isso. Como os seus companheiros de trabalho franceses, vão sofrer as consequências do período de austeridade em que a França vai entrar. Em condições mais precárias, não só quanto às condições de vida, como em relação ao estatuto que rege as suas autorizações de residência e trabalho dependentes do emprego.

Uma freira candidata-se ao Congresso dos E.U.A.

MEMPHIS, (TENNESSEE), 7 (R) — Uma freira, que afirma desejar que mulheres governem o país, candidatou-se a um lugar no Congresso dos Estados-Unidos.

Na verdade, a irmã Mary Anne Guthrie, de 47 anos, que pertence há 27 anos à Ordem Dominicana, é a primeira freira a candidatar-se ao Congresso.

Terá quatro homens como adversários na eleição primária democrática, em 1 de Agosto.

A irmã Mary Anne afirma que os seus principais interesses se encontram no campo da saúde, no apoio á velhice e em problemas relacionados com os pobres.

Declarou: «Não creio que a mulher tenha reconhecido as suas próprias potencialidades. Gostaria de ver mais mulheres em posições de chefia».

Muitas freiras se estão a tornar cada vez mais politicamente conscientes e a envolver-se em questões públicas, e não vê qualquer conflito entre a sua profissão na comunidade religiosa e ser membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos — acrescentou a Mary Anne.

NOTAS VÁRIAS

«PIDES» EM FUGA

À semelhança do que tem acontecido em Moçambique, em que são já vários os casos de «pides» que atravessam as fronteiras para se subtrairem à justiça, quatro elementos da ex-D.G.S. do posto de Pereira de Eça (distrito do Cunene) em Angola, puseram-se em fuga, passando-se para a República da Africa do Sul. Trata-se dos ex-agentes Manuel Moreira Ferreira, Manuel Joaquim, José Pais de Azevedo e Fernando Pereira Campos, cuja fuga foi dada a conhecer por um comunicado do Comando-Chefe das Forças Armadas.

ARTISTAS PLÁSTICOS

Os artistas plásticos não querem ser marginais. Numa sessão de esclarecimento realizada no Salão Nacional de Belas-Artes, em que compareceram cerca de cem pessoas, convocadas pelo Movimento Pró-Associativo dos Artistas Plásticos, ficou definido que eles vão reivindicar instalações para a sede de um futuro sindicato e um auxílio do Fundo de Fomento da Cultura para as primeiras despesas. A sede provisória do Movimento Pró-Associativo fica na Rua de São Filipe Néry, 42-1.º, em Lisboa.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Foi nomeado chefe do gabinete do ministro da Comunicação Social o dr. Joaquim de Freitas Ferraz, secretário da comissão executiva da Junta de Investigação Científica do Ultramar.

ALTOS POSTOS DO EXÉRCITO

Assumiu as funções de vice-chefe do Estado-Maior do Exército o general Basto Machado, recentemente regressado de Moçambique, onde exerceu o cargo de comandante-chefe das Forças Armadas. No mesmo Estado-Maior, entra hoje em funções o novo Quartel-Mestre General do Exército, brigadeiro João António Pinheiro.

Adjudicadas obras de construção civil

COIMBRA — Os Serviços Municipalizados adjudicaram as obras de construção civil da sub-estação de electricidade da Relvinha, segundo foi anunciado numa reunião da Comissão Administrativa Municipal de Coimbra a que presidiu o prof. dr. Rui Carrington.

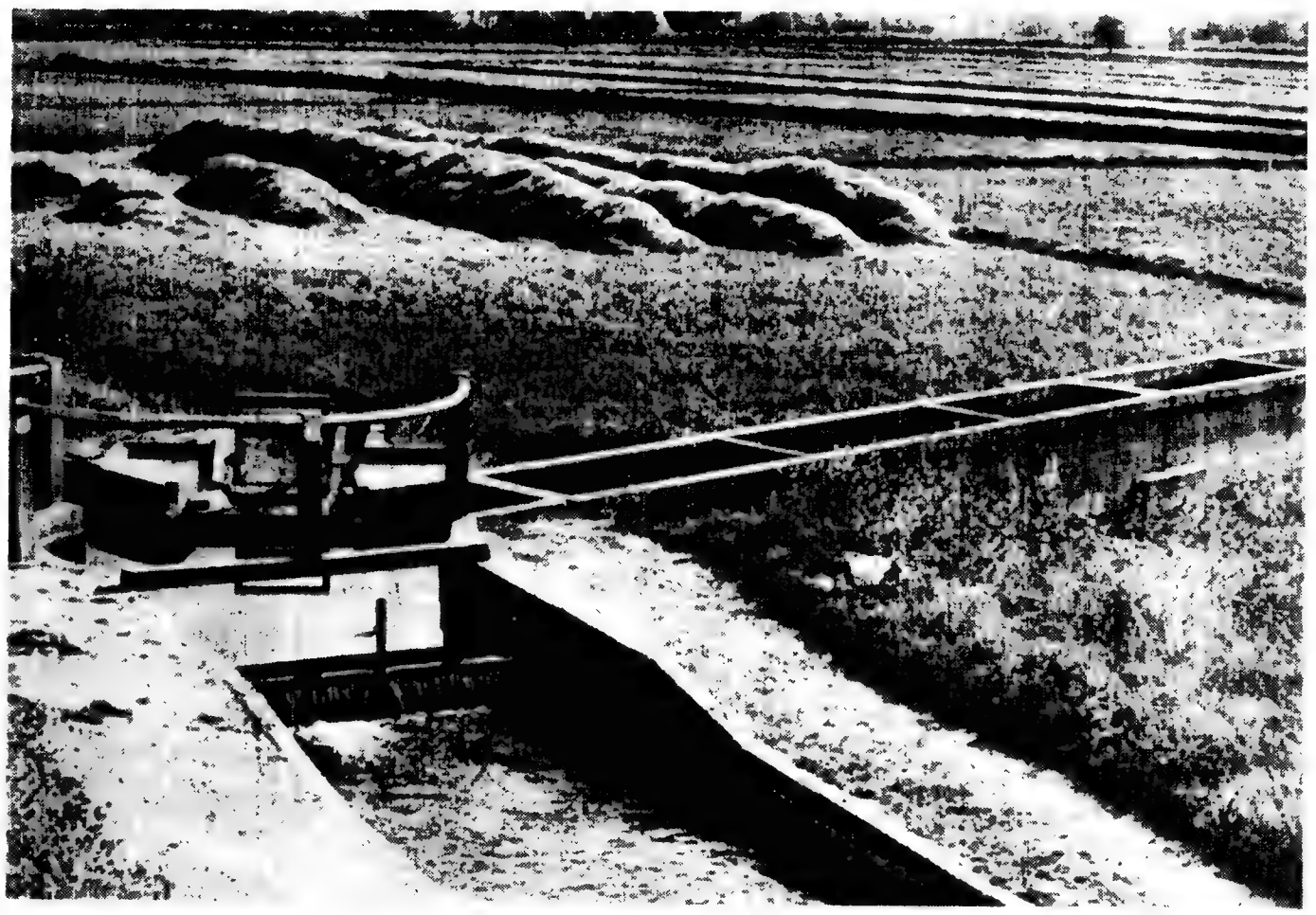
A Comissão Administrativa tomou ainda outras resoluções como manter a taxa anual fixa de turismo; aprovar os primeiros orçamentos suplementares da Câmara de Turismo e sancionar a demissão dos comandantes do Corpo de Bombeiros Municipais e solicitar ao comandante da região militar a nomeação dos seus substitutos.

mesa redonda

O SOCIALISMO EM PORTUGAL DEPOIS DO "25 DE ABRIL" -nas centrais

REFORMA AGRÁRIA E MEDIDAS URGENTES

A agricultura portuguesa tem estado em crise de agonia, com todas as graves consequências no preço e na escassez dos produtos, na impossibilidade de viver nos campos e de retirar da terra os recursos necessários que ela pode dar O círculo vicioso estrangulou os camponeses, que não tiveram outro remédio senão emigrar para as cidades e para o estrangeiro, deixando as terras abandonadas. E, no entanto, existem em Portugal grandes empresários agrícolas, favorecidos por uma estrutura fascista que os mantinha no seu parasitismo. Trabalhadores e pequenos empresários rurais nunca foram ouvidos nem puderam associar-se para sua defesa. Impõe-se a reforma agrária, que é preciso saber fazer e que a maior parte de nós só acredita viável numa linha socialista, como outros povos já fizeram. Entretanto, é preciso colmatar algumas chagas mais prementes deixadas pelo fascismo e através das quais se esgotam todas as energias dos nossos campos: os regadios na mão de meia dúzia, a situação dos rendeiros, os organismos de coordenação agrícola na mão dos fascistas, a comercialização na mão de oportunistas Ao mesmo tempo, um povo rural que desperta para a consciência dos seus direitos e da sua força Sobre estes pontos e outros que adiante se verão, ouvimos numa entrevista muito actual o eng Lopes Cardoso, conhecido investigador da economia agrária e um dos animadores da Comissão Técnica para a Agricultura do Partido Socialista



DL — Sabemos que o eng.º Lopes Cardoso é um dos responsáveis da Comissão Técnica para a Agricultura do PS, que está lançando uma série de estudos e acções, consideradas prioritárias. Porquê tão grande interesse pelos problemas do mundo rural?

R — O Partido Socialista dedica especial atenção ao mundo rural, por muitas razões. O sector agrícola é importantíssimo e precisa, mais urgentemente que outros sectores de reformas profundas: porque cerca de um terço da nossa população activa ainda está afecta à agricultura; porque é um sector economicamente em crise; porque o trabalhador rural foi aquele que esteve sujeito às mais profundas formas de exploração, completamente desamparado, sem possibilidades de associação nem sequer nos sindicatos fascistas). E o pequeno empresário agrícola encontra-se em situação semelhante de crise. Prova disto: o maior contingente de emigrantes é constituído por trabalhadores e pequenos proprietários rurais.

DL — No entanto, a reforma agrária na linha do socialismo vai certamente levar tempo a concretizar-se, ao passo que a crise do mundo rural não consente que a agricultura continue abandonada...

R — Pensamos trabalhar em dois níveis. Em profundidade vamos rever o programa do partido, no sentido de uma reforma agrária socialista. Para já, estamos a definir objectivos imediatos que, pela sua urgência, não admitem delongas e se podem atingir mesmo no quadro da estrutura actual.

Um dos primeiros pontos que já estamos a atacar é a questão do arrendamento. Sabe-se que mais de 40 por cento das explorações agrícolas se processam em regime de arrendamento total ou parcial, sem qualquer sistema de garantias para o rendeiro. E preciso alterar imediatamente o estatuto dos rendeiros, em termos que se têm de encontrar sem demora. O segundo ponto imediato é a questão do crédito. Não pode haver agricultura sem investimento, nem investimento sem crédito. Ora o que acontece é que a estrutura do crédito se tem sempre baseado na garantia hipotecária. Assim, os rendeiros, que não são donos da terra e os pequenos agricultores ficam desde logo arredados do crédito e este é consumido quase exclusiva-

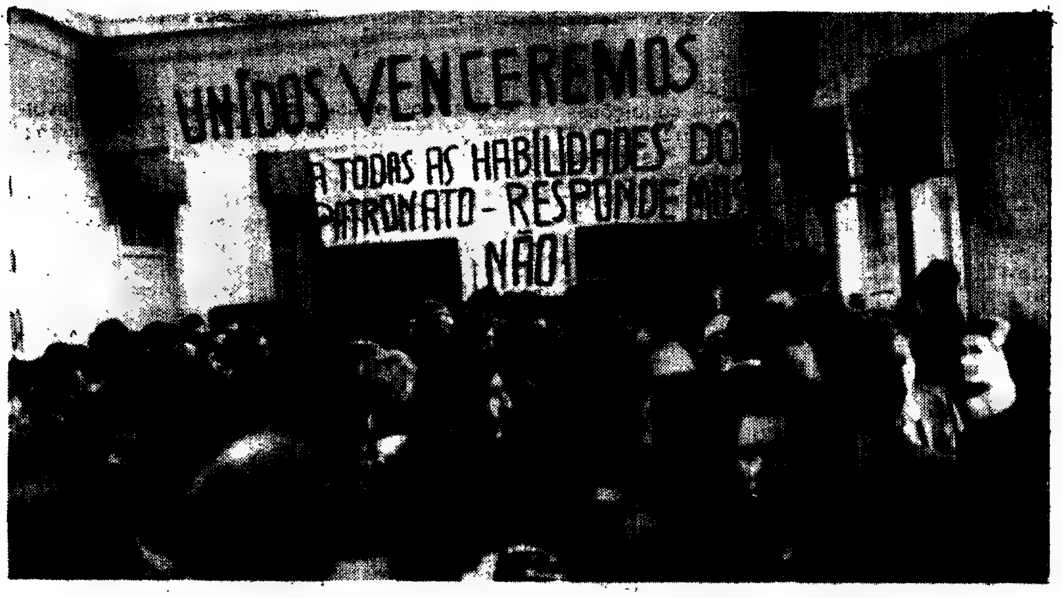
Muitos milhões de contos foram gastos pelo Estado nos grandes regadios, os quais são em grande parte explorados pelo sistema de arrendamento. Propõe-se a expropriação desses latifúndios em benefício dos rendeiros e trabalhadores, que receberiam apoio estatal para uma agricultura de grupo. O dinheiro que saiu dos cofres do Estado não pode cair nos bolsos de meia dúzia de empresários. A terra a quem a trabalha! Em vários pontos do País, o povo começa a tomar conta das cooperativas e «Casas do Povo».

mente pelos que menos precisam, os grandes empresários. Assegurar crédito aos pequenos agricultores e rendeiros,

Continua na pág. quatro

O SOCIALISM

DEPOIS DO 25



Os trabalhadores portugueses não esperaram pelo 25 de Abril. A foto documenta uma reunião do Sindicato dos Seguros em 6 de Abril de 1974.

O Socialismo em Portugal está na ordem do dia. Não será uma luta breve ou fácil. O caminho é longo e difícil. Há que estar atento e vigilante na defesa das liberdades fundamentais das classes produtoras portuguesas. Há que estar atento às manobras da reacção e do patronato e às manipulações políticas. No entanto* o Socialismo em Portugal há-de ser obra dos próprios trabalhadores portugueses *ou não será socialismo.

Isto afirma o Movimento da Esquerda Socialista (M. E. S.) num documento intitulado «Para uma sociedade socialista em Portugal». O documento procura responder à seguinte questão fundamental: Que condições e que perspectivas devem ser asseguradas, de modo que as massas trabalhadoras possam criar as vias que conduzam em Portugal a uma sociedade socialista? Partindo da abordagem da situação económica e política do País e dos princípios enunciados no programa do Movimento das Forças Armadas, a «esquerda socialista» vislumbra a perspectiva de vias portuguesas para o socialismo. Segue a posição do M.E.S., com título e subtítulos da nossa responsabilidade.

Portugal é um país onde predominam as relações sociais próprias do modo capitalista de produção. Porém o longo processo de implantação do sistema capitalista, a sua coexistência durante o século XIX e em grande parte do séc. XX com sobrevivências diversas do «antigo regime», a sua dependência crónica do exterior (exploração das riquezas coloniais e escravização da mão-de-obra africana e recurso ao crédito e aos investimentos estrangeiros) a par da política industrial salazarista e do surto de relativo desenvolvimento industrial a partir dos 1.ºs Planos de Fomento e dos anos sessenta obrigaram a que o sistema capitalista português, no quadro do imperialismo internacional, ganhasse caracterizações e especificidades próprias. Portugal será, assim, um país onde predominam relações sociais próprias de um capitalismo subalterno e dependente que, por isso mesmo, não deixa de produzir certo tipo de contradições económicas, sociais e culturais inerentes à sua própria natureza.

A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES

O surto industrial, relativamente acelerado a partir dos anos sessenta, conjugado com a crise crónica da produção agrícola portuguesa conduziu ao crescimento da classe operária, produziu o afluxo cada vez maior de massas trabalhadoras às zonas desenvolvidas do litoral e acarretou o despovoamento das zonas do interior determinado por um enorme afluxo emigratório para a Europa.

Numa população activa que em pouco ultrapassa os 3 milhões de indivíduos, o sector industrial representa cerca de 36,6 por cento desse total contra 30,6 por cento de indivíduos empregues na agricultura, silvicultura e pesca e 32,8 por cento dos serviços. Como grande parte da população rural é constituída pelo proletariado agrícola e, nos serviços, se contam os trabalhadores dos transportes, comunicações e outras, poderemos supor, com grande dose de credibilidade, que os trabalhadores assalariados constituem cerca de 2/3 da população activa portuguesa.

No entanto, as classes trabalhadoras, portuguesas são, na sua maior parte, constituídas por fracções de recente formação e viram-se forçadas, nos últimos decénios, a toda uma série de formas de opressão e exploração. Por outro lado a destruição sistemática da sua memória de classe, coloca-os agora relativamente desarmados perante provocações hábeis do patronato e desprevenidas perante manipulações políticas que pretenderão, por certo, fazê-las abdicar dos seus interesses de classe atrelando-as aos desígnios da burguesa esclarecida.

São estes alguns dos aspectos que, neste domínio, se nos afiguram prioritários para uma discussão esclarecedora.

OS MILITARES E A ACÇÃO DE MASSAS

Os acontecimentos desencadeados em Portugal após o 25 de Abril têm mostrado eloquentemente uma capacidade de iniciativa e organização das massas trabalhadoras que se tem expressado quer no plano sindical quer sobretudo nos locais de trabalho. Nestes dois planos e nas próprias manifestações de rua a capacidade de auto-organização e de autodisciplina, a capacidade de discussão e de criação colectiva têm sido, com poucas excepções certamente devidas à precipitação e à «falta de hábito» de práticas colectivas, as notas mais salientes.

Cremos, por esta mesma constatação, que um dos pólos essenciais da actual dinâmica social em Portugal assenta, exactamente, nas movimentações colectivas das massas trabalhadoras: **uma força social com um poder enorme de movimentação e de luta**, de que poucos poderiam suspeitar.

Um dos outros pólos essenciais do **poder** em Portugal reside, como será óbvio, **no Movimento das Forças Armadas**; foram de facto as Forças Armadas que proporcionam ao País o clima de ampla liberdade de que ele goza actualmente. Ao que parece (e não pretendemos aqui fazer a história do M.F.A.P. nem meter foice em seara alheia) o movimento dos jovens oficiais dos quadros permanentes nascendo de reivindicações profissionais e «corporativas» foi ganhando uma dinâmica interna muito específica, que conduziu à necessidade de derrubar o Governo de Marcelo Caetano e, depois à inevitabilidade de destruir o próprio fascismo. Se esta dinâmica interna do Movimento das Forças Armadas se não realizou, por certo, sem contradições entre os seus elementos, não é menos verdade que o apoio espontâneo e arrebatador que o povo e as classes trabalhadoras concederam ao M.F.A.P. e que ganhou cada vez mais dimensão e expressão a partir da resistência da P.I.D.E., permitiu não apenas a consolidação dos objectivos principais do Movimento, também a radicalização dos processos que ele próprio teve de pôr em prática e apoiar para a destruição de certas estruturas fascistas.

O fascismo português era um regime que correspondia a um determinado tipo de alianças da burguesia capitalista e que cada vez mais, deixava de corresponder aos interesses globais dessa aliança. O arrastar da guerra, a inexistência de uma vitória militar, o imobilismo político das esferas governamentais, o cansaço e o desgaste provocado por continuadas missões em África, o medo de «um nova Goa» abriram um processo de contradições internas nas próprias Forças Armadas, o maior sustentáculo do regime ao longo de cinco décadas. Tal processo de contradições foi-se pouco a pouco ligando ao impasse a que o capitalismo português ia chegando: **ou continuar ligado a um regime que lhe faria perder posições, a longo prazo, em África e na Europa ou apoiar uma alternativa política que lhe garantisse a continuidade em Portugal e permitisse mudar as formas tradicionais de exploração colonial.** Para esta crise do capitalismo muito contribuiu o processo inflacionário dos últimos anos, a alta do custo de vida, a crise de energia e sobretudo a capacidade crescente de reivindicação e acção organizadas—que importantes facções dos trabalhadores levaram por diante nos últimos meses.

Havia, pois, em Portugal uma crise do fascismo, mas uma crise geral do capitalismo português, que, logicamente, levava, como teve, à destruição do regime.

Tudo isto permitiu que o Movimento das Forças Armadas apresentasse ao País um programa que pretendesse no essencial a destruição do fascismo, **abre também claramente perspectivas para uma acção de massas** que garantindo a liberdade de acção e de organização dos trabalhadores quer mediante uma política de melhoria das condições de vida fundada numa estratégia antimonopolista a que o próprio Governo Provisório se acha vinculado.

VIAS PORTUGUESAS PARA O SOCIALISMO?

A existência de uma força social quantitativamente dominante (os trabalhadores) num quadro de relações sociais determinadas por um modo de produção capitalista específico, mas também dominante coloca em Portugal na ordem do dia o problema das vias portuguesas para o socialismo e da criação das condições para a sua construção. A necessidade de pôr este premente problema à discussão resulta, além do mais, das seguintes constatações:

a) Só numa sociedade socialista que permita a abolição de todas as formas de salariato, os trabalhadores poderão ver resolvidos todos os seus problemas;

b) Existe em Portugal, e não só, um modo latente, uma força social (as massas trabalhadoras) dotada de capacidade de iniciativa e organização, cujas liberdades fundamentais permitindo a sua acção colectiva cada vez mais consciente são a **salvaguarda fundamental na eventualidade do recrudescimento das forças do fascismo derrotado.**

c) A estratégia antimonopolista do programa do MFAP implica também, por si só, uma estratégia anticapitalista. Se o referido programa não apoia uma luta anticapitalista progressiva, que não pode ultrapassar nas suas formas tácticas o estádio da actual consciência de classe das massas trabalhadoras, ele também não pode servir para justificar a eventual repressão dos trabalhadores portugueses sob pena, isso sim, de tornar impossível a estratégia antimonopolista claramente expressa no aludido programa. Veicular portanto uma luta antimonopolista é abrir espaço para uma luta anticapitalista dado que é impensável, pela própria natureza do processo histórico, regressar à fase concorrencial.

Só há um socialismo: o poder e o controlo dos trabalhadores, através de órgãos próprios que a sua movimentação colectiva vai definindo, em ordem a uma sociedade sem classes (sem explorados e oprimidos) e na qual a riqueza produzida seja equitativamente distribuída pelos produtores e onde nenhuma forma de dominação (política, social, económica e cultural) tenha lugar.

Torna-se muito evidente que esta sociedade sem classes terá de ser garantida na fase de transição pela dominação dos trabalhadores sobre a burguesia, isto é, pela ditadura do proletariado. Mas a ditadura do proletariado é sinónimo de democracia operária, de formas organizativas que permitam não apenas a liberdade de acção e expressão dos trabalhadores mas o controlo total dos trabalhadores sobre os diversos domínios nos quais se exerce o poder dos trabalhadores. **Não pode, portanto, confundir-se, a nenhuma ditadura do proletariado do com novas formas de sujeição ou de domínio exercido sobre os trabalhadores.**

Se está por enquanto longe de se poder ver com clareza a via que em Portugal conduzirá a uma sociedade socialista é necessário contudo determo-nos desde já nas condições que permitam a elaboração colectiva da via portuguesa para o socialismo, também garantia fundamental no sentido da construção colectiva

Um exército que veio ao encontro dos anseios do povo poderá tornar-se um exército de libe

Os trabalhadores portugueses não esperaram pelo 25 de Abril. A foto documenta uma reunião do Sindicato dos Seguros em 6 de Abril de 1974.

O Socialismo em Portugal está na ordem do dia. Não será uma luta breve ou fácil. O caminho é longo e difícil. Há que estar atento e vigilante na defesa das liberdades fundamentais das classes produtoras portuguesas. Há que estar atento às manobras da reacção e do patronato e às manipulações políticas. No entanto o Socialismo em Portugal há-de ser obra dos próprios trabalhadores portugueses *ou não será socialismo.*

Isto afirma o Movimento da Esquerda Socialista (M. E. S.) num documento intitulado «Para uma sociedade socialista em Portugal». O documento procura responder à seguinte questão fundamental: Que condições e que perspectivas devem ser asseguradas, de modo que as massas trabalhadoras possam criar as vias que conduzam em Portugal a uma sociedade socialista? Partindo da abordagem da situação económica e política do País e dos princípios enunciados no programa do Movimento das Forças Armadas, a «esquerda socialista» vislumbra a perspectiva de vias portuguesas para o socialismo. Segue a posição do M.E.S., com título e subtítulos da nossa responsabilidade.

Portugal é um país onde predominam as relações sociais próprias do modo capitalista de produção. Porém o longo processo de implantação do sistema capitalista, a sua coexistência durante o século XIX e em grande parte do séc. XX com sobrevivências diversas do «antigo regime», a sua dependência crónica do exterior (exploração das riquezas coloniais e escravização da mão-de-obra africana e recurso ao crédito e aos investimentos estrangeiros) a par da política industrial salazarista e do surto de relativo desenvolvimento industrial a partir dos 1.ºs Planos de Fomento e dos anos sessenta **obrigaram a que o sistema capitalista português**, no quadro do imperialismo internacional, ganhasse **caracterizações** e especificidades próprias. Portugal será, assim, um país onde predominam relações sociais próprias **de um capitalismo subalterno e dependente** que, por isso mesmo, não deixa de produzir certo tipo de contradições económicas, sociais e culturais inerentes à sua própria natureza.

A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES

O surto industrial, relativamente acelerado a partir dos anos sessenta, conjugado com a crise crónica da produção agrícola portuguesa conduziu ao crescimento da classe operária, produziu o afluxo cada vez maior de massas trabalhadoras às zonas desenvolvidas do litoral e acarretou o despovoamento das zonas do interior determinado por um enorme afluxo emigratório para a Europa.

Numa população activa que em pouco ultrapassa os 3 milhões de indivíduos, o sector industrial representa cerca de 36,6 por cento desse total contra 30,6 por cento de indivíduos empregues na agricultura, silvicultura e pesca e 32,8 por cento dos serviços. Como grande parte da população rural é constituída pelo proletariado agrícola e, nos serviços, se contam os trabalhadores dos transportes, comunicações e outras, poderemos supor, com grande dose de credibilidade, que os trabalhadores assalariados constituem cerca de 2/3 da população activa portuguesa.

No entanto, as classes trabalhadoras, portuguesas são, na sua maior parte, constituídas por fracções de recente formação e viram-se forçadas, nos últimos decénios, a toda uma série de formas de opressão e exploração. Por outro lado a destruição sistemática da sua memória de classe, coloca-os agora relativamente desarmados perante provocações hábeis do patronato e desprevenidas perante manipulações políticas que pretenderão, por certo, fazê-las abdicar dos seus interesses de classe atrelando-as aos desígnios da burguesa esclarecida.

São estes alguns dos aspectos que, neste domínio, se nos afiguram prioritários para uma discussão esclarecedora.

OS MILITARES E A ACÇÃO DE MASSAS

Os acontecimentos desencadeados em Portugal após o 25 de Abril têm mostrado eloquentemente uma capacidade de iniciativa e organização das massas trabalhadoras que se tem expressado quer no plano sindical quer sobretudo nos locais de trabalho. Nestes dois planos e nas próprias manifestações de rua a capacidade de auto-organização e de autodisciplina, a capacidade de discussão e de criação colectiva **têm sido**, com poucas excepções certamente devidas à precipitação e à «falta de hábito» de práticas colectivas, **as notas mais salientes**.

Cremos, por esta mesma constatação, que um dos pólos essenciais da actual dinâmica social em Portugal assenta, exactamente, nas movimentações colectivas das massas trabalhadoras: **uma força social com um poder enorme de movimentação e de luta**, de que poucos poderiam suspeitar.

Um dos outros pólos essenciais do **poder** em Portugal reside, como será óbvio, **no Movimento das Forças Armadas**; foram de facto as Forças Armadas que proporcionam ao País o clima de ampla liberdade de que ele goza actualmente. Ao que parece (e não pretendemos aqui fazer a história do M.F.A.P. nem meter foice em seara alheia) o movimento dos jovens oficiais dos quadros permanentes nascendo de reivindicações profissionais e «corporativas» foi ganhando uma dinâmica interna muito específica, que conduziu à necessidade de derrubar o Governo de Marcelo Caetano e, depois à inevitabilidade de destruir o próprio fascismo. Se esta dinâmica interna do Movimento das Forças Armadas se não realizou, por certo, sem contradições entre os seus elementos, não é menos verdade que o apoio espontâneo e arrebatador que o povo e as classes trabalhadoras concederam ao M.F.A.P. e que ganhou cada vez mais dimensão e expressão a partir da resistência da P.I.D.E., permitiu não apenas a consolidação dos objectivos principais do Movimento, também a radicalização dos processos que ele próprio teve de pôr em prática e apoiar para a destruição de certas estruturas fascistas.

O fascismo português era um regime que correspondia a um determinado tipo de alianças da burguesia capitalista e que cada vez mais, deixava de corresponder aos interesses globais dessa aliança. O arrastar da guerra, a inexistência de uma vitória militar, o imobilismo político das esferas governamentais, o cansaço e o desgaste provocado por continuadas missões em África, o medo de «um nova Goa» abriram um processo de contradições internas nas próprias Forças Armadas, o maior sustentáculo do regime ao longo de cinco décadas. Tal processo de contradições foi-se pouco a pouco ligando ao impasse a que o capitalismo português ia chegando: **ou continuar ligado a um regime que lhe faria perder posições, a longo prazo, em África e na Europa ou apoiar uma alternativa política que lhe garantisse a continuidade em Portugal e permitisse mudar as formas tradicionais de exploração colonial**. Para esta crise do capitalismo muito contribuiu o processo inflacionário dos últimos anos, a alta do custo de vida, a crise de energia e sobretudo a capacidade crescente de reivindicação e acção organizadas que importantes facções dos trabalhadores levaram por diante nos últimos meses.

Havia, pois, em Portugal uma crise do fascismo, mas uma crise geral do capitalismo português, que, logicamente, levava, como levou, à destruição do regime.

Tudo isto permitiu que o Movimento das Forças Armadas apresentasse ao País um programa que pretendesse no essencial a destruição do fascismo, **abre também claramente perspectivas para uma acção de massas** que garantindo a liberdade de acção e de organização dos trabalhadores quer mediante uma política de melhoria das condições de vida fundada numa estratégia antimonopolista a que o próprio Governo Provisório se acha vinculado.

VIAS PORTUGUESAS PARA O SOCIALISMO?

A existência de uma força social quantitativamente dominante (os trabalhadores) num quadro de relações sociais determinadas por um modo de produção capitalista específico, mas também dominante coloca em Portugal na ordem do dia o problema das vias portuguesas para o socialismo e da criação das condições para a sua construção. A necessidade de pôr este premente problema à discussão resulta, além do mais, das seguintes constatações:

a) Só numa sociedade socialista que permita a abolição de todas as formas de salariato, os trabalhadores poderão ver resolvidos todos os seus problemas;

b) Existe em Portugal, e não só, um modo latente, uma força social (as massas trabalhadoras) dotada de capacidade de iniciativa e organização, cujas liberdades fundamentais permitindo a sua acção colectiva cada vez mais consciente são **a salvaguarda fundamental na eventualidade do recrudescimento das forças do fascismo derrotado**.

c) A estratégia antimonopolista do programa do MFAP implica também, por si só, uma estratégia anticapitalista. Se o referido programa não apoia uma luta anticapitalista progressiva, que não pode ultrapassar nas suas formas tácticas o estádio da actual consciência de classe das massas trabalhadoras, ele também não pode servir para justificar a eventual repressão dos trabalhadores portugueses sob pena, isso sim, de tornar impossível a estratégia antimonopolista claramente expressa no aludido programa. Veicular portanto uma luta antimonopolista é **abrir** espaço para uma luta anticapitalista dado que é impensável, pela própria natureza do processo histórico, regressar à fase concorrencial.

Só há um socialismo: o poder e o controlo dos trabalhadores, através de órgãos próprios que a sua movimentação colectiva vai definindo, em ordem a uma sociedade sem classes (sem explorados e oprimidos) e na qual a riqueza produzida seja equitativamente distribuída pelos produtores e onde nenhuma forma de dominação (política, social, económica e cultural) tenha lugar.

Torna-se muito evidente que esta sociedade sem classes terá de ser garantida na fase de transição pela dominação dos trabalhadores sobre a burguesia, isto é, pela ditadura do proletariado. Mas a ditadura do proletariado é sinónimo de democracia operária, de formas organizativas que permitam não apenas a liberdade de acção e expressão dos trabalhadores mas o controlo total dos trabalhadores sobre os diversos domínios nos quais se exerce o poder dos trabalhadores. **Não pode, portanto, confundir-se, a nenhuma ditadura de proletariado do com novas formas de sujeição ou de dominio exercido sobre os trabalhadores.**

Se está por enquanto longe de se poder ver com clareza a via que em Portugal conduzirá a uma sociedade socialista é necessário contudo determo-nos desde já nas condições que permitam a elaboração colectiva da via portuguesa para o socialismo, também garantia fundamental no sentido da construção colectiva

Um exército que veio ao encontro dos anseios do povo poderá tornar-se um exército de libe

EM PORTUGAL DE ABRIL

esse mesmo socialismo.

O dilema «reforma ou revolução» é um falso dilema que na própria história do movimento revolucionário mundial tem revelado a sua natureza. Com efeito nunca se tratou, na história dos trabalhadores, de recusar a luta imediata por melhores condições de vida, por melhores condições para a actuação política, por reformas educativas ou sociais; trata-se sim, essencialmente, de perspectivar as lutas parciais e as conquistas que a luta diária dos trabalhadores vai tornando realidade em ordem ao objectivo final: **a abolição de todas as formas de assalariato, de opressão e dominação. Abdicar do objectivo final é ser reformista, social-democrata. Recusar a necessidade dialéctica das lutas parciais, quando são um momento importante da movimentação colectiva no caminho da sociedade sem classes é aventureirismo, ultra-esquerdismo acéfalo.**

O problema que se coloca aos trabalhadores e aos socialistas revolucionários portugueses é, portanto, este: **a definição de linhas de actuação que possam fazer avançar, sem aventureirismos tresloucados, a movimentação colectiva dos trabalhadores para novos estádios superiores da sua luta:** ou seja, torna-se necessário um esforço colectivo de definição de objectivos a curto prazo que, sem comprometer a luta de hoje, não hipoteque todavia a luta a sempre dos trabalhadores aos interesses de outras classes sociais.

Este é um problema de extrema actualidade que aos trabalhadores cumpre estudar e esclarecer.

CRIAR CONDIÇÕES PARA A MOVIMENTAÇÃO COLECTIVA

Por outro lado a elaboração da via portugue-

sa para o socialismo terá de passar, e desde agora, pela criação de condições que façam avançar a movimentação colectiva dos assalariados portugueses, de tal modo que estes a controlem em todas as suas fases e aspectos.

Na especificidade da situação concreta em que decorre a actual fase da luta de classes em Portugal parece-nos que a elaboração colectiva da via portuguesa para o socialismo repousará necessariamente nos seguintes pontos:

a) consolidação das liberdades democráticas das massas trabalhadoras, o que implica não só a destruição das organizações repressivas do fascismo mas essencialmente a destruição das estruturas fascistas nas fábricas, nas empresas e em todos os locais de trabalho, a destruição da base social e cultural do fascismo o que leva à destruição da ignorância e da mentalidade reaccionária e fascista, mediante a elevação da consciência política das massas trabalhadoras; tal consolidação implica também o direito de discussão e de reunião nos locais de trabalho, única forma de preservar a liberdade dos trabalhadores nos locais onde mais se realiza a exploração capitalista.

Cremos que o fundamental da salvaguarda das liberdades conquistadas e da vigilância e defesa perante as forças da reacção reside na liberdade de acção e organização dos trabalhadores portugueses.

b) recusa na aceitação de um modelo de socialismo e recusa da transposição mecanicista para Portugal das vias de passagem ao socialismo, isto implica e exige a elaboração colectiva de caminhos portugueses para o socialismo que partam «da análise concreta das situações concretas», pois só assim se encontrarão as soluções que conrrespondem exactamente às condições económicas, sociais, culturais e políticas em que se tem movido e moverá, com caracterizações próprias, a sociedade portuguesa.

c) despartidarização dos sindicatos; ou seja independência total dos sindicatos face aos Partidos e aparelhos políticos, o que exige que os trabalhadores e sindicalistas portugueses saibam criar as formas organizativas nos sindicatos e locais de trabalho que permitam o controlo total dos trabalhadores sobre os seus sindicatos. **Só assim há garantias para que os sindicatos se não tornem burocracias ao serviço de compromissos políticos e possam, eles próprios, serem um factor importantíssimo na conquista e na construção da sociedade socialista portuguesa.**

d) existência de um movimento ou Partido político que se construa como órgão de síntese política das diversas lutas sectoriais e de onde possa decorrer uma orientação política global que não seja exterior aos próprios agentes da transformação revolucionária, os trabalhadores. Este movimento político terá ele próprio de ser controlado pelos trabalhdores, deverá corresponder nas formas organizativas que for assumindo às fases da própria luta de classes e ao grau da consciência colectiva dos trabalhadores. A complexidade do conjunto das relações sociais em Portugal exige a existência de um movimento que possa ser a expressão política globalizadora das lutas reais e concretas sem tolher ou espartilhar a acção dos diversos sectores de intervenção onde se trava a luta de classe.

QUE SINDICALISMO?

O M. E. S. tem as suas ideias próprias sobre a acção sindical. De outro documento da mesma organização política, transcrevemos esta pequena síntese:

É necessário que vá ficando para um número cada vez mais alargado de trabalhadores a certeza de que não chega a boa vontade das direcções, projectos e fundamentações elaborados por técnicos, negociadores honestos de trabalho e de vida: só a actuação directa dos trabalhadores movimentando-se, fazendo sentir nas fábricas e empresas a sua vontade através de formas concretas que mostrem aos patrões a sua força, é decisiva para essa con-

A luta sindical é, nas presentes condições, e para a esmagadora maioria dos trabalhadores, uma luta pela sobrevivência, que como tal tem de ser continuada e desenvolvida.

É por isso necessário garantir a autodefesa da luta sindical, que o mesmo é dizer que é necessário saber dar resposta adequada à repressão que o patronato exerce sobre alguns, não com o objectivo de atingir esses trabalhadores em particular, mas o conjunto de todos os trabalhadores de modo a paralisar a sua luta.

Para responder a tais atitudes repressivas só há um caminho: **impedir a sua aplicação.** Isto é, se um trabalhador é despedido, **há que impor a sua readmissão.** Se um trabalhador **é castigado, há que obrigar o patrão a levantar o castigo.** Temos de responder aos objectivos que os patrões pretendem atingir com a repressão:

Se se querem ver livres dos mais incómodos temos de nos tornar todos ainda mais incómodos. Se pretendem atemorizar-nos e paralisar a nossa luta temos todos de continuar a luta cada vez com maior determinação.

Neste momento, para um número significativo de trabalhadores, a questão da necessidade da organização sindical surge como uma das mais importantes. No número daqueles que, agora, despertam para a acção sindical, avultam os funcionários públicos e os professores, por um lado e os assalariados agrícolas por outro.

Embora sejam sectores de acção sindical com pesos e importância muito diferentes (de um lado trabalhadores improdutivos de outro lado produtores directos de riqueza) em ambos se impõe uma mesma perspectiva de acção — **é a partir da discussão colectiva dos seus problemas concretos e dos caminhos que se abrem para os resolver que vai nascendo a forma de organização sindical própria a cada sector, e não contrário.**

Portanto, neste momento, a prioridade tem de ser dada à elaboração pelos próprios trabalhadores, e segundo formas de discussão e organização por eles criadas, de cadernos reivindicativos.

É levando este processo até às últimas consequências que a luta destes trabalhadores no campo sindical e no campo mais geral da luta de classes se pode vir a pôr ao lado da luta da classe operária.

Só um sindicalismo dirigido pelos operários industriais e pelos assalariados rurais e virado para a efectiva defesa dos seus interesses imediatos de classe pode dar sentido político correcto ao combate sindical de todos os trabalhadores.

O PERIGO DOS BISPOS REACCIONÁRIOS

Ventilou o «D. de L.» de 24/5/74 o tema do «reaccionarismo» episcopal. Se me fosse dado o ensejo, desejaria pensar o assunto que poderá ser tomado como um aviso ao povo do meu país libertado, para estar atento a manobras que, com frescura de água-benta e entre perfume de incenso, podem fazer estiolar o cravo vermelho da revolução do Movimento das Forças Armadas.

A hierarquia católica (entenda-se bispos e padres) é «temperamentalmente» reaccionária, abusivamente autoconstituinte, dogmatizando obscuras conquistas históricas, através de mistificações, forjando documentos e escrituras, a hierarquia agarra-se a posições conseguidas, temendo a crítica dos seus fundamentos e a destruição dos seus mitos, com que tem vindo a alienar os homens, dominando inteligências e consciências.

Na história de Portugal essa hierarquia reaccionária teve sempre um papel preponderante contra o processo de libertação do povo português.

A título de exemplo, recordemos que a Inquisição do século XVII foi um escândaloso instrumento de repressão e reacção, usando processos de investigação e tortura tão refinados e brutais como os da extinta P.I.D.E.-D.G.S., abençoados por papas e comandados por cardeais, bispos e padres.

Em 1910, mais uma vez, a hierarquia católica deu provas do seu espírito reaccionário. Nos últimos tempos, durante a ditadura fascista, foi notável a colaboração hierárquica, directa e indirecta, com as forças repressivas. A vergonhosa atitude em face do exílio imposto ao bispo do Porto. A atitude dos bispos de Moçambique e metropolitanos, perante a repressão sobre o bispo de Nampula, são provas do comprometimento efectivo com a repressão fascista, assim como o abandono dos padres vexados e perseguidos pela tenebrosa P.I.D.E. A atitude ambígua, perante o «25 de Abril», bem patente em duas declarações episcopais, publicadas até agora. A convivência continuada da Santa Sé, a cujas orientações teriam os bispos, sem dúvida, obedecido. Mas estavam todos bem instalados no Paço de Santana, na Nunciatura, na Cova da Moura, na paróquia de S. João de Deus, etc.

A reacção hierárquica não desapareceu. É, neste momento, ela é um certo e enorme perigo.

É incompreensível que alguns bispos não tenham ainda pedido a sua resignação, espontaneamente, como o reclama a consciência cristã e a dignidade da pátria libertada.

O grito demagógico da proclamação da culpa «comum», que pregam tardios oportunistas da moral camaleónica, com que se pretende esfumar responsabilidades, é mais um fenómeno reaccionário, que não tem passado desapercebido a amplos sectores de cristãos livres e libertados.

Admitamos que todos temos culpa. Mas, certamente, que ela não tem em todos o mesmo grau. E não será a culpa que excede a culpa comum, a causa desta e a que deve ser julgada é objecto de penitência especial?

Há padres que sabiam o **número** e o nome dos «padres comunistas» que havia no país. Há bispos e párocos, instituições, que continuam impávidos nos seus postos, de onde narcotizaram e deformaram as consciências dos fiéis, ao serviço do fascismo. Até quando? Foram criminosos. São perigosos. O menos que se deve exigir é afastá-los para onde a sua acção reaccionária seja menos prejudicial. Não pedimos castigo. Pedimos cuidado para preservar a nossa recém-nascida liberdade.

Há excepções. Os que as representam estão nos seus lugares. Os restantes devem seguir o caminho do senhor que serviram.

Urge um saneamento na Igreja. Não basta deitar cinza sobre as brasas; é preciso apagar as brasas e espalhar ao vento carvões e cinzas.

Padre Manuel A. Costa Pinto

esse mesmo socialismo.

O dilema «reforma ou revolução» é um falso dilema que na própria história do movimento revolucionário mundial tem revelado a sua natureza. Com efeito nunca se tratou, na história dos trabalhadores, de recusar a luta imediata por melhores condições de vida, por melhores condições para a actuação política, por reformas educativas ou sociais; trata-se sim, essencialmente, de perspectivar as lutas parciais e as conquistas que a luta diária dos trabalhadores vai tornando realidade em ordem ao objectivo final: **a abolição de todas as formas de salariato, de opressão e dominação. Abdicar do objectivo final é ser reformista, social-democrata. Recusar a necessidade dialéctica das lutas parciais, quando são um momento importante da movimentação colectiva no caminho da sociedade sem classes é aventureirismo, ultra-esquerdismo acéfalo.**

O problema que se coloca aos trabalhadores e aos socialistas revolucionários portugueses é, portanto, este: **a definição de linhas de actuação que possam fazer avançar, sem aventureirismos tresloucados, a movimentação colectiva dos trabalhadores para novos estádios superiores da sua luta**: ou seja, torna-se necessário um esforço colectivo de definição de objectivos a curto prazo que, sem comprometer a luta de hoje, não hipoteque todavia a luta e sempre dos trabalhadores aos interesses de outras classes sociais.

Este é um problema de extrema actualidade que aos trabalhadores cumpre estudar e esclarecer.

CRIAR CONDIÇÕES PARA A MOVIMENTAÇÃO COLECTIVA

Por outro lado a elaboração da via portugue-

sa para o socialismo terá de passar, e desde agora, pela criação de condições que façam avançar a movimentação colectiva dos assalariados portugueses, de tal modo que estes a controlem em todas as suas fases e aspectos.

Na especificidade da situação concreta em que decorre a actual fase da luta de classes em Portugal parece-nos que a elaboração colectiva da via portuguesa para o socialismo repousará necessariamente nos seguintes pontos:

a) consolidação das liberdades democráticas das massas trabalhadoras, o que implica não só a destruição das organizações repressivas do fascismo mas essencialmente a destruição das estruturas fascistas nas fábricas, nas empresas e em todos os locais de trabalho, a destruição da base social e cultural do fascismo o que leva à destruição da ignorância e da mentalidade reaccionária e fascista, mediante a elevação da consciência política das massas trabalhadoras; tal consolidação implica também o direito de discussão e de reunião nos locais de trabalho, única forma de preservar a liberdade dos trabalhadores nos locais onde mais se realiza a exploração capitalista.

Cremos que o fundamental da salvaguarda das liberdades conquistadas e da vigilância e defesa perante as forças da reacção reside na liberdade de acção e organização dos trabalhadores portugueses.

b) recusa na aceitação de um modelo de socialismo e recusa da transposição mecanicista para Portugal das vias de passagem ao socialismo. Isto implica e exige a elaboração colectiva de caminhos portugueses para o socialismo que partam «da análise concreta das situações concretas», pois só assim se encontrarão as soluções que conrrespondem exactamente às condições económicas, sociais, culturais e políticas em que se tem movido e moverá, com caracterizações próprias, a sociedade portuguesa.

c) despartidarização dos sindicatos; ou seja independência total dos sindicatos face aos Partidos e aparelhos políticos, o que exige que os trabalhadores e sindicalistas portugueses saibam criar as formas organizativas nos sindicatos e locais de trabalho que permitam o controlo total dos trabalhadores sobre os seus sindicatos. **Só assim há garantias para que os sindicatos se não tornem burocracias ao serviço de compromissos políticos e possam, eles próprios, serem um factor importantíssimo na conquista e na construção da sociedade socialista portuguesa.**

d) existência de um movimento ou Partido político que se construa como órgão de síntese política das diversas lutas sectoriais e de onde possa decorrer uma orientação política global que não seja exterior aos próprios agentes da transformação revolucionária, os trabalhadores. Este movimento político terá ele próprio de ser controlado pelos trabalhdores, deverá corresponder nas formas organizativas que for assumindo às fases da própria luta de classes e ao grau da consciência colectiva dos trabalhadores. A complexidade do conjunto das relações sociais em Portugal exige a existência de um movimento que possa ser a expressão política globalizadora das lutas reais e concretas sem **tolher ou espartilhar** a acção dos diversos sectores de intervenção onde se trava a luta de classe.

QUE SINDICALISMO?

O M. E. S. tem as suas ideias próprias sobre a acção sindical. De outro documento da mesma organização política, transcrevemos esta pequena síntese:

É necessário que vá ficando para um número cada vez mais alargado de trabalhadores a certeza de que não chega a boa vontade das direcções, projectos e fundamentações elaborados por técnicos, negociadores honestos de trabalho e de vida: só a actuação directa dos trabalhadores movimentando-se, fazendo sentir nas fábricas e empresas a sua vontade através de formas concretas que mostrem aos patrões a sua força, é decisiva para essa con-

A luta sindical é, nas presentes condições, e para a esmagadora maioria dos trabalhadores, uma luta pela sobrevivência, que como tal tem de ser continuada e desenvolvida.

É por isso necessário garantir a autodefesa da luta sindical, que o mesmo é dizer que é necessário saber dar resposta adequada à repressão que o patronato exerce sobre alguns, não com o objectivo de atingir esses trabalhadores em particular, mas o conjunto de todos os trabalhadores de modo a paralisar a sua luta.

Para responder a tais atitudes repressivas só há um caminho: **impedir a sua aplicação**. Isto é, se um trabalhador é despedido, **há que impor a sua readmissão**. Se um trabalhador é castigado, **há que obrigar o patrão a levantar o castigo**. Temos de responder aos objectivos que os patrões pretendem atingir com a repressão:

Se se querem ver livres dos mais incómodos temos de nos tornar todos ainda mais incómodos. Se pretendem atemorizar-nos e paralisar a nossa luta temos todos de continuar a luta cada vez com maior determinação.

Neste momento, para um número significativo de trabalhadores, a questão da necessidade da organização sindical surge como uma das mais importantes. No número daqueles que, agora, despertam para a acção sindical, avultam os funcionários públicos e os professores, por um lado e os assalariados agrícolas por outro.

Embora sejam sectores de acção sindical com pesos e importância muito diferentes (de um lado trabalhadores improdutivos de outro lado produtores directos de riqueza) em ambos se impõe uma mesma perspectiva de acção — **é a partir da discussão colectiva dos seus problemas concretos e dos caminhos que se abrem para os resolver que vai nascendo a forma de organização sindical própria a cada sector, e não contrário.**

Portanto, neste momento, a prioridade tem de ser dada à elaboração pelos próprios trabalhadores, e segundo formas de discussão e organização **por eles criadas**, de cadernos reivindicativos.

É levando este processo até às últimas consequências que a luta destes trabalhadores no campo sindical e no campo mais geral da luta de classes se pode vir a pôr ao lado da luta da classe operária.

Só um sindicalismo dirigido pelos operários industriais e pelos assalariados rurais e virado para a efectiva defesa dos seus interesses imediatos de classe pode dar sentido político correcto ao combate sindical de todos os trabalhadores.

O PERIGO DOS BISPOS REACCIONÁRIOS

Ventilou o «D. de L.» de 24/5/74 o tema do «reaccionarismo» episcopal. Se me fosse dado o ensejo, desejaria pensar o assunto que poderá ser tomado como um aviso ao povo do meu país libertado, para estar atento a manobras que, com frescura de água-benta e entre perfume de incenso, podem fazer estiolar o cravo vermelho da revolução do Movimento das Forças Armadas.

A hierarquia católica (entenda-se bispos e padres) é «temperamentalmente» reaccionária, abusivamente autoconstituinte, dogmatizando obscuras conquistas históricas, através de mistificações, forjando documentos e escrituras, a hierarquia agarra-se a posições conseguidas, temendo a crítica dos seus fundamentos e a destruição dos seus mitos, com que tem vindo a alienar os homens, dominando inteligências e consciências.

Na história de Portugal essa hierarquia reaccionária teve sempre um papel preponderante contra o processo de libertação do povo português.

A título de exemplo, recordemos que a Inquisição do século XVII foi um escândaloso instrumento de repressão e reacção, usando processos de investigação e tortura tão refinados e brutais como os da extinta P.I.D.E.-D.G.S., abençoados por papas e comandados por cardeais, bispos e padres.

Em 1910, mais uma vez, a hierarquia católica deu provas do seu espírito reaccionário. Nos últimos tempos, durante a ditadura fascista, foi notável a colaboração hierárquica, directa e indirecta, com as forças repressivas. A vergonhosa atitude em face do exílio imposto ao bispo do Porto. A atitude dos bispos de Moçambique e metropolitanos, perante a repressão sobre o bispo de Nampula, são provas do comprometimento efectivo com a repressão fascista, assim como o abandono dos padres vexados e perseguidos pela tenebrosa P.I.D.E. A atitude ambígua, perante o «25 de Abril», bem patente em duas declarações episcopais, publicadas até agora. A convivência continuada da Santa Sé, a cujas orientações teriam os bispos, sem dúvida, obedecido. Mas estavam todos bem instalados no Paço de Santana, na Nunciatura, na Cova da Moura, na paróquia de S. João de Deus, etc.

A reacção hierárquica não desapareceu. E, neste momento, ela é um certo e enorme perigo.

E incompreensível que alguns bispos não tenham ainda pedido a sua resignação, espontaneamente, como o reclama a consciência cristã e a dignidade da pátria libertada.

O grito demagógico da proclamação da culpa «comum», que pregam tardios oportunistas da moral camaleónica, com que se pretende esfumar responsabilidades, é mais um fenómeno reaccionário, que não tem passado desapercebido a amplos sectores de cristãos livres e libertados.

Admitamos que todos temos culpa. Mas, certamente, que ela não tem em todos o mesmo grau. E não será a culpa que excede a culpa comum, a causa desta e a que deve ser julgada é objecto de penitência especial?

Há padres que sabiam o **número** e o nome dos «padres comunistas» que havia no país. Há bispos e párocos, instituições, que continuam impávidos nos seus postos, de onde narcotizaram e deformaram as consciências dos fiéis, ao serviço do fascismo. Até quando? Foram criminosos. São perigosos. O menos que se deve exigir é afastá-los para onde a sua acção reaccionária seja menos prejudicial. Não pedimos castigo. Pedimos cuidado para preservar a nossa recém-nascida liberdade.

Há excepções. Os que as representam estão nos seus lugares. Os restantes devem seguir o caminho do senhor que serviram.

Urge um saneamento na Igreja. Não basta deitar cinza sobre as brasas; é preciso apagar as brasas e espalhar ao vento carvões e cinzas.

Padre Manuel A. Costa Pinto

REFORMA AGRÁRIA E MEDIDAS URGENTES

Continuação da página um

alterando os esquemas de fiança, é também uma tarefa prioritária.

Em terceiro lugar ou em primeiro, tanto faz) põe-se o problema dos grandes regadios. Mais de dois milhões e quinhentos mil contos foram gastos pelo Governo em obras de fomento hidroagrícola sem considerar a actualização da moeda). Ora este dinheiro saiu dos cofres do Estado, é dinheiro de todo o povo, mas beneficiou quase exclusivamente os grandes proprietários. Mais grave ainda: a maior parte destes regadios são propriedade de agricultores absentistas e portanto explorados em sistema de arrendamento. Daí que o mesmo terreno passasse a ser pago por uma renda de dez ou doze contos, por exemplo, quando antes do regadio a renda não ultrapassaria um conto. Como corrigir esta injustiça de o dinheiro da colectividade ter sido canalizado em favor de meia dúzia?

Também urgente se apresenta a necessidade de desmantelar a organização corporativa da lavoura, que permitia o controlo dos pequenos agricultores por uma minoria de grandes proprietários. O desmantelamento da estrutura fascista impõe também o saneamento das cooperativas agrícolas que geralmente ainda estão nas mãos dos grandes ou muitas vezes proprietários absentistas.

..Muitas cooperativas de transformação feitas com dinheiros do Estado, acabaram por transformar-se em instrumento nas mãos dos grandes para estes se apoderarem da mais-valia industrial, a coberto do auxílio do Fundo de Fomento de Cooperação da Junta de Colonização Interna).

DL __ Tratando-se de lançar acções tendentes a resolver os problemas imediatos, dentro da estrutura actual, parece-lhe que se devem esperar medidas legislativas do Governo ou dever-se-á, antes, fomentar a iniciativa dos camponeses?

R __ O Partido Socialista entende que há determinadas medidas legislativas urgentes que se deverão tomar a nível governamental. Entretanto é preciso ir até junto dos pequenos agricultores e trabalhadores rurais, estimulando-os a agruparem-se em associações e sindicatos agrícolas. As associações de agricultores irão substituir os grémios e outros organismos fascistas, os sindicatos substituirão as «Casas do Povo», aproveitando-se as estruturas físicas existentes.

Mas quando o PS fomenta a criação de sindicatos agrícolas e de associações de agricultores, tem presente a distinção entre os grandes e os pequenos empresários, considerando que os pequenos estão mais perto dos trabalhadores agrícolas que dos grandes empresários. Se os pequenos não conseguirem preservar a sua identidade dentro das grandes associações de lavradores, acabarão absorvidos pelos sócios muito poderosos, como acontecia até agora. Mesmo em termos de reforma agrária, os pequenos agricultores devem considerar-se de maneira diferente dos grandes latifundiários. A reforma agrária que o PS propõe destina-se a dar a posse da terra àqueles que a trabalham. Ora o pequeno agricultor a sua terra já se encontra nesta situação e nada tem que abandonar, ao contrário dos grandes para quem a propriedade da terra serve como instrumento de exploração do trabalho dos outros. Por isso, o PS não vai lutar contra a propriedade privada da terra pelos pequenos agricultores, mas pensa na expropriação dos grandes latifúndios para os entregar aos trabalhadores. Relativamente aos pequenos agricultores, o que é preciso é apoiá-los tecnicamente, fomentar o associativismo através de cooperativas de equipamento, de agricultura de grupo e de comercialização.

Eng.º Lopes Cardoso

DL __ Da sua resposta pode tirar-se a conclusão de que a reforma agrária socialista não implica a abolição da propriedade privada da terra e a colectivização de todos os meios de produção...

R __ Em meu entender, a colectivização dos meios de produção justifica-se pela necessidade de evitar que os proprietários explorem o trabalho alheio. Ora isto não acontece no caso dos pequenos proprietários, que são também os trabalhadores da sua terra. Não nos batemos pela expropriação apenas por fidelidade aos princípios da propriedade colectiva, mas somos contra uma propriedade privada que só possa subsistir com a exploração do trabalhador. Daí o diferente tratamento que propomos para a grande propriedade, a qual só pode manter-se com base na exploração dos trabalhadores e por isso tem de ser abolida. Há exemplos no estrangeiro que nos podem servir. Na Polónia mantém-se a pequena empresa agrícola familiar. Na Hungria, a reforma agrária de 1945 manteve a pequena exploração familiar, repartindo as grandes terras e conseguiu um sucesso económico notável com o incremento da produção; posteriormente, pelo rigor dos princípios, foi-se para a colectivização rápida e absoluta, sem se atender à necessidade da prévia preparação técnica dos agricultores e isto provocou uma crise económica que explica em grande parte a convulsão de 1956, nas vésperas da intervenção armada soviética; finalmente, depois desta data, reviu-se o esquema anterior e estimulou-se o desenvolvimento de cooperativas para a exploração de propriedades de grande área, tendo em conta a preparação dos agricultores.

DL __ Retomemos o fio da nossa entrevista no capítulo das iniciativas que é preciso lançar para resolver os problemas urgentes. Creio que as estruturas fascistas persistem ao nivel dos organismos agrícolas...

R __ O saneamento é urgente, porque os organismos agrários estão sob controlo dos elementos de confiança do governo fascista, os quais tudo poderão fazer para sabotar o processo de renovação das estruturas agrárias. Não houve ainda o sanemento da Federação dos Grémios da Lavoura e dos outros organismos de coordenação económica, como a Junta Nacional do Vinho, a J. N. das Frutas, a J. N. do Azeite, a J. N. dos Produtos Pecuários, organismos que de facto escapam ao controlo da Secretaria de Estado da Agricultura e podem desenvolver uma acção conjuntural com importância decisiva para os agricultores. As direcções das cooperativas devem ser urgentemente substituídas por comissões administrativas assessoradas por delegados do Ministério da Coordenação Económica. O mesmo se diga das direcções dos Grémios e das Casas do Povo, processo que já foi iniciado, a nível local em várias regiões.

Estes movimentos espontâneos de base são importantíssimos como acções de politização e de responsabilização dos camponeses, mas a conjuntura actual não permite que este processo chegue rapidamente até às alavancas que controlam todo o organismo agrícola e podem estar interessados em provocar o caos. Impõe-se que o Governo Provisório tome medidas urgentes de saneamento no topo dos organismos de coordenação económica da agricultura.

DL __ Quando atrás falou dos grandes regadios, disse que eles tinham sido possíveis com dinheiro do Estado e que, por isso, deveriam ser expropriados pelo valor anterior. Parece-lhe isso possível pacificamente?

R __ Infelizmente eu não acredito que os proprietários dos grandes regadios estejam na disposição de largar a propriedade das terras. Ora é de elementar justiça que as terras sobrevalorizadas com investimentos dos cofres do Estado não sejam exploradas por meia dúzia de patrões que pouco ou nada fizeram para essa mais-valia dos terrenos. Além do mais, a água é propriedade colectiva, do Estado. Mas serão eles capazes de compreender isto? Acho pouco provável e tudo vai depender da relação de forças, do avanço que entretanto assumir a democratização das estruturas do País. De qualquer modo, não espero que esta tarefa possa ser levada a cabo na vigência do Governo Provisório.

DL __ Na prática, como sugere que se faça a expropriação dos latifúndios? E quem vai pagar a expropriação?

R __ A expropriação dos regadios para a sua distribuição pelos trabalhadores e rendeiros, pode ser encarada de diversos modos. Na sociedade capitalista que ainda vai ser a nossa por muito tempo, o Partido Socialista pensa que seria possível a expropriação dessas propriedades pelo preço que elas tinham antes das obras de rega feitas pelo Estado. Os latifundiários receberiam portanto um preço equivalente ao seu valor inicial, por hipótese em obrigações do Tesouro amortizáveis em 30 ou 40 anos. Este prazo não é demasiado, pois que estes perímetros regados foram explorados durante muitos anos sem que os latifundiários pagassem qualquer parcela dos investimentos hidroagrícolas, tendo o fascismo publicado um decreto que considerava apenas a amortização de metade da despesa dos empreendimentos estatais, durante 50 anos e sem juros...

DL __ A insistência que põe na necessidade do cooperativismo agrícola leva-nos a pedir-lhe que responda àquela velha acusação de que o povo português seria individualista e não gostaria de associar-se...

R. __ Não é verdade que o nosso povo seja avesso a formas de cooperativismo, como os fascistas apregoaram dizendo que os camponeses são desconfiados e individualistas. Basta recordar a importância que tiveram as Mútuas de Seguro de Gado em várias regiões do País. O que os camponeses sempre rejeitaram foi o tipo de cooperativismo falso que os fascistas lhes queriam impor, em que o povo não participava mas era um simples instrumento.

DL __ Também se diz que os nossos camponeses são muito atrasados e põem resistência às novas técnicas...

R __ Essa é outra acusação contra os nossos camponeses. Efectivamente o fascismo nada fez pela promoção técnica dos trabalhadores e dos pequenos agricultores. Mas é absurdo proceder como se os nossos agricultores fossem incapazes de se promoverem e estivessem por si mesmos fechados ao progresso técnico. A estrutura fascista é que não favorece a difusão das novas técnicas. Porque não basta fazer propaganda das novas técnicas de equipamento e de exploração racional dos solos; é preciso ajudar o agricultor a aplicá-las e facilitar-lhe o crédito para que ele possa desenvolver a exploração.

DL __ Acredita mesmo na capacidade da agricultura portuguesa? Diz-se que os nossos terrenos são pobres e que, por isso, sempre teremos de importar do estrangeiro.

R __ Também não acredito na tão falada fraca potencialidade dos nossos campos. O que está em causa é a necessidade de uma reconversão das suas formas de utilização condicionadas pela actual estrutura agrária. Para isso é preciso dinheiro e encorajamento, porque não basta a boa vontade do agricultor, é preciso saber que a ocupação do terreno depende de todo o sistema económico. E necessário um investimento inicial grande, que tem de ser adiantado pelo Estado, transferindo para a agricultura recursos de outros sectores de produção mais ricos. Claro que sempre se há-de ter toda a cautela para que estas facilidades do Estado sejam em benefício de todos e não outra vez em favor de minorias. Mas desde já se diga que os subsídios transferidos do sector industrial acabariam por beneficiar não apenas o agricultor, mas o trabalhador agrícola e o público consumidor em geral entre o qual se conta a massa dos trabalhadores da indústria e dos serviços) que passaria a dispor de produtos nacionais em quantidade e qualidade e a preços acessíveis. Reduzir-se-ia a importação de alimentos, com efeitos directos no equilíbrio da nossa balança de pagamentos na nossa independência em relação ao estrangeiro, aumentando o bem-estar da população.

DL __ Se a agricultura vier a recompor-se, é possível que muitos emigrantes regressem em pousio. Será isso desejavel?

R __ Não há vantagem nenhuma em que os emigrantes regressem à exploração dos terrenos que abandonaram. Provavelmente alguns o farão. Mas não é isso que interessa neste momento, porque a nossa agricultura ainda emprega cerca de 30 por cento da nossa população activa quando nos países mais desenvolvidos não ultrapassa os 10 por cento da mão-de-obra total. Os emigrantes que voltarem serão, por outro lado, necessários na indústria, tanto mais que no estrangeiro muitos deles já passaram por uma reconversão profissional. Mas isso já é outro problema. O que é preciso é que as terras dos emigrantes não continuem abandonadas, e para tanto se estimule o emparcelamento, a agricultura de grupo e todas as nossas formas de exploração da terra.

AVELINO RODRIGUES